

BRUNA DA SILVA BRANCO



Cereja *do* **Bolo:**

*mãos literárias de
pessoas surdas idosas*

Bruna da Silva Branco

CEREJA DO BOLO:

mãos literárias de pessoas surdas idosas

Tese apresentada, ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lodenir Becker Kamopp

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nº 140286/2021-7

Tradução Libras/Português: Marisa Gorete Berkenbrock dos Santos

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Branco, Bruna da Silva

Cereja do Bolo: mãos literárias de pessoas surdas
idosas / Bruna da Silva Branco. -- 2023.

139 f.

Orientadora: Lodenir Becker Karnopp.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Surdos idosos. 2. Literatura Surda. 3.
Interculturalidade. 4. Narrativa Experiência Pessoal.
I. Karnopp, Lodenir Becker, orient. II. Título.

CESSÃO DE DIREITOS

Nome da Autora: **Bruna da Silva Branco**

Título de Tese: **Cereja do Bolo: mãos Literárias de pessoas surdas**

Grau: **Doutorado** Ano: **2023**

É concedida à Universidade Federal Rio Grande do Sul permissão para reproduzir cópias desta tese de doutorado para única e exclusivamente propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta tese de doutorado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.



Versão do resumo ampliado da tese em Libras, com legendas em português.

Bruna da Silva Branco

CEREJA DO BOLO:

mãos literárias de pessoas surdas idosas

Tese apresentada, ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Educação.

Área de concentração: Estudos Culturais em Educação.

Orientadora: Lodenir Becker Karnopp

Tese apresentada em 31 de outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora

Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Graciele Marjana Kraemer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Gisele Maciel Monteiro Rangel
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Alvorada

Profa. Dra. Renata Ohlson Heinzelmann Bosse
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Alvorada

Dedico este trabalho para as pessoas surdas idosas brasileiras, sem vocês não estaria aqui escrevendo a tese! Esta contribuição de vocês será para a comunidade surda ler suas narrativas. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Numa **narrativa de experiência pessoal**, a verdadeira, a própria pesquisadora Azul é quem deve narrar sobre sua gratidão. Escreverei sobre algumas pessoas que, somente no período da tese, acompanharam-me nestes três anos.

Eu gostaria de narrar uma relação diferente com o ato de comida. A comida não é só para comer, porque sempre há histórias, com sabores, emoções, medos, dores e sentimentos, e isso transmite-se a cada dia de vida.

Agradeço ao **CNPq**, que ocupa um lugar essencial na vida de quem escreve e pesquisa, com a concessão da bolsa, para termos tempo de estudos e, em meu caso, também para me sustentar de comida.

Ao **PPGEDU**, comigo em várias histórias, sobretudo os professores, colegas, grupo de pesquisa GIPES, TILS e até o Antônio Lanches, no qual íamos para termos energia para estudar.

À grande narradora e orientadora **Lodenir Becker Karnopp**, por nossos encontros de orientação, sempre com café, guloseimas e água na sobremesa, sempre compartilhando a sua experiência e narrativa sobre as nossas vidas em meio à comunidade surda.

À grande tradutora virtual, **Marisa dos Santos**, que se dedicou e esteve presente desde meu mestrado ao doutorado, acompanhou-me em minha vida acadêmica, não somente com sabores e sensações, mas também com histórias, emoções, medos, dores e sentimentos.

Às professoras da banca examinadora: sei que gostam de tomar chimarrão, como gaúchas, **Gisele Rangel**, **Renata Heinzemann** e **Graciele Kraemer**, em todos os lugares sempre as encontro “segurando a cuia de chimarrão”, é uma forma de expressar-se, líquido que também pode narrar uma história de vida.

A meus companheiros de comida ao longo da vida:

À **minha mãe, Nara Regina**, sempre especial na minha vida toda, e no que nós amamos: comer pipoca enquanto assistimos a TV.

A **Márcia Kalamarz**, tem cheiro de experiência de vida, entre as famílias de surdos e na comunidade, com sabores para me compartilhar.

Ao **Marcelo Bertoluci**, todos os dias pela web, no horário de jantar, recebendo meu diário de desabafo da tese.

A **Carolina Hessel**, excelente parceira de encontro do café, lugar que compartilhamos para conversar e recordar sabores e histórias que perduram em nossas vidas.

Ao **Cláudio Mourão**, obrigada por compartilhar suas experiências de mãos literárias na literatura surda.

À **Comunidade Surda**, várias pessoas não cabem aqui, mas sempre presente em minha vida e nos encontros mais importantes: coffee-breaks, churrascos e chimarrão. E, por último, quero compartilhar minha grande gratidão às mãos literárias das pessoas surdas idosas: **Aparecida Rossi, Arlindo Gomes, Francisco Lima, Luiz Renato e Verônica Chiden**, por aceitarem compartilhar seus sabores de cheiros de vida e transmitir seus aromas aos cinco cantos do Brasil.

O poema do silêncio

Seja quietão, quieta, quietinha.

Isto alguns compreendem mas...

Livro nenhuma explica:

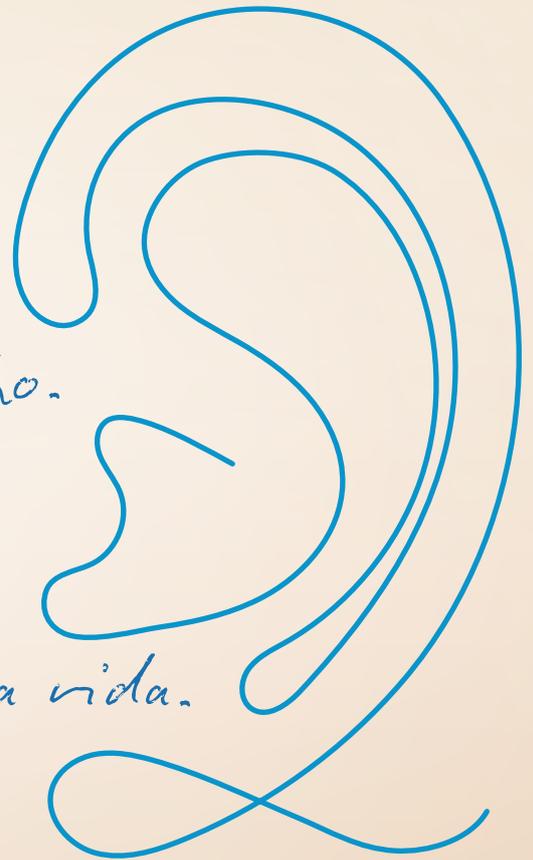
Eu nasci no silêncio.

No silêncio não tem barulho.

Com tuas mãos em sinais.

Impossível será melhorar a vida.

O milagre é até o fim.



Serômica Lotiden

1990

RESUMO

Esta tese apresenta a pesquisa sobre de que modo narrativas sobre interculturalidade são produzidas pelas mãos literárias de pessoas idosas. Os objetivos específicos foram: resgatar e registrar narrativas produzidas por pessoas surdas idosas e identificar as (possíveis) contribuições das mãos literárias para a área de educação. Percebeu-se, na pesquisa sobre o quantitativo de materiais publicados por pessoas surdas idosas, relacionados às narrativas, uma escassez de produções. É relevante destacar que esta pesquisa está atrelada aos Estudos Culturais e Estudos Surdos. Pensa-se no conceito de interculturalidade porque as mãos literárias das pessoas surdas idosas vivem na sociedade, no uso narrativo de suas experiências pessoais surdas, no narrar as suas vidas cotidianas. Como metodologia, foram realizadas entrevistas com cinco pessoas surdas idosas, uma de cada região do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul. Três homens e duas mulheres, a partir de 60 anos, idosos na acepção da lei brasileira. As entrevistas foram filmadas, traduzidas, transcritas e, posteriormente, analisadas, tendo em vista o valor das mãos literárias em contato com a literatura surda e a convivência social (família, escola e colegas de trabalho), na interculturalidade, no contato entre culturas diferentes. Foram apresentados os perfis dos entrevistados, que, embora possuidores de formações diferentes, produziram narrativas de experiências de vida semelhantes: desde a leitura, como ocorria a comunicação com a família, entre colegas e amigos ouvintes. Como resultado das análises, viu-se que a interculturalidade ocorre na comunidade surda, na relação com a diferença, com o outro. Desse modo, concluiu-se que é preciso que mais vídeos sejam registrados, principalmente das pessoas surdas idosas no Brasil, pois as mãos literárias precisam de registro, especialmente a narrativa pessoal da experiência de ser surdo, que ensina modos de ser surdo para gerações futuras. Ao aumentar-se a circulação de vídeos na internet, espera-se que a cultura surda seja mais difundida e consumida.

Palavras-chave: **Surdos idosos. Literatura Surda. Interculturalidade. Narrativa Experiência Pessoal. Libras.**

ABSTRACT

This thesis presents research into how narratives about interculturality are produced by the literary hands of elderly people. The specific objectives were: to rescue and record narratives produced by elderly deaf people and to identify the (possible) contributions of literary hands to the area of education. In the research on the quantity of materials published by deaf elderly people, related to narratives, a scarcity of productions was noticed. It is important to highlight that this research is linked to cultural studies and deaf studies. The concept of interculturality is thought of because the literary hands of elderly deaf people live in society, in the narrative use of their personal deaf experiences, in narrating their daily lives. As a methodology, interviews were carried out with five elderly deaf people, one from each region of Brazil: North, Northeast, Central-West, Southeast and South. Three men and two women, aged 60 and over, elderly within the meaning of Brazilian law. The interviews were filmed, translated, transcribed and subsequently analyzed, taking into account the value of literary hands in contact with deaf literature and social coexistence (family, school and co-worker), in interculturality, in contact between different cultures. The profiles of the interviewees were presented, who, although they had different backgrounds, produced narratives of similar life experiences: from reading, to how communication occurred with family, among colleagues and listening friends. As a result of the analyses, it was seen that interculturality occurs in the deaf community, in the relationship with difference, with the other. Therefore, I conclude that more videos need to be recorded, especially of elderly deaf people in Brazil, as literary hands need recording, especially the personal narrative of the experience of being deaf, which teaches ways of being deaf for future generations. By increasing the circulation of videos on the internet, it is expected that deaf culture will be more widespread and consumed.

Keywords: Elderly Deaf People. Deaf Literature. Interculturality. Narrative Personal Experience. Brazilian Sign Language.

LISTAS DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Relatório Imperador	18
Figura 2 – Logotipo como marca pessoal	22
Figura 3 – Captura de tela do vídeo “Culinária de receita Branca de Neve”	23
Figura 4 – Registro de entrevista.....	24
Figura 5 – Modelo surdo para crianças surdas	25
Figura 6 – Poema Eu não sou	26
Figura 7 – Vídeo piada A gaiola de Pássaro	27
Figura 8 – Repositório Artístico Arte de Sinalizar.....	28
Figura 9 – Live Slam Live Mãos.....	30
Figura 10 – 1º Live Mãos Arretadas	30
Figura 11 – Live Slam 9	31
Figura 12 – Live Slam LGBTQ+.....	31
Figura 13 – Comunidade surda: experiência compartilhadas	57
Figura 14 – A forma da tradução	60
Figura 15 – O Livro.....	63
Figura 16 – Perfil da Verônica Chiden - Região Sul	89
Figura 17 – Perfil de Aparecida Rossi - Região Centro-Oeste	90
Figura 18 – Perfil de Luiz Mendes - Região Sudeste.....	91
Figura 19 – Perfil de Francisco Lima - Região Nordeste	92
Figura 20 – Perfil de Arlindo - Região Norte.....	93
Figura 21 – História em Quadrinhos: That Deaf Guy em português	100
Figura 22 – Sinal de História.....	108
Figura 23 – Apostila sobre a Prisão de Mandela	112
Figura 24 – Primeira Pintura da Verônica	115
Quadro 1 – Produções acadêmicas nos estudos surdos até 2023.....	52
Quadro 2 – Produções de literatura surda	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: CEREJA DO BOLO	13
2	TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA AZUL	22
3	INGREDIENTES: ESTADO DA ARTE	33
4	CAMADAS DOS ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS SURDOS EM EDUCAÇÃO	44
4.1	GOTAS DE INTERCULTURALIDADE	49
5	A PRODUÇÃO DE NARRATIVA: EXPERIÊNCIA DAS MÃOS LITERÁRIAS	60
6	MODO DE PREPARO: METODOLOGIA	78
6.1	ENTREVISTA NARRATIVA: PRESENCIAL E ONLINE	80
6.2	PREPARAÇÃO DA ENTREVISTA: LUZ, CÂMERA...AÇÃO	86
7	COBERTURA DE CEREJA DO BOLO	98
7.1	DIFERENTES, DESIGUAIS E DESCONECTADOS.....	99
7.2	“NÃO, NEM CONHECIA A LITERATURA SURDA”: ANÁLISE DAS MÃOS LITERÁRIAS.....	108
7.3	ANÁLISE DAS MÃOS LITERÁRIAS: INES E OUTRAS ESCOLAS.....	117
8	PODE SERVIR NA MESA	124
	REFERÊNCIAS	130
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	137

1 INTRODUÇÃO: CEREJA DO BOLO

Bem-vindo à degustação da minha tese, espero que não devorem tão rápido, sejam pacientes e saboreiem a leitura. Eu tive uma ideia! Convidar os amigos para uma reunião. Não é uma festa. É uma celebração mais “tranquila”, para podermos comemorar e, também, entender melhor o que cada um pensa, opina, dá exemplos, ensina. Uma reunião, ao modo tradicional dos surdos, com uma mesa circular grande, muitas cadeiras, e, claro, algo para degustar.

Mas qual o motivo dessa reunião? É urgente? Pode ser ano que vem? Esse encerramento do semestre? Não. Esse encontro, creio que seja urgente. Não é só a minha opinião, pois até a entrevistadora idosa surda Aparecida deixou mensagem para esta tese: **é importante trazer bastante informações do mundo e também como os surdos vivem hoje e como foi no passado para os surdos mais velhos.** Mas uma série de pesquisadores têm mostrado a necessidade de pensar nos Estudos Surdos. Aqui, compreendo os Estudos Surdos a partir da Cultura e da Educação.

Vale lembrar que concluí o Mestrado em Educação na linha de pesquisa dos Estudos Culturais (EC) em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), tendo como objeto de estudo o consumo e a formação em Letras Libras como investimento em capital humano (Branco, 2019). Meu objetivo no tema de pesquisa era entender as razões que levaram pessoas surdas a realizarem uma segunda graduação. Contudo, percebi que meu desejo era de fato poder relacionar estudos com a Literatura. Assim, percebi no doutorado a oportunidade de investigar, obter experiências, com mais tempo e participação envolvidas com a Literatura Surda. Esses foram os motivos que me levaram a escolher então o doutorado e o tema.

É fato que o período da pandemia, vivenciado por todos, foi um impulsionador, desafiou-me muito, pois era muito evidente em redes sociais a presença dos vídeos em Libras, de diferentes tipos, mostrando o quanto a Literatura influenciou fortemente a produção de vídeos. Foi nesse período que senti a necessidade de associar essa vivência com as experiências das pessoas idosas surdas.

Sim, um período bem reflexivo, acerca dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais, contemplados também na educação. Assim, pretendo pensar a interculturalidade nesse contexto e em como a sociedade se organiza com a comunidade surda, mas principalmente como se conecta a partir de diferentes

experiências culturais. Acerca do interesse pela literatura surda, escreverei de maneira mais detalhada na seção *Trajatória da pesquisadora azul*.

A expressão *A Cereja do Bolo* é, em minha perspectiva, uma metáfora que tem muito em comum com as pessoas surdas idosas. Estes indivíduos são, de fato, especiais e ocupam uma posição importante em todo o contexto da comunidade surda. A vasta experiência e sabedoria que acumularam ao longo da vida são fundamentais para enriquecer o nosso acervo de conhecimentos sobre essa comunidade. Suas vivências e histórias preenchem as lacunas do nosso entendimento sobre este grupo, sendo assim, a "cereja do bolo" enriquece nossa compreensão.

Essa comparação se torna ainda mais evidente quando falamos de histórias, narrativas e literatura surda. As pessoas surdas idosas representam a geração que preserva essas narrativas, informações e orientações, transmitindo-as às gerações futuras. Portanto, o registro desses fatos é não apenas valioso, mas também imprescindível, para a preservação e continuidade da cultura e identidade da comunidade surda.

A partir da articulação acerca do título *CEREJA DO BOLO: mãos literárias de pessoas surdas idosas*, por que escolhi esse tema e foco nesse público em específico? Ainda, por qual motivo associar mãos literárias? Bem, começarei com os argumentos que me levaram a essa escolha.

Os surdos idosos continuam, nos dias de hoje, a transmitir a sua herança cultural aos mais novos, contando-lhes histórias, sobretudo nas associações, onde se sentem em 'casa'. Ali, faziam-se concursos de teatro, de contadores de histórias e de humor. No entanto, com o aparecimento da internet e do telemóvel, os valiosos encontros entre grandes grupos heterogêneos de surdos tornaram-se cada vez mais reduzidos (Morgado, 2011, p. 28).

Nesse diálogo com Marta Morgado, pesquisadora surda, vale destacar como é importante que as pessoas surdas idosas estejam em maior circulação na comunidade surda, na educação, nas redes sociais e na internet de forma geral. Assim, ganha-se mais visibilidade e evidencia-se todo o 'acervo' de conhecimentos e experiências a serem compartilhadas. Morgado (2011) comenta sobre a redução desses grupos, mas a intenção aqui é mostrar o quanto podemos, sim, mantê-los e ampliá-los, ao considerar a importância de tudo o que seus registros e produções

podem fazer de diferença na história e na comunidade surda. Franciele Martins (2013, p. 74) explica ganho surdo (*Deaf Gain*) como “empoderamento”, cita:

Empoderamento é condição para *Deaf Gain*, por isso acredito que é importante envolver o poder no mundo surdo. Surdos lutam pelos seus direitos, nesse momento começam a mostrar o que eles têm no seu mundo, lutam para outros sujeitos surdos, em diferentes países, aumentam as pesquisas e conhecimentos científicos, cada vez mais.

O **ganho surdo**, termo potente para a comunidade surda, como a maioria do povo surdo nasce em família ouvinte, é quando há enriquecimento de informação sobre o ser surdo. Franciele Martins (2013, p. 77) explica a experiência dos surdos e as relações interculturais:

Na vida dos surdos, além de muitas experiências e convivências, encontramos positivities. Muitas pessoas surdas superam as barreiras impostas em suas vidas. Há aqueles que convivem com os ouvintes, que desenvolvem suas pesquisas e fazem descobertas científicas na área da linguística, educação, antropologia, psicologia, entre outras áreas.

Como nasci surda em família ouvinte, comunicava-me com minha mãe por Libras; estudei numa escola de surdos, alguns professores ouvintes sabiam Libras, mas fiz cursos com ouvintes, sem intérprete de Libras; um colega aprendeu Libras comigo, sem curso de Libras, mas como são nossas relações interculturais? São diferentes e vão se constituindo culturalmente por meio da Língua de Sinais, de experiências visuais, por exemplo ouvintes ouvem som e surdos veem, portanto as experiências são diferentes. Nestor Canclini (2017, p. 17) explica o conceito de interculturalidade, enfatizando que ele envolve negociação, conflito e empréstimos recíprocos:

De um mundo multicultural – justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação – passamos a outro, intercultural e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos.

Os surdos exploram mais suas experiências visuais, entendem e tentam viver em sociedade, buscam a integração por meio de artefatos culturais, a fim de obter uma comunicação que as contate a diversas pessoas, como ganho surdo. A concepção de interculturalidade, relação dos surdos e ouvintes, envolve sempre negociação e conflito, principalmente de natureza política. Atualmente, a profissão de intérpretes de Libras é uma acessibilidade para o povo surdo, de modo que o curso de Letras Libras Bacharelado para a formação do profissional intérprete de Libras e outras possibilidades são ganhos para que os surdos possam se integrar na sociedade com ouvintes.

Não podemos descartar a complementação de Thomas Holcomb (2011, p. 140), de que “[...] a maioria dos surdos tem pais não surdos, e a maioria destes não sinaliza. Por conseguinte, muitos surdos não recebem acesso à língua visual durante o crescimento, dificultando o acesso a informações em casa”. Como bem exposto pelo autor, muitos surdos têm pais ouvintes, e muitos deles não têm acesso à Língua de sinais, por consequência, há falta de acesso à informação, prejuízo no desenvolvimento educacional desses surdos, que têm dificuldade de compreender muitos dos assuntos e acabam por apresentar atraso de aprendizagem pelas consequentes perdas de informações decorrentes da falta de acesso à língua.

O autor reforça que os surdos precisam de acesso aos vídeos de Língua de Sinais, “[...] hoje, com o advento de *paggers* de texto e vídeo, a informação é trocada com maior rapidez do que antes, possibilitando que os surdos ofereçam suporte uns aos outros de modo mais eficiente” (Holcomb, 2011, p. 144). Logo, reafirmo a importância da gravação dessas entrevistas em Libras e de todas as informações que serão contempladas sobre o passado de cada surdo idoso, por exemplo, como eram as relações com seus familiares, a tecnologia tem colaborado, a literatura, com tudo isso, tem evoluído? São questões a serem observadas nas entrevistas.

A pesquisa busca provocar o entendimento sobre o que tem a ver a literatura das pessoas surdas idosas, mostrando que não são somente os livros em registro impresso que mantêm o que é cultura surda, mas o que conserva a cultura surda viva são, em boa medida, as mãos literárias, ou seja, as contações de histórias registradas em vídeos, tudo que não foi esquecido por quem um dia vivenciou e trouxe consigo suas memórias da cultura surda.

Em 1913, o surdo George Veditz, ex-presidente da *National Association of the Deaf* (NAD), foi uma das primeiras pessoas surdas a filmar no mundo, processo por ele chamado de *Preservação da Língua de Sinais* (*The Preservation of Sign Language*), com o intuito, entendo eu, de pedir que a comunidade surda continuasse a preservar a Língua de Sinais. Para George Veditz (1913), a tecnologia favoreceu a visibilidade e a visualidade da Língua. Era uma forma de proteger a Língua de Sinais, posto que havia uma preocupação com a possibilidade de ela aos poucos se esvaír, a partir da influência do oralismo na época.

A impressão que tenho é a de que ele pretendeu fazer uma chamada de atenção aos surdos, acerca da necessidade do registro, inclusive para futuras gerações. Bem, essa divulgação data de mais de um século já, como visto, no ano de 1913, preocupação e valorização do e para o povo surdo, numa determinação em defender e se empoderar da Língua de Sinais como sendo de fato a sua primeira língua. Aqui, entendo também que, embora os surdos vivam em um lugar com outra língua falada, a sua é a Língua de Sinais e é a primeira, porque garante a comunicação e a contextualização.

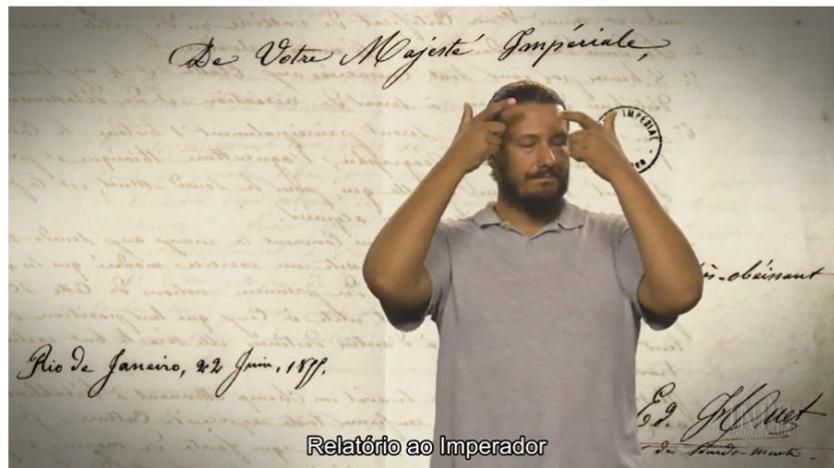
Os autores Sherman Wilcox e Phyllis Wilcox (2005), Christopher Krentz (2007), Ana Regina Campello (2008), Carolina Silveira (2015) e Cláudio Mourão (2016) fazem a defesa, também, igualmente a Veditz, sobre a importância da preservação da Língua de Sinais. Christopher Krentz (2007, p. 55) explica que:

Da mesma maneira, a tecnologia de filmagens teve um papel importante em preservar a literatura e a história da Língua de Sinais Americana. Veditz ficou preocupado com a divulgação do oralismo e entristecido que muitos sinalizantes do século 19 faleceram sem terem sido gravados. Veditz arranhou para que ele mesmo, Robert P. McGregor, Edward Miner Gallaudet e outros quatro mestres de *American Sign Language* aparecessem nas filmagens NAD. 'Nós queremos manter e preservar os sinais que esses homens usam agora para manter e passar isso para futuras gerações' ele disse (citado em Padden e Humphries, 1988, p. 56).

Os vídeos são muito importantes para a comunidade surda de forma geral, pois contemplam a todos os surdos, que podem acessar a informação do material de maneira visual, pela Libras. Mesmo que tenhamos um texto, até porque moramos no Brasil e temos também a Língua Portuguesa – por isso somos bilíngues –, o vídeo permite uma relação melhor com essa informação escrita. Ainda, o fato de existir o material em vídeo acentua o empoderamento surdo e seu protagonismo.

Vale lembrar aqui que, no Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), desde sua fundação, favoreceu a emergência da literatura surda no Brasil, pelo fato de os surdos estarem juntos e compartilharem a Língua de Sinais.

Figura 1 – Relatório Imperador



Fonte: Repositório Digital Huet .

Além disso, temos a produção de livros, publicações ou vídeos em Libras (na época videocassete), que podem ser encontrados no INES. Como se fosse um mar a ser desbravado, a partir desse lugar esses registros, em crescente disseminação, apresentam-se em diferentes formatos: temos registros históricos, como a carta manuscrita de Eduard Huet para Dom Pedro II com tradução para Libras, disponibilizada em vídeo. Marianne Stumpf e Ramon Linhares (2021, p. 36) destacam:

Considerar o sujeito Surdo significa compreender sua função histórica, social, cultural e, principalmente, educacional. Assim, é importante resgatar seu passado e suas atuações recentes no sentido de entender suas conquistas e as transformações que emergiram e ganharam força para legitimar seu espaço de direito e de fato na escola brasileira.

Como visto, as cartas são registros que perduram até hoje e, desde então, muitas são as produções que encontramos. Atualmente, são inúmeras as produções de literatura surda e em áreas diversas, como a educação, linguística e tradução, entre outras, que aos poucos foram se ampliando e hoje assumem grandes proporções. A intenção é evidenciar que não se pode simplesmente apagar o que se passou com os

surdos idosos, mas deve-se dar continuidade às suas narrativas e demonstrar sua importância. Para acrescentar, trago Cláudio Mourão (2016, p. 16), quando comenta:

Existem produções das mãos literárias de obras surdas divulgadas por meio da mídia como redes sociais, sites, vídeos e materiais impressos. Tais produções são adaptações, traduções e criações em vários gêneros literários, para que os surdos tenham acesso à literatura, aos valores de ser surdo e à tradição cultural dos contadores das histórias. Desse modo, ocorre a circulação e o consumo das marcas identitárias, das mãos literárias e da cultura surda.

Assim como explicado pelo autor, essa experiência das mãos literárias está em constante movimento, em circulação, e não se pode apagar, mas, sim, deve-se permitir que tenha continuidade de forma ininterrupta.

Para contemplar todas essas questões, o **problema de pesquisa** que apresento envolve uma investigação sobre: de que modo narrativas sobre interculturalidade são produzidas pelas mãos literárias de pessoas surdas idosas?

O **objetivo principal** é analisar narrativas sobre interculturalidade, a partir de narrativas produzidas pelas mãos literárias de pessoas surdas idosas. Os **objetivos específicos** são os seguintes:

- Resgatar e registrar narrativas produzidas por pessoas surdas idosas.
- Identificar as (possíveis) contribuições das mãos literárias para a área da educação.

Para a produção do material de análise, realizei entrevistas com cinco pessoas surdas idosas, no formato online e/ou presencial, a partir dos seguintes critérios: surdos de diferentes regiões do Brasil: Norte (Belém/PA), Nordeste (Fortaleza/CE), Sudeste (Uberaba/MG), Centro-Oeste (Goiânia/GO) e Sul (Porto Alegre/RS). As cinco pessoas idosas surdas tinham mais de 60 anos de idade. O detalhamento metodológico será realizado na seção 6.

As entrevistas, como já comentado, serão com pessoas de diferentes estados, pois a ideia é evidenciar a força que as mãos literárias têm em conseguir fazer circular essas narrativas, a Literatura. A comunidade surda está presente em diferentes lugares do território nacional, principalmente quando se fala de escola para surdos e a área esportiva. São áreas que acabam sempre se conectando e facilitando os movimentos de encontros. Sem esquecermos das associações e seus eventos, como festas que atraem surdos de diferentes regiões, mas aqui com foco específico nas

peças surdas idosas. A intenção da entrevista é saber como mantinham esse contato, essas interações, morando em estados diferentes, em espaços geográficos tão distantes e como foram se fortalecendo, favorecendo a circulação das mãos literárias

A professora Lucyenne Vieira-Machado (2007), em sua dissertação de mestrado, escreveu sobre as *Traduções e marcas culturais dos surdos Capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história*. Ela realizou entrevistas envolvendo três gerações de surdos, das décadas de 1970, 1980 e 1990, observando as traduções e a cultura surda dos surdos capixabas. Essa dissertação ajudou em minha pesquisa, quando se trata do conceito de narrativa e da organização metodológica para as entrevistas, duas questões que colaboraram muito com meu trabalho. Segundo ela, “[...] as narrativas são experiências que passam de pessoa e logo esse intercâmbio de experiências cria laços simbólicos, quando há grupos de surdos reunidos, conversando e narrando” (Vieira-Machado, 2007, p. 65). Igualmente ao que apresento aqui, uma pesquisa com pessoas surdas idosas que fizeram circular suas narrativas e sempre interligadas às mãos literárias.

A professora Rachel Sutton-Spence (2021, p. 76) explica o que é narrativa de experiência pessoal surda (NEPS) e que a história apresenta sinais de sua época, conta sobre lugares, atividades cotidianas, atitudes e costumes que agora mudaram e que fazem parte da história social dos surdos brasileiros. O método escolhido, melhor descrito na seção 6, foi a entrevista narrativa e individual da pessoa surda idosa. A entrevista com Verônica foi a única entrevista presencial na entrevista; com Aparecida, Arlindo e Luiz as entrevistas foram feitas por meio da plataforma StreamYard, enquanto Francisco gravou o vídeo e me enviou pelo WhatsApp. Os vídeos dos entrevistados foram editados e posteriormente postados em meu canal privado no YouTube. Encaminhei vídeos para tradutores realizarem transcrições de Libras para português. Tanto eu, a pesquisadora, como a orientadora, Lodenir Karnopp, revisamos os vídeos e a tradução em português, porém, no caso do material de Luiz, precisamos de outra revisora, a filha do entrevistado, que nos fez a revisão de português. O desenvolvimento da análise, pela pesquisadora azul, deu-se pelo ato de assistir aos vídeos dos entrevistados, principalmente observando a interculturalidade e a narrativa de experiência pessoal pelas mãos literárias das pessoas surdas e idosas.

Esta tese possui 8 seções ou capítulos:

Na primeira seção, realizo esta breve introdução, na qual apresentei o problema da pesquisa e seus objetivos.

Na segunda seção, apresento minha trajetória e minhas experiências com as mãos literárias.

Na terceira seção, apresento os ingredientes, o que significa o estado da arte, relacionado aos temas como palavras-chave e algumas publicações que puderam me ajudar em minha pesquisa.

Na quarta seção, *Camadas dos Estudos Culturais e Estados Surdos em educação*, escrevo sobre Estudos Culturais e a palavra-chave com Raymond Williams, com a subseção da gota de interculturalidade nos estudos surdos.

Na quinta seção, *A produção de narrativa: experiência das mãos literárias*, desenvolvo a teoria da experiência das mãos literárias como uso da narrativa de experiência pessoal surda relacionada a vídeos literários.

Na sexta seção, *Modo de preparo: metodologia*, trago como preparei os aspectos metodológicos para o desenvolvimento das entrevistas e algumas narrativas dos idosos surdos.

Na sétima seção, *Cobertura de cereja do Bolo*, apresento trechos das narrativas e experiências dos surdos idosos.

Por fim, a conclusão: *Pode servir na mesa*, em que penso a importância da contribuição e uso de materiais narrativos de experiências de pessoas surdas na educação.

2 TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA AZUL

Leitores, bem-vindos à minha história: vou escrever sobre a paixão pela cozinha e pela literatura desde minha infância. A minha experiência com as mãos literárias e associada à Literatura surda acontece por toda a minha trajetória, desde os trabalhos, os festivais e eventos dos quais participei com foco nessa área artística e da literatura. Bem, sobre a cor azul, ela sempre foi a minha cor preferida, desde criança: esse é o motivo da escolha do tema, eu, pesquisadora azul, por conta dessa predileção e por se tratar de mim. Bom, encantei-me com o livro intitulado *A cozinha encantada dos Contos de Fadas*, da autora Katia Canton (2015), não resisti e o comprei. Inspirada nessa leitura, acabei propondo a criação de um logotipo com a imagem de meu rosto com óculos e um livro em tons vermelho, conforme segue a imagem:

Figura 2 – Logotipo como marca pessoal



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Criei esse logotipo a fim de seguir as receitas inspiradas em contos de fadas e fazer vídeos de culinária com receitas que envolvam histórias sobre a possível origem de comidas ou alguns contos das fadas. A produção desses vídeos começou durante a pandemia, mais especificamente em 2020, quando comecei a fazer um curso de culinária francesa em formato online e também assisti a um programa de culinária, na rede de televisão Band, chamado MasterChef Brasil. No primeiro vídeo, apresento a história do requeijão em Poços de Caldas, Minas Gerais, e ensinei como prepará-lo. O vídeo é destinado a todos os públicos, que podem assisti-lo em Libras

e Português (voz e legendas), sendo que, em relação às crianças, elas devem ter alguém as acompanhando na cozinha. Já produzi três vídeos até hoje, disponibilizei-os apenas no *Instagram*, que é uma rede social que compartilha fotos e vídeos. Quem sabe, após o doutorado, darei continuidade a esse programa de culinária e literatura.

Para começar, escolhi a Branca de Neve, do registro no Instagram @bsbrancop, pois é um dos meus contos de fadas favorito. Para produzir o vídeo, usei vestido amarelo, para associar-me à Branca de Neve.

Figura 3 – Captura de tela do vídeo “Culinária de receita Branca de Neve”



Fonte: Instagram @bsbrancop (2023) .

Creio que há várias cenas da minha história de vida com a temática da Branca de Neve, mas por quê? Não sei como começou, nem minha mãe lembra, mas umas das cenas marcantes da minha infância foi meu primeiro aniversário de 3 anos com a festa temática de Branca de Neve. Eu usava vestido azul, como já mencionei, minha cor favorita até hoje. Como o busto do vestido da Branca de Neve era azul, inspirei-me nessa cor para inserir no subtítulo deste projeto a expressão “pesquisadora azul”. Além disso, essa cor me remete às lembranças de quando eu fazia teatro na escola de surdos, momentos que foram os melhores da minha vida, em que eu era protagonista e atriz: usando vestido branco com capa, como Branca de Neve.

Considerando minhas experiências e vivências com a comunidade surda, sou muito curiosa pelas histórias e, quando aluna de uma escola de surdos, a Escola

Especial Concórdia-ULBRA, da Pré-Escola até o Ensino Médio; como era minha segunda casa, lembro de uma cena captada pelos meus olhos, na biblioteca. Minha professora surda, Cláudia Fialho, era conhecida como a primeira surda contadora de histórias em Língua de Sinais e eu adorava assisti-la sinalizando diversas histórias, mas não esqueço dos contos de fadas, como o da Chapeuzinho Vermelho. Gostava de ir à contação de histórias, não podia faltar uma aula para não perder conteúdos que tanto me instigavam, sendo que a mais marcante foi a lenda do Minotauro.

Em 2000, na aula de Português, tivemos uma atividade: fazer a tradução do Hino Nacional em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e realizar uma apresentação para alunos na escola, haveria inclusive uma votação das melhores traduções. Na época, nem sabia o que isso significava, mas achava que era cantar com Libras, e eu, com mais duas meninas, ganhamos. Tenho esse registro único em reportagem publicada no jornal Diário Gaúcho.

Figura 4 – Registro de entrevista

DEFICIENTES DÃO O EXEMPLO

Uma hora cívica muito especial

RESUMO DA NOTÍCIA
Os 206 alunos da Unidade de Ensino Concórdia, para deficientes auditivos, se emocionaram com a interpretação do Hino feita por três colegas.

LIS ALINE SILVEIRA
Os 206 alunos da Unidade de Ensino Especial Concórdia, em Porto Alegre, uma escola de ensino infantil, fundamental e médio destinada a portadores de deficiência auditiva, encontraram uma maneira muito própria e especial de expressar seu amor à Pátria.
Na manhã de ontem, durante a

hora cívica, as alunas Bruna Branco, 13 anos, Renata Taborda, 14, e Joseane da Rosa, 15, estudantes da 7ª série, interpretaram o Hino Nacional Brasileiro na Língua Brasileira de Sinais (Libras).
Coordenadas pela professora Marianne Stumpf, que também é deficiente auditiva, as estudantes ensaiaram durante um mês a coreografia

do Hino, num trabalho inédito no Estado.

● Sentimento
A apresentação também comemorou os 35 anos da Escola Concórdia, que há três anos pertence ao Centro Tecnológico da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra).
– O deficiente auditivo também faz parte da sociedade. Nada mais justo do que expressar seu sentimento pela Pátria através da linguagem com que tem mais afinidade – afirma a professora Tânia Maria Fleck Brittes, que dá aulas de História e Geografia na

Concórdia.

● Aplausos
Usando a linguagem de sinais, a aluna Bruna explicou toda a alegria de participar da hora cívica e interpretar o Hino para os colegas.
– Fiquei muito emocionada, pois a apresentação combina com o nosso jeito de nos comunicar. Gosto do Brasil por ser um país onde se tem liberdade.
Ao final da apresentação, as três meninas foram muito aplaudidas, à maneira dos surdos: todos ergueram os braços e agitaram as mãos.



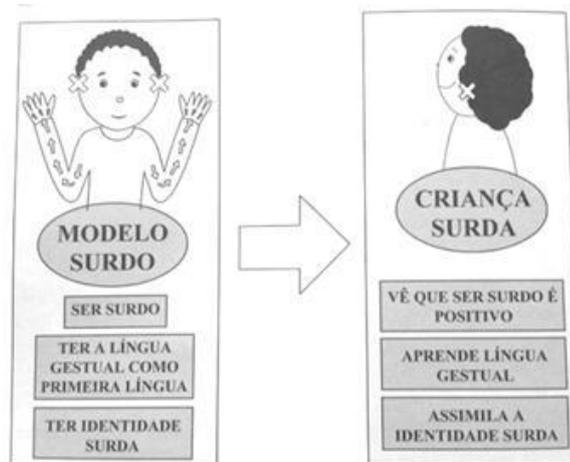
Joseane, Renata e Bruna ensaiaram durante um mês

MARCELO OLIVEIRA/DIÁRIO GAÚCHO

Fonte: Diário Gaúcho (06/09/2000, p. 3).

Na escola de surdos onde eu estudava, nas aulas de Libras, eu nem sequer as entendia como disciplinas, pois nunca escrevia no caderno, nem tínhamos prova. Em todas as aulas, sempre fazíamos roda de conversa, o professor surdo contava algumas histórias de surdos, ou piada ou experiência de vida de surdos. Depois de anos, agora entendo qual era a importância de ter uma aula de Libras para alunos surdos na escola. A pesquisadora surda, Marta Morgado, indicou a importância de crianças surdas terem surdos adultos como modelos:

Figura 5 – Modelo surdo para crianças surdas



Fonte: Marta Morgado (2011, p. 154).

Essa imagem me recorda como meu professor surdo passava um modelo de “ser surdo” para alunos surdos. De modo semelhante, foi uma oportunidade de acessar o conhecimento literário e os textos literários em Línguas de Sinais, na modalidade visual. Os surdos têm acesso visual e recebem a leitura literária pela Língua de Sinais, e não pelo Português. Segundo Marta Morgado (2011, p. 162):

Os valores são constituintes da identidade, referem-se à tradição, ao passado que necessita ser apresentado às novas gerações. O indivíduo constitui-se pela conservação de valores, instituídos pela cultura, ao mesmo tempo em que os recebe pelo processo da educação. Logo, a criança surda necessita de receber valores das gerações de surdos mais velhos, pois é através deles que a criança vai descobrir o seu ‘eu’ e formar uma identidade. As gerações mais antigas de surdos têm de passar as suas ‘tradições’ às mais novas, senão colocam em perigo de extinção a língua e a comunidade a que pertencem.

Em 2003, apreciava também Literatura, na disciplina de Língua Portuguesa, a professora era ouvinte e bilíngue, e nos ensinava como fazer poemas. Criei um poema, *Viciado em surdos*, e o apresentei sinalizando no palco do auditório para os alunos surdos e professores. Aqui vale um parênteses, pois em 2020 fiz uma releitura desse poema para o projeto ofertado pelo Itaú Cultural – Edital de emergência Arte como respiro – Poesia Surda, durante a pandemia de Covid-19. Procurei esse poema, feito na época do Ensino Médio, pois era uma oportunidade de novamente expressar a poesia, retirada do baú de lembranças felizes de minha vida. Renomeei o poema como *Eu não sou...*, e fui escolhida para a premiação.

Figura 6 – Poema Eu não sou ...



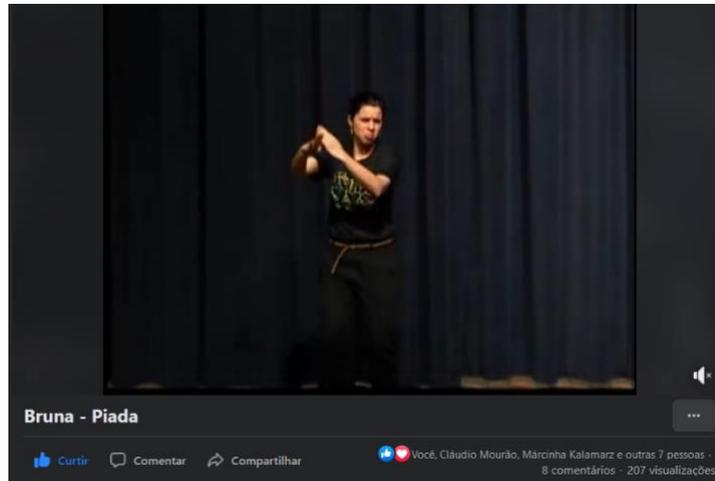
Fonte: Youtube Bruna Branco (2023). 

Em 2014, tive a oportunidade de participar de oficinas no *Festival de Folclore Sinalizado: Craque em Libras*, na UFSC, em Florianópolis/SC. Havia três oficinas nas quais os professores surdos ensinavam como produzir um poema, ser contador de histórias e de piadas. Meu interesse foi pela oficina de contador de histórias, ministrada pelos professores Nelson Pimenta e Rimar Segala.

Nelson de Castro (2012, p. 23) utiliza a palavra “cinematográfica” com o significado de que são “ambientes visuais com aspectos semelhantes com Língua de Sinais que possibilitam o entendimento das narrativas pelos surdos”. Durante o *Festival de Folclore Sinalizado*, ocorreu então uma competição e fui escolhida para contar a piada *A gaiola de pássaro*. Vou resumir a piada: um cara dirigindo uma moto na estrada; de repente, um pássaro bate no vidro da moto, o motoqueiro para e vai

socorrer o pássaro, no outro dia o pássaro acorda numa gaiola e pensa que foi preso por ter matado o cara.

Figura 7 – Vídeo piada A gaiola de Pássaro



Fonte: Facebook Festival de Folclore (2023) 

Na França tem um evento muito famoso, o *Festival Clin d'Oeil*, em Reims, que é um festival de cultura surda e que aborda as diferentes identidades surdas, pois nascemos em lugares diferentes, mas entendemos o que é ser surdo na sociedade e qual o lugar do surdo. Em 2015, não fui apenas espectadora do festival, mas me senti parte do todo, pois pude ter momentos de lazer, nos quais me senti confortável, sem estar preocupada com a dificuldade de comunicação.

Quando cheguei a Reims, apesar de ser uma cidade pequena, senti-me em uma cidade só de surdos, pois foram 4.085 inscritos no festival. Encontrei a atriz francesa surda, Emmanuelle Laborit, que me inspira por sua história de vida e experiência pessoal. Meu corpo tremia, fiquei nervosa e sem palavras ao chegar perto dela: a mesma sensação que percebo nos ouvintes quando encontram seu ídolo. Esses dois festivais foram mais que lazer, estavam repletos de outros significados, pois, entre outras condições, não havia barreiras de comunicação.

Essas sensações de estar nesses festivais, acredito eu, são semelhantes à dos ouvintes quando compram ingresso para assistir ao *Rock in Rio* ou tantos outros shows. Uma multidão de pessoas se reúne e se sente confortável, porque as palavras que saem são vozes que adentram com suavidade os ouvidos das pessoas ouvintes (Mourão, 2011). Assim, da mesma forma acontece com meus olhos quando vejo

personagens surdos no palco. Eles sinalizavam quando se apresentavam no palco, e isso é um alívio, um conforto linguístico, uma experiência artística.

A maior experiência da minha vida relacionada à literatura surda foi quando participei de um sarau, no projeto Arte de Sinalizar, coordenado pelo professor Cláudio Henrique Nunes Mourão, da UFRGS. Nesse sarau, participei como voluntária, ocupando as funções de apresentadora, palestrante, subcoordenadora dos eventos, coordenadora de designer de materiais e administração. Minha participação aconteceu de 2016 até 2023.

Figura 8 – Repositório Artístico Arte de Sinalizar



Fonte: Site Arte de Sinalizar (2023). 

Durante o mestrado, cursei o Seminário Avançado *Hibridismo, apropriação e outros processos culturais*, ministrado pelas profas. Maria Lúcia Wortmann e Rosa Hessel Silveira, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Os conceitos que aprendi nessa disciplina me deram subsídios para escrever e publicar um artigo, intitulado *Hibridismo e Literatura Surda: análise de Curupira Surdo*¹, em

¹ O artigo *Hibridismo e Literatura Surdo: análise de Curupira Surdo* está disponível em <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/606>. Acesso em: 16 jan. 2023.

parceria com o professor Cláudio Mourão. Esse artigo traz uma análise do livro *Curupira Surdo* (2016), de autoria de Amarildo Espíndola, Elielza Reis da Silva e Larissa Pissinatti, com ilustrações de Leila Sena e Suzana Alcântara, o qual enfatiza questões do hibridismo na literatura e, em especial, na literatura surda. Faz parte de muitos dos trabalhos que, cada vez mais, investigam o hibridismo, a mescla e a mistura de culturas nos artefatos culturais.

Posteriormente, desenvolvemos mais de um artigo sobre o *Sarau Arte de Sinalizar: Narrativa, Humor e Poesia*² (Mourão; Branco, 2018), a fim de explicar o projeto Arte de Sinalizar, seu objetivo e sua relevância para a comunidade surda, além de produzir conhecimento sobre a literatura surda e ainda contribuir com o seu registro para comunidade surda. Também analisamos os vídeos do Sarau Arte de Sinalizar, em Porto Alegre, no artigo *Literatura Surda: Analisando as Mãos Literárias do I Sarau Arte de Sinalizar*³, que tinha como objetivo a análise das produções das mãos literárias dos sujeitos surdos.

Em 2018, participei da oficina de literatura surda: *Dicas Literárias para a Educação de Surdos*, ministrada por Carolina Hessel Silveira, na UFRGS, e também em outro *workshop* de Literatura Surda, organizado pelo Festival de Folclore Surdo, na UFSC. Tais formações contribuíram para ampliar o conhecimento na área de literatura surda, no contexto da comunidade surda.

Em 2020, trabalhei na comissão organizadora do evento *Seminário Mãos Literárias*, coordenado pelo professor Cláudio Mourão, na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís. Além disso, palestrei sobre Arte de Sinalizar na produção escolar, pelo projeto de extensão: *Sarau Arte de Sinalizar na escola*. Assim, visitei cinco escolas no Rio Grande do Sul, sempre com a parceria do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES), tanto em equipamentos quanto em auxílio às despesas.

A pandemia (2020) impactou fortemente a comunidade surda, porque não se podia mais sair de casa para ir-se ao encontro dos surdos nas associações e escolas de surdos. Assim, começaram os surdos a fazer *lives* com musicais, alguns com janela

² O artigo *Sarau Arte de Sinalizar: Narrativa, Humor e Poesia* está disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3041>. Acesso em: 16 jan. 2023.

³ O artigo *Literatura Surda: Analisando as Mãos Literárias do I Sarau Arte de Sinalizar* está disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/647>. Acesso em: 16 jan. 2023.

com intérprete de Libras. Nesse período, a poeta surda Victoria Pedrini pediu apoio do Arte de Sinalizar para fazer um Slam, uma *live* no YouTube Arte de Sinalizar, pois queria registrar vídeos. Isso aconteceu no dia 06 de junho de 2020, chamado *Slam Live Mãos*, que teve mais de 2.216 visualizações.

Figura 9 – Live Slam Live Mãos



Fonte: YouTube Arte de Sinalizar (2020). 

Posteriormente, o Arte de Sinalizar foi procurado para apoiar outra *live*, *Sarau de Mãos Arretadas*, organizada pela cordelista surda Klícia Campos, no dia do Nordeste, em 08 de outubro de 2020, que teve mais de 1.641 visualizações.

Figura 10 – 1º Live Mãos Arretadas



Fonte: YouTube Arte de sinalizar (2020). 

Outro grupo nordestino realizou um *Slam* com somente nove estados do Nordeste, chamado *Slam 9*, que aconteceu no dia 28 de novembro de 2020, e teve mais de 1.148 visualizações.

Figura 11 – Live Slam 9



Fonte: YouTube Arte de Sinalizar (2020). 

Outra *live* foi também promovida pelo Grupo Slam LGBTQ+, que também pediu apoio ao Arte de Sinalizar, para o *Festival das Mãos Coloridas*, realizado em 26 de junho de 2021, com mais de 1,36 mil visualizações.

Figura 12 – Live Slam LGBTQ+



Fonte: YouTube Arte de Sinalizar (2021). 

Em 2020, eu queria fazer uma história em quadrinhos sobre a criação da Sociedade Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), porque muitos surdos não conheciam sua história. Procurei a professora doutora Renata Bosse, atual presidenta da SSRS, expliquei-lhe o projeto, e ela me incluiu no Grupo de Estudos sobre Educação, Linguística, Tradução, Cultura e Comunidade Surda (GEELTS)⁴, para atuar com o grupo, como pesquisadora, e assim investigar materiais, como fotografias, relatórios, atas e entrevistas das pessoas idosas surdas para memória da vivência no SSRS. Esse projeto está em andamento, e espera contribuir com livros para as escolas de surdos.

Em 2022, a minha orientadora e professora Lodenir Karnopp convidou a professora Juliana Pokorski e eu para escrevermos um artigo para o livro *#CasaLibras Educação de Surdos, Libras e Infância: ações de resistências educativas na pandemia da Covid-19*, organizado por Vanessa Martins, Regina Torres e Guilherme Nichols. Nosso artigo intitulou-se *Visualidade e literatura em diálogo: bases para uma educação bilíngue de surdos*⁵ (Karnopp; Branco; Pokorski, 2021).

Em 2022, fui convidada para compor a comissão organizadora de dois eventos: o Instituto de Educação e Ensino de Libras (IEEL) promoveu o Seminário Nacional de Literatura Surda, no período de 19 até 21/08/2022, com o debate de quatro professores convidados, que trabalham na área de literatura surda, os pesquisadores: Bruno Abraão, Cláudio Mourão, Cristiano Monteiro e Klícia Campos, no qual atuei como mediadora. No sábado (20/08) e domingo (21/08/22) participei de um minicurso de Literatura Surda, *Performance na Visual Vernacular*, com o professor Cristiano Monteiro; *Cordel em Libras*, com a professora Klícia Campos; *Poesia em Libras*, com o professor Cláudio Mourão; e *Narrativas em línguas de sinais ou mitos e lendas em línguas de sinais*, com o professor Bruno Abraão.

Outro grande evento foi o *Festival Despertacular*, coordenado pela surda Renata Resende, ocorrido entre os dias 09-11 de setembro de 2022, com quatro oficinas, exposições, teatros, cinema e festa. Não esperava ganhar o prêmio de melhor minicurta, pela obra *Os olhos na rua do arvoredo*, que é uma narrativa baseada em fatos reais. Essa produção contou com a parceria do Arte de Sinalizar, e fizemos um sarau no dia 08 de setembro de 2022.

⁴ O grupo de pesquisa GEELTS está cadastrado no diretório dos grupos de pesquisa no Brasil: 1911366043053552.

⁵ O artigo *Visualidade e literatura em diálogo: bases para uma educação bilíngue de surdos* está disponível em: <https://pedrojaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/06/Ebook-CasaLibras-1.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

3 INGREDIENTES: ESTADO DA ARTE

É importante para a cozinheira ter conhecimento dos ingredientes, segundo Rudolf Trefzer (2009, p. 07), em seu livro *Clássicos da Literatura Culinária: Os mais importantes livros da história da gastronomia*, no qual é dito que “[...] sem dúvida, a elaboração do alimento não é apenas um ato para a manutenção da vida. É também uma atitude política, social e artística”.

O que quero destacar aqui é sobre a importância da escolha dos ingredientes e suas combinações, o tempo de cozimento, fogo baixo ou alto, tempo de forno, detalhes do modo de preparo, observando as facilidades ou dificuldades desse processo. Esses são detalhes que fazem muita diferença, o ato de comer não pode ser de qualquer jeito, é algo a ser preparado e bem feito, para ser melhor saboreado. Mas o que isso tem a ver, então, com o meu trabalho? Da mesma forma que o cuidado na escolha dos ingredientes precisa acontecer, necessito escolher bem os autores para auxiliar com a minha tese. Cito como exemplo a literatura surda, relacionada à educação ou não, sobre os surdos idosos e as entrevistas que irei realizar, ver o quanto podem colaborar, as experiências e suas narrativas, além do quanto poderão auxiliar na composição de todo o trabalho.

Na primeira etapa, tive de escolher quais palavras-chave para a construção da minha pesquisa, para isso precisei investigar se já havia pesquisas sobre esse tema. Os termos escolhidos para os ingredientes: literatura surda, idosos surdos, narrativa de experiência pessoal e interculturalidade.

Consultei o Portal Periódicos Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Repositório Digital LUME, da UFRGS, Repositório Institucional (RI), da UFSC, para fazer o filtro dos trabalhos, dissertações e teses relacionados à temática da pesquisa.

Na segunda etapa, era importante investigar sobre o termo Literatura Surda, para saber se havia publicações com esses termos. Assim, acessei o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, digitei, com aspas, “Literatura Surda” e 56 publicações foram encontradas, porém em áreas diversas: Educação, Tradução, Literatura, Linguagens e Letras, mas minha linha de pesquisa é em Estudos Culturais em educação. Depois, acessei a BDTD e apareceram 45 publicações, igualmente em diferentes áreas. Posteriormente, acessei o LUME da UFRGS, resultaram 37 publicações e, no RI da UFSC, foram 14 publicações. Logo, pude perceber que havia

publicações em duplicidade, ou seja, eram publicadas em mais de um lugar. Por esse motivo, resolvi então mostrar a quantidade encontrada em cada local. Depois, minha estratégia seria avaliar esses acessos para ver qual teria mais relação com a pesquisa: encontrei quatro, que apresentavam temas relacionados à Educação, Literatura, Tradução, Linguística e Letras. Esse foi o processo inicial da minha pesquisa e a estratégia escolhida para facilitar e viabilizar o trabalho.

Uma das teses publicadas que encontrei foi da pesquisadora Ana Regina Campello, e aqui destaco a importância do seu trabalho, no qual ela comenta sobre a escassez de materiais em relação ao tema da cultura, na época em que desenvolveu seus estudos de doutorado. A tese dela fala sobre Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos (2008, p. 138), em que ela cita:

Existem poucos materiais literários específicos e cinemáticos visuais, como CDs e DVDs que possam dar maior estrutura e apoio linguístico. Os sujeitos Surdos utilizam a visão para obter informações, acessando o maciço meio da mídia, como vlog e da literatura que podem criar condições e fortalecimento da identidade, cultura e de conhecimento da Comunidade Surda. Existe pouca pesquisa voltada à literatura Surda e existem alguns sites que vendem em caráter particular os CDs e DVDs da literatura infantil e de outros gêneros, mas, mesmo assim, são poucos para a demanda das crianças Surdas no Brasil. Estes materiais são de suma importância para a construção de uma auto-representação e de auto-afirmação da identidade, cultura e língua dos Surdos. Os materiais didáticos também estão no mesmo patamar, ou seja, há insuficiente número de publicações.

A pesquisa citada tem um foco mais voltado para o processo de ensino-aprendizagem do sujeito surdo relacionado à visualidade. Ela comenta sobre os materiais, como mencionado na citação, e evidencia a importância de cada forma de registro, também reforça a importância desses materiais, quer como vídeo ou qualquer outro, mas que seja visual. Em pouco tempo, do ano de 2008 até hoje, percebi, entre os materiais coletados, a presença da literatura em Libras, o que é de fato muito importante.

Antes da tese de Campello (2008), houve a publicação de alguns artigos, mas, ao coletar material para a pesquisa, vi que de fato eram muito poucos. Assim, optei por me aprofundar para encontrar mais materiais de teses e dissertações. Bem, o que consegui encontrar foi no Repositório Institucional (RI) da UFSC, com data posterior a 2010, possivelmente o primeiro trabalho de uma pessoa surda, em nível de Pós-Graduação em Mestrado, da autora Carla Moraes, que apresentou a sua dissertação

de mestrado na UFSC, intitulada - *Tecido na Língua de Sinais: B-R-A-N-C-A-D-E-N-E-V-E-E-O-S-S-E-T-E-A-N-Õ-E-S*, numa linha de pesquisa em Literatura, em que comenta sobre:

A celebração da língua de sinais e o orgulho de ser surdo se apresentam em suas produções, seja por vídeo, livros produzidos por meio institucional, seja por vídeos produzidos por uma filmadora e disponibilizados em suas páginas via internet. Em qualquer uma das produções, o conto sobrevive em um povo que se comunica com os olhos, com as expressões faciais, com as mãos, por que não dizer, com o corpo (Morais, 2010, p. 140-141).

Neste momento, reflito sobre esse processo de escrita dela, iniciado em 2008, com poucas opções de materiais mais específicos da Literatura Surda, que de fato deve ter sido complexo. Logo, penso em duas palavras importantes para esse contexto, vídeo e livro, mas vídeo como a mais importante, que inclui o acesso pela internet. Porque, como pessoa surda, reconheço a importância da visualidade para as pessoas surdas, e isso me mostra algo sobre o entendimento de que surdos podem fazer uso de materiais escritos para a leitura, no entanto, quando associados a algum material visual, é uma combinação perfeita, completa. Ana Regina Campello (2008, p. 102-103) reforça esse contexto, indicando que: “O uso da imagem e da ‘linguagem’ imagética na literatura, poesia, filme, diálogo, tem significado pelos processos do ‘ver’, por meio dos olhares e do processamento visual sígnico, próprio dos sujeitos Surdos”.

Bem, temos duas falas que se complementam, de duas pesquisadoras, da Ana Regina Campello e da Carla Moraes, que reforçam o que é principal para o surdo, seus olhos, a importância do visual para uma compreensão completa de todo o processo, pelo surdo. E isso não se relaciona com o fato de um surdo ler ou não o português, mas sim com a subjetividade surda e a compreensão completa dos significados.

No site da BDTD, bem como no Lume UFRGS, encontrei outro trabalho com foco em Literatura Surda, do autor surdo Augusto Schallenberger (2010), que em sua dissertação em educação discorreu sobre *Ciberhumor nas comunidades surdas*. A reflexão que o pesquisador traz é em relação ao YouTube, mais especificamente acerca de piadas e na manutenção das histórias através dos tempos, com registro na internet e disponível na comunidade surda. A conclusão que ele apresenta:

Por fim, acredito que não é um sonho distante pretender que os surdos tenham êxito na comunicação, na expressão de sua cultura e no uso do

espaço escolar para entrar em contato com sua identidade. Os professores podem propor novos usos da tecnologia, usos criativos mesmo com recursos escassos. Um professor em sala de aula pode até mesmo usar seu celular para gravar as produções dos alunos. Tudo depende da criatividade e vontade dos educadores. Registrar a cultura surda é preservar a própria existência dos surdos (Schallenberger, 2010, p. 69).

Segundo Christopher Krentz (2006, p. 69), “[...] as pessoas surdas estão em uma posição muito diferente hoje em dia, ao contrário de 1913, quando George Veditz fez os primeiros filmes de ASL em preto e branco”. Quando Christopher Krentz (2006) viu o vídeo, deu-se conta do quanto há necessidade desse tipo de material, da importância da divulgação, dos registros filmados, e começou a pedir que fossem mais frequentes filmagens em Língua de Sinais. Esse tipo de material registrado reforça a valorização da Língua de Sinais. Krentz (2006, p. 69) comenta ainda que “se os surdos fizerem isso que Veditz falou, a ASL certamente continuará a florescer”, teríamos uma força em grande proporção. Do mesmo modo, Augusto Schallenberger (2010) faz referência ao YouTube, indicando que, em pouco tempo, as visualizações acontecem de forma muito numerosa, pois estão associadas às redes sociais e, em grande escala, são de fácil disseminação, sejam vídeos sobre poemas, piadas ou narrativas. Schallenberger (2010, p. 17-18) faz um relato pessoal, em sua pesquisa de mestrado, indicando os modos como surdos idosos marcaram sua experiência de vida:

Havia surdos mais idosos que frequentavam e foi com eles que desenvolvi o gosto por uma sinalização mais espontânea e cheia de alusões e sátiras. Eles são figuras conhecidas dentro da comunidade surda, mas foram ficando velhos e também nossa maneira de nos relacionar com a associação mudou. Parece que há uma urgência do registro do que está sendo sinalizado pelos surdos agora, talvez para que isso possa ser consultado depois, e evitar a sensação de vazio que eu mesmo senti em momentos da minha vida onde não conseguia me expressar com meus semelhantes.

Augusto Schallenberger conta que foi o gosto por piadas que o fez aprender a sinalizar, com surdos idosos que apresentavam as piadas para ele, o que de fato marcou a sua vida, algo de gerações, evidenciado na citação acima. Ele deixa claro que é de valor imenso essa aprendizagem, receber esse conhecimento por meio de um idoso surdo e relacionado à cultura surda, que é a piada surda.

Ao longo da minha pesquisa, pude perceber o quanto aumentou a procura por materiais em Língua de Sinais, em diferentes mídias, como DVDs ou vídeos em redes sociais, por exemplo, reforçando o fato de a cultura surda ser visual. São experiências

visuais, assim como a leitura pelo ouvinte é obtida pela informação auditiva, para o surdo é reforçada por aquilo que pode acessar visualmente, por meio das mãos. Pode-se até realizar uma leitura de texto escrito, mas sempre a tradução em Libras proporciona maior conforto linguístico. A dissertação do surdo Cláudio Mourão (2011), intitulada *Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais*, é uma evidência desse fato, em sua conclusão, quando reforça que:

Percebo que é crescente a produção de Literatura Surda, com os sujeitos surdos trazendo suas narrativas e registros. Assim, espero que quando todos visitarmos a Biblioteca nacional em nosso território, possamos pegar livros ou vídeos, em que abrindo a primeira página, possamos ver com nossos próprios olhos os nossos registros e como efeito circule em nosso sangue com velocidade rápida, com neurônios elétricos, com pele em emoção, olhos brilhantes e lágrimas caindo no rosto, isto é, são ouros de Literatura Surda! (Mourão, 2011, p. 118).

O autor citado é criador também do site Repositório Artístico – Arte de Sinalizar –, cujo objetivo é disponibilizar uma biblioteca com esses materiais como acervo, sem a possibilidade de se perder os registros, para que, assim, os materiais escritos possam ser usados para indicação ou orientação de pesquisa. Os registros em vídeo também podem ter o mesmo uso e funcionalidade para o saber e o ser surdo.

Ainda no ano de 2011, o pesquisador surdo Fabiano Rosa (2011, p. 105) apresentou, em seu mestrado na UFPel, a dissertação intitulada *Literatura Surda: o que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS*, sendo que, na sua conclusão, ele trouxe uma reflexão:

Finalizo torcendo que os surdos atentem para esta possibilidade de produção. Que ao perceberem a relevância da literatura surda, levem em consideração os aspectos aqui levantados e possam sinalizar novos contos, cada vez aumentando mais um ponto.

Na sua perspectiva, a observação que faz o autor é em relação ao futuro e à Literatura Surda, sobre o quanto é possível que sejam ampliadas as contações em Libras, bem como a forma como serão realizadas, a depender da idade e do tipo de criança, por exemplo. Da mesma forma como ocorre com crianças ouvintes, o que já aprenderam e já sabem condiz com o que é contado para elas, assim, igualmente para as crianças surdas, sempre respeitando seu nível de aprendizagem, com prosódias, sinalização e estratégias relacionadas. É inviável termos somente um vídeo

com uma história contada que seja de acesso para todas as crianças, pois possivelmente algumas não terão a compreensão desejada, a depender da sua idade. Essa percepção é trazida pelo professor com sua coleta de dados na pesquisa. Ele cita também as formas de se avaliar uma tradução, de clássicos como *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, como acontece a tradução dessas histórias, para que sejam compreendidas e não ignoradas, ante o imperativo de se pensar no tipo de tradução a ser realizada.

Tanto Cláudio Mourão quanto Fabiano Rosa pensaram em como seria possível, futuramente, organizar uma proposta que trouxesse esse tipo de ação, de pensar no tipo de produção. Assim, destaco o foco da pesquisa de Cláudio Mourão, que apresenta uma atenção para a análise, a tradução e a adaptação, o que é próprio de cada uma. Já Fabiano Rosa volta seu foco ao professor, suas produções, que tipos apresentam e para quais crianças. Em comum, os dois citam os vídeos, os DVDs, a importância desse material, bem como textos impressos. Aqui, lembro do título do artigo de Christopher Krentz (2006): *A câmera como imprensa de impressão: como a filmagem tem influenciado a Literatura ASL*, que fala sobre o vídeo/DVD ser comparado a um texto impresso, que mostra a informação da mesma forma.

A publicação da tese da primeira surda que realizou o doutorado com estudos voltados ao tema da literatura surda e estudos surdos foi de Carolina Silveira (2015, p. 196), intitulada *Literatura Surda: análise da circulação de piadas clássicas em língua de sinais*. Ela realizou a pesquisa no Programa de Pós-graduação em Educação, na linha de pesquisa dos *Estudos Culturais em Educação*, vinculada ao tema Literatura, com foco para surdos. Ao finalizar sua tese, ela reflete que:

O atual acesso aos materiais, como vídeos YouTube, sites, DVDs etc., possibilita o registro das piadas que eram eternamente clássicas e que sempre foram contadas ao vivo/presencialmente, em uma tradição face-a-face há anos, mas só que atualmente contam com registros visuais por causa da tecnologia avançada, fato que facilita o acesso aos materiais.

É importante lembrar que o atual acesso, referido na citação acima (Silveira, 2015), convém para o ano em que estamos agora, com o acréscimo ainda das redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram*, *Vimeo*, que compõem a lista de acessos fáceis aos registros. Uma lista que percebemos ser crescente, com a facilidade da presença de vídeos e legendas e também com a possibilidade de legendas automáticas. É

possível também, nesses recursos, a realização de edições, cortes, inclusão de imagens, lembrando da presença de elementos visuais importantes. O que precisamos é focar na expectativa positiva de que gerações futuras se conectem a essa importância, de manter os registros que tanto facilitam a compreensão das informações por serem um recurso visual. Mas, também podemos afirmar que, sim, já vimos muitas mudanças desde o ano da publicação, em 2015, se comparado ao ano que estamos, 2023, o que nos mostra o quanto a Literatura é fundamental para a comunidade surda, principalmente quando apresentada por vídeos e sinalizada.

No ano de 2020, publicou-se a dissertação do surdo Bruno Abrahão, com o título *SLAM SURDO e VISUAL VERNACULAR: diálogos sobre expressões poéticas contemporâneas*, na linha de pesquisa *Comparatismo e Diálogos Interculturais*, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele traz uma perspectiva sobre o *Slam*, com um conceito novo, que é o VV - Visual Vernacular. Pontua o *Slam* como algo mais competitivo, de rua, quando ocorrem desafios em jogos. Entretanto, o VV é mais vinculado à expressividade da língua, porém sem muita sinalização, fazendo uso de mímicas, gestos, classificadores, uma mistura sutil que resulta no VV para expressar. Na pesquisa de Abrahão (2020), é possível lermos, sobre como tudo começou, contemplando um pouco da história. Ao finalizar sua tese, ele conclui e comenta:

Esses surdos relataram que assistiam os filmes e desenhos baseados nos contos de fadas e maravilhosos, no entanto nada entendiam. Apenas na adolescência, quando encontraram um professor surdo que contava histórias infantis e as teatralizava, é que eles puderam entender o que cada história continha (Abrahão, 2020, p. 91-92).

Ele indica o quanto é importante que as ações sejam assumidas pela pessoa, por exemplo, que um surdo com suas experiências possa repassar ao outro seus conhecimentos produzidos. Aqui, reforço o valor das experiências dos surdos idosos e o quanto podemos fazer uso desses conhecimentos e igualmente os repassar depois para outras pessoas, pois é um modelo e sempre contextualizado. É fato que, ao longo do tempo, a área foi crescendo e muitos são os trabalhos publicados e relacionados à Literatura, em várias linhas de pesquisa.

Além desses trabalhos acadêmicos, encontrei a publicação da dissertação de Dayane Rosa (2021), cuja pesquisa envolve a poesia e visual vernacular produzida

pelo surdo Fábio de Sá. Sua dissertação é intitulada: *Literatura Surda e mídias sociais: uma análise da poesia e da arte visual vernacular de Fábio de Sá*, do Programa de Pós-graduação em Letras - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

[...] o contexto de luta que envolve as produções literárias em língua de sinais propõe reflexões acerca do que é 'literário' e nos leva a ressignificar os termos culturais e adentrar aos espaços midiáticos de circulação ocupados por esses artistas denominados periféricos (Rosa, 2021, p. 221).

Vale aqui destacar que a pesquisa bibliográfica (teses e dissertações) realizada foi para evidenciar a importância da Literatura Surda associada aos vídeos ou filmes, mas em Língua de Sinais, independentemente do canal de divulgação ou rede social. A pesquisadora Dayane Rosa desenvolve seu trabalho de análise com foco em um surdo e sua produção, na área de Letras. Como bem evidenciado, importante são suas lutas, suas produções em Língua de Sinais, para que de fato aconteça o entendimento esperado, seja ele pela cultura, de redes sociais, de pessoas que moram na periferia, pensando nos bons combates já enfrentados pela comunidade surda e o quanto essa comunidade precisa estar amparada, provida de muito material cultural e em vídeo. Observo que cresce o número de jovens professores que atuam nessa área mais específica, mas os surdos idosos precisam estar incluídos nesse contexto, nesse grupo. Independentemente do tipo e gênero literário – seja por poesias, piadas, narrativa, pois é bem variado –, as histórias, experiências, tecnologias são potentes para promover, equilibrar e organizar materiais diversificados, em que os surdos de diferentes regiões e diferentes faixas etárias possam estar juntos.

Na terceira etapa, investiguei o termo “idosos surdos”, em quatro locais diferentes. No site da BDTD, quatro foram os resultados, mas sem nexos com a pesquisa de fato, voltados mais para a área da saúde, com foco clínico na surdez. Já no resultado do repositório Lume da UFRGS, apareceram cinco publicações, porém sem relação com o meu tema de pesquisa. Na pesquisa realizada no site da UFSC, obtive duas publicações, contudo sem relação também. Esses três lugares de pesquisa traziam mais sobre uma perspectiva clínica da surdez. No Portal CAPES, o resultado foi de quatro publicações, sendo uma tese de doutorado em educação relacionada ao que eu procurava: a pesquisa de Ana Luiza Caldas (2021), intitulada

Narrativas dos surdos idosos: subjetividade e vínculos culturais, defendida na UFPel.

Ela descreve que:

[...] vê-se que a comunidade surda, que é concretizada nas associações e nas escolas de surdos, é uma forma social necessária e que deve ser preservada. Nesses espaços, a história e os valores precisam ser transmitidos, por isso a narrativa dos surdos, principalmente dos surdos idosos, precisa ser contada (Caldas, 2021, p. 96).

Aqui vemos como Ana Luiza Caldas (2021) destaca o valor e o respeito, o quanto é necessário conhecer o espaço do surdo idoso, suas experiências e trajetórias. Não é algo do qual devemos nos desvincular, para que haja mais força e poder, protagonismo com os vídeos, em relação à língua e à sinalização.

Muito dos materiais apresentados na pesquisa são um impulsionador para a continuidade dela, desde os temas e os conteúdos relacionados à Literatura, aos autores que em comum acreditam que é algo a ser apresentado e oferecido para a sociedade, para que assim possam de alguma forma compreender o que é a comunidade surda e suas diversidades próprias.

A última etapa foi averiguar sobre o conceito de “interculturalidade”, em relação aos estudos surdos, em quatro locais diferentes.

Em relação à pesquisa, no site da CAPES, apareceram 2.952 opções de programas, relacionados à educação, literatura e interculturalidade, além de letras, e, como uma opção de conceitos associados, encontrei língua, literatura e interculturalidade, e direito. Em outra busca, com nova opção de filtro, com as palavras língua e direito, foram 871 resultados, alguns em relação aos surdos, com a pesquisa mais voltada para a área da educação bilíngue para surdos e a educação ambiental, entre outras, muitas das quais não sendo de surdos. Dentre os materiais, destaco a dissertação de Helenne Sanderson (2020), com o título *Youtubers bilíngues: artefatos interculturais no cenário escolar da educação de surdos*.

A forma de pesquisar no site da BDTD seguiu a mesma estratégia, em que foram cinco os resultados, mas iguais aos já vistos na pesquisa anterior, da CAPES. Já na pesquisa LUME, houve um total de 106 achados, mas o termo se restringiu apenas ao filtro surdos. No site da UFSC, apareceram dez publicações, mas bem diferenciados os temas e nada ligado à pesquisa em si, sobre surdos.

Embora as pesquisas até então estejam talvez até restritas, há que se prestar atenção na afirmação trazida por Helene Sanderson (2020), considerando o período pandêmico vivenciado então, que colaborou e evidenciou muito sobre o material da interculturalidade, observando-se o contato fora da cultura surda. A autora, em seu repertório de pesquisa e material, fala muito sobre os artefatos interculturais, evidenciando, assim, as inúmeras possibilidades dessas ferramentas e a circulação cultural, pensando muito nas redes sociais.

É importante lembrar que, nos tempos atuais, durante a pandemia da COVID-19, estão rodando milhares de vídeos dos sujeitos surdos pelo mundo. Como é uma epidemia mundial, os surdos estrangeiros produzem e compartilham as suas experiências com surdos de outros países. Isso colabora com uma compreensão maior e mais eficiente sobre a pandemia, em função da difusão das Línguas de Sinais (Sanderson, 2020, p. 76).

Logo, é possível aproveitar esse material como base de análise, ao se referir aos artefatos interculturais, à interculturalidade, colaborando em muito para a minha tese.

Para finalizar esta seção, após toda a pesquisa e leitura trazerem a possibilidade de saborear e dialogar com tantos artigos, teses e dissertações, que facilitaram todo o entendimento e compreensão para a escrita das próximas fases deste trabalho, para além disso, aproveito a oportunidade de compartilhar e conciliar acerca do que o autor George Yúdice (2013, p. 45), em seu livro: *A Conveniência da Cultura*, comenta sobre a cidadania cultural, citando Flores e Benmayor (1997, p. 15): “Uma vez que a cultura é o que cria o espaço onde as pessoas se ‘sentem seguras’ e ‘em casa’, onde elas se sentem como perspectiva, ela é condição necessária para formação da cidadania”.

Logo, cabe ressaltar o quanto é imprescindível que a comunidade surda conviva num espaço bilíngue, resultando na sua efetiva cidadania, onde tudo tem a ver com a segurança e os recursos, por exemplo os educacionais, que são oferecidos para a comunidade surda, propiciando assim que eles melhor desenvolvam suas vidas. Ainda, George Yúdice (2013, p. 46) cita: “O conteúdo da cultura diminui em importância à medida que a utilidade da reivindicação da diferença como garantia ganha legitimidade. O resultado é que a política vence o conteúdo da cultura”.

Aqui, reitero o quanto o conteúdo cultural é importante para o conteúdo surdo, para mostrar e dar visibilidade ao contexto social e político, não sendo algo que se possa guardar ou ignorar. A política precisa estar presente e saber sobre, estar fundamentada em conhecimento acerca da cultura surda e seus conteúdos e necessidades. E é necessário, por sua vez, que tais aspectos sejam algo 'palpáveis' e bem visíveis, para serem compreendidos pela política por meio de dados e relevância, indicando o que há na comunidade surda.

4 CAMADAS DOS ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS SURDOS EM EDUCAÇÃO

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (Larrosa, 2015, p. 18).

Ao iniciar esta seção com a marcante citação de Jorge Larrosa (2015), afirmo o quanto ela tem a ver com o texto que discorro aqui, pois dou continuidade à construção da experiência que marca a minha trajetória acadêmica. A inserção na pós-graduação foi o ápice dessa jornada, quando entendi que, para além de saber sobre educação de surdos, sobre cultura surda, faltava-me algo anterior a esse momento: o fato de ser ‘tocada’ pelas experiências e produção de conhecimentos. Este era o momento de fato, de compreender o que havia acontecido, presenciar pesquisas, ver de forma mais próxima todo o contexto. Essa é a razão pela escolha da frase de Larrosa, pois percebo o quanto faltava essa percepção, sobre o que acontecia comigo também, minha construção pessoal e, sim, era esse toque que me faltava. As experiências, os estudos, as trocas com os colegas de grupo, e, nessa interação, entendi que situações semelhantes às dos colegas já aconteceram comigo também.

Ao entrar no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) na UFRGS, no ano de 2015, na linha dos Estudos Culturais em Educação (ECE), com ênfase em investigações vinculadas aos estudos surdos, algumas disciplinas foram relevantes e marcaram minha pesquisa. Dentre elas, posso citar aquela ofertada por meio do Programa de Educação Continuada (PEC) (que foi o programa que tornou possível o meu acesso como aluna, inicialmente no mestrado): a de *Seminário avançado Introdução aos Estudos Culturais (2016.2)*. Essa disciplina explicava o que significavam os Estudos Culturais, suas várias vertentes, a grande variação de temas dentro dessa linha. Posso afirmar que, até então, eram temas pouco elaborados por mim, já que meu contato com textos era mais frágil, bem como as referências bibliográficas me eram estranhas – pouco conhecia, realmente, acerca desses assuntos.

De início, não foi nada fácil, parecia que eu esbarrava sempre na dificuldade de conseguir associar o conhecimento, uma dificuldade em entender e me apropriar da ideia de que era muito estudo, variadas leituras e muitas disciplinas para conseguir a compreensão e entendimento desejados. E foi nesse período que percebi

como era imprescindível a minha prática, a fim de conseguir dialogar com os Estudos Culturais.

O ingresso como aluna do mestrado, de fato, ocorreu no ano de 2017, na mesma linha de pesquisa. Naquele momento, inscrevi-me na reserva de vagas para ações afirmativas, como surda. Durante o processo seletivo, fui aprovada e ocupei uma vaga da ampla concorrência, em função da nota obtida. Nesse período do mestrado, cursei disciplinas vinculadas aos Estudos Culturais e relacionadas aos estudos surdos. Posteriormente, com o propósito de entrar no doutorado, realizei inscrição nas vagas reservadas aos cotistas e fui aprovada no processo seletivo, ingressando no segundo semestre de 2020. No doutorado, realizei disciplinas obrigatórias vinculadas à Prática em Pesquisa Educacional (PPE), que tinha como ênfase estudos com a orientadora e professora Lodenir Karnopp e com o grupo de alunos orientandos (sob essa mesma orientação).

Em seguida, no ano/período de 2021.1, a disciplina era baseada em estudos e discussões com aprofundamento nos Estudos Culturais, a saber Pesquisa Qualitativa, Representações e Responsabilidades Sociais, ministrada pela orientadora. Além disso, realizamos uma série de leituras dirigidas com a mesma professora para a discussão de textos sobre Estudos Culturais na atualidade.

Lemos também alguns dos artigos do e-book *O que são Estudos Culturais hoje? Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies*, material traduzido para o português por um grupo de professores da UFRGS. Durante o ano pandêmico de 2020, o *International Journal of Cultural Studies* solicitou, aos autores, respostas às seguintes perguntas:

O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando? Em que deveriam ou poderiam se transformar? Qual é o seu significado? O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo? (Santos; Karnopp; Wortmann, 2022, p. 24).

O objetivo do estudo era que conseguíssemos refletir sobre tais questões e analisar o contexto atual, para observar se houve mudança e transformação nesse campo de investigação. Novamente trago a citação de Larrosa, sobre como preciso perceber e de fato sentir o que acontece, incluindo os que estavam no contexto e nesse processo. Outra situação interessante, que cabe aqui relatar, tem relação com

a pergunta presente no artigo do *International Journal of Cultural Studies*, *What is cultural studies?*, que nos questiona sobre o que de fato são Estudos Culturais ou, também, o que significam os Estudos Culturais. Após essa leitura, foi como se eu houvesse despertado, refletindo sobre os Estudos Culturais e educação, na perspectiva do Brasil e da atualidade. As questões sobre as quais reflito têm relação sobre se de fato houve significativas mudanças, o que vejo em relação aos Estudos Culturais, quais são as influências presentes, políticas, sociais, das minorias linguísticas (como minha primeira língua).

A leitura do livro *Introdução aos Estudos Culturais*, de Armand Mattelart e Érik Neveu (2004), culminou em uma percepção muito clara, acerca do que de fato eu estava pesquisando. O ponto central dessa somatória de leituras em relação aos Estudos Culturais pode ser comparado como um caldeirão de cultura de importações teóricas, de trabalhos inovadores com objetos julgados até então indignos do trabalho acadêmico. Durante as aulas da disciplina de Introdução aos ECE, ao atentar às explicações dos professores, detive-me ao fato histórico, de como os Estudos Culturais tiveram seu início, nomeando então os fundadores dessa área. Ien Ang (2022, p. 36) traz o conceito de “**sensibilidade dos Estudos Culturais**”:

Esta sensibilidade é definida por uma compreensão particular acerca de como podemos ‘conhecer’ melhor a cultura e o mundo: saber que o mundo opera através de intrincados emaranhados de produção ativa de sentidos e relações de poder; saber que a ‘cultura’ é um processo social contínuo, por meio do qual modos de vida são totalmente construídos e reconstruídos, e que nós só podemos entender ‘o que está acontecendo’ se analisarmos as práticas em seus complexos contextos e assim por diante.

Em diálogo com texto de Ien Ang, o que vejo dos estudos surdos como sensibilidade está relacionado à compreensão que entende e representa cultura surda, sujeito surdo, língua, espaço surdo, educação bilíngue e experiência. Sem Estudos Culturais, a cultura surda não existiria enquanto produção acadêmica. Por essa razão, minha pesquisa se insere no campo de discussões dos Estudos Culturais e estudos surdos.

Para conhecer de onde veio “**Estudos Culturais**”, escolho o autor Raymond Williams (2004, p. 40), considerado um dos pais fundadores dos Estudos Culturais, no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham,

na Grã-Bretanha, juntamente com seus colegas, Edward P.Thompson, Richard Hoggart e Stuart Hall (período de 1960-1980).

Raymond Williams se tornou muito famoso na área e são inúmeras as suas publicações. Desenvolveu estudos em diferentes temas, voltados aos Estudos Culturais; assim, da Grã-Bretanha esses conhecimentos se disseminaram para os demais países. Raymond Williams foi professor nas universidades de Oxford e Cambridge, além de trabalhar também como crítico literário. Alguns dos seus livros foram traduzidos e contribuíram em meu conhecimento acadêmico.

O primeiro livro ao qual me atentei foi *A Política e as Letras* (2013), com tradução em língua portuguesa pela Editora Unesp, que foi o mesmo usado como base para a entrevista realizada e publicada no ano de 1979 pela revista *New Left Review* (NLR). Aqui vale ressaltar que os fundadores dessa revista trabalhavam anteriormente com Raymond Williams, e aproveitaram seu conhecimento para realizar uma entrevista com o colega, acerca de várias questões, entre elas questionando se ele mantém a opinião ou havia alguma mudança de posição em relação aos livros publicados e até reeditados. Nessa entrevista, foram apresentados também os tipos de livros (Biografia, Cultura, Drama, Literatura e Política), já publicados por ele, lembrando que a entrevista é anterior ao ano de 1988, ano de sua morte, considerando nesse momento que já estava aposentado. É muito interessante o quanto esse material, e seus livros como um todo, auxiliaram-me na pesquisa, ajudaram-me realmente como caminho para investigar estudos surdos em educação.

Ao pensarmos de forma contextualizada sobre uma palavra, por exemplo, esta também sofre mudanças de significado ao longo dos tempos, de igual forma nosso pensamento e nossas ideias vão se transformando, o que fica evidenciado no livro escrito por Edward Thompson e Stuart Hall. Esse livro fala sobre a vida e os trabalhos de Raymond Williams, suas experiências e uma análise sobre as suas obras, pontuando alguns de seus livros. No ano de 1958, os autores publicaram a obra intitulada *Cultura e Sociedade*⁶, da qual cito (2013, p. 87) “Todo o processo da redação de *Cultura e sociedade* consistiu em uma permanente redefinição e reformulação”. Isso nos mostra o quanto tudo é passível de conexão desse material com a atualidade

⁶ *Culture and Society 1780-1950* foi publicado pela primeira vez em 1958, pela editora Chatto and Windus. Traduzido para diversas línguas, foi vertido para o português em 1969, pela Companhia Nacional.

e o que nos deparamos hoje de mudanças, transformações, de publicações, porque deixa claro o que de fato significa o conceito de ‘mudança’. Nick Couldry (2022, p. 48) cita Raymond Williams:

[...] o objetivo de citar Williams é mostrar que, para ele, enquanto os estudos culturais envolviam o estudo do significado, de maneiras que desafiaram muitos dos limites de disciplinas estabelecidas como ‘estudos literários’, o objetivo de tal estudo – e, de fato, a criação de algo como uma nova disciplina – foi muito além disso.

E, ainda, Nick Couldry (2022, p. 48) cita que “O cerne do campo ‘estudos culturais’, para Raymond Williams, era como uma prática de troca e reconhecimento mútuos, visando a um melhor e mais inclusivo modo de vida”.

Um exemplo de livro que merece destaque foi publicado em 1973, intitulado *O campo e a cidade: na história e na literatura*, no qual Williams faz um apanhado de registros sobre literatura, política e história, com uma análise focada na literatura. Raymond Williams (1990, p. 11) diz que “campo” e “cidade” são palavras muito poderosas, o que não é de se estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas. É curioso como o livro elabora essa análise, diferenciando os aspectos dos capítulos, das cidades, não deixando que se confundam, mas evidenciando que há sim distinção entre o lugar, o jeito como as pessoas se expressam, com o lugar chamado cidade, mas que se compõem em construção quando juntos. Um exemplo dessa ideia tem de acontecer com pessoas que moram no interior e se mudam para a cidade, área mais urbana, numa perspectiva de vida diferente, relacionada ao seu futuro acadêmico ou profissional. Não podemos dizer que a cultura é a mesma e, com a leitura da obra e suas análises, podemos compreender pela literatura essas diferenças. É aqui que a obra traz a compreensão e reflexão sobre cultura e literatura.

Posteriormente, em 1976, a obra *Palavra-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade* trata não do que indica o dicionário, mas seu uso e interpretação de fato, no que se relaciona com a vida, cultura e sociedade, podendo sim apresentar perspectivas diferentes ou até outra compreensão, pois não cabe aqui o entendimento do dicionário, que se resume ao que é a palavra. Todavia, o autor enfatiza seu uso, em qual contexto e por que a usaria. Ainda, enquanto professores, qual é a palavra que podemos usar como palavra-chave que, ao abrir e compreender seu significado,

faz parte das nossas relações. Quantas não foram as palavras com interpretações errôneas empregadas até hoje, se pensarmos sob esse olhar? É válido pensar como as pessoas adentram num espaço e se apresentam por uma palavra: pense numa palavra para relacionar com esse conceito, que influências já teria absorvido, quais são os entendimentos.

Raymond Williams (2007, p. 27) cita que “O fato é que as pessoas simplesmente não falam a mesma língua” e “É uma frase comum, usada muitas vezes entre gerações sucessivas, e até mesmo entre pais e filhos”. Segundo Paddy Ladd (2013, p. 135), as diferenças de classes entre os surdos podem ser evidenciadas por meio do depoimento de Dorothy:

Os idosos também se sentavam em dois grupos distintos, mas contíguos. Também se vestiam de forma diferente, uns mais formais do que outros. Em termos de comportamento, quando alguém vinha para a área deles [na associação], apertavam a mão ou abraçavam as pessoas que estavam na sua mesa, mas eram muito frios com os da outra mesa. Na verdade eles mantinham a distância entre eles, ao contrário dos grupos mais jovens, alguns nem se falavam entre si.

De geração a geração, pessoas surdas idosas não falam a mesma língua dos grupos mais jovens – isso não se refere à Língua de Sinais, pois eles usam Libras –, mas diferentes formas de uso linguístico, já que há uma variação etária, de um uso mais antigo, com diversificados entendimentos, bem como conhecimento geracional diferente em relação ao uso da tecnologia, por exemplo. Assim, eles sempre encontram no espaço surdo, por exemplo, associações ou eventos. No próximo subtítulo, vou escrever mais sobre interculturalidade e cultura surda nos Estudos Surdos.

4.1 GOTAS DE INTERCULTURALIDADE

Como eu havia dito antes, os encontros são um tema importante para os surdos. As festas, as reuniões de associação, a convivência nas escolas são fundamentais para que se formem e se desenvolvam as comunidades surdas. A interculturalidade é como se fosse uma gota, um pingo, nos estudos surdos.

Essa pequena parte dentre os ingredientes que servem para dar forma ao bolo é algo fundamental para dar sabor, textura e cor. Eu imagino essa gotinha como um

aspecto que torne essa receita algo pertencente a uma análise acadêmica. Para que eu possa desenvolver ideias da interculturalidade com as mãos literárias, a partir das narrativas dos surdos idosos, é preciso que exista uma interpretação do ponto de vista conceitual. A interculturalidade, entretanto, não apresenta uma única interpretação possível. Eu proponho que a interculturalidade seja a forma de entender as experiências relatadas pelos surdos idosos em estudos surdos.

Primeiramente, entendo ser necessário explicar o que são estudos surdos, trazendo como base aqui questões que me indagam enquanto pesquisadora surda, entendendo que quero fazer uso desses estudos surdos em conexão com os Estudos Culturais. Assim, segue aqui partes do livro: *Innovations in Deaf Studies: the role of deaf scholars* (2017, s/p), organizado pelos pesquisadores surdos: professora de Língua de Sinais e pesquisa intercultural, Annelies Kusters; pesquisadora honorária da *Heriot-Watt University*, Maartje De Meulder e o professor associado em Língua de Sinais Britânica e líder do programa de Estudos Surdos da *York St John University*, Dai O'Brien:

O que significa realizar Estudos Surdos e quem tem o direito de definir o campo? Como seriam os Estudos Surdos verdadeiramente guiados por pessoas surdas? Quais são as práticas de pesquisa dos estudiosos surdos em Estudos Surdos, e como elas se relacionam com os participantes e comunidades surdas envolvidos na pesquisa? Quais inovações os estudiosos surdos consideram necessárias no campo dos Estudos Surdos? (nossa tradução)⁷

Murray [...] mapeia como ativistas comunitários interagindo com acadêmicos criaram conjuntamente a disciplina de Estudos Surdos nos Estados Unidos, interações que foram especialmente importantes no trabalho do Laboratório de Pesquisa em Linguística na Universidade Gallaudet na década de 1970 (Maher, 1996). O Centro de Estudos Surdos de Bristol foi formalmente estabelecido em 1986 (mas a pesquisa em Estudos Surdos na Universidade de Bristol já havia começado em 1978); e inicialmente também teve uma base sólida dentro da comunidade surda local de Bristol, organizando cursos de certificação para a comunidade surda local e eventos regulares de divulgação de pesquisa. As primeiras décadas dos Estudos Surdos, portanto, apresentaram uma relação sólida entre as comunidades surdas, pessoas surdas no meio acadêmico e pessoas ouvintes no meio acadêmico [...]⁸ (nossa tradução).

⁷ Texto original do livro: What does it mean to do Deaf Studies and who gets to define the field? What would a truly deafled? Deaf Studies look like? What are the research practices of deaf scholars in Deaf Studies, and how do they relate to deaf research participants and communities? What innovations do deaf scholars deem necessary in the field of Deaf Studies?

⁸ Murray (this volume) maps out how community activists interacting with academics jointly created the discipline of Deaf Studies in the United States, interactions that were particularly important in the work of the Linguistics Research Laboratory in Gallaudet University in the 1970s (Maher 1996). The Centre for Deaf Studies in Bristol was formally established in 1986 (but Deaf Studies research at the

Com base nesse recorte, consigo definir que os estudos surdos têm fundamentação acadêmica com forte vínculo com a comunidade surda, sendo realizados por meio de pesquisas e coleta de dados, com focos mais específicos, como a cultura surda, Língua de Sinais, bem como as metodologias de ensino. Aqui, percebo também as possibilidades de desenvolvimento de estudos, que estão associadas a diversas áreas de estudos importantes, para além da educação, como a Linguística, Tradução e Antropologia, por exemplo. Nos Estudos Surdos, tudo vai depender da área escolhida para ser o foco inicial, o ponto de partida. Nesse caso, desenvolvo estudos em Educação na linha dos Estudos Culturais.

Contudo, é importante refletir sobre a forma como se desenvolveu esse campo em diferentes lugares e tempos, o modo como iniciaram as pesquisas acerca dos Estudos Surdos.

Ainda observando parte do livro destacado acima, vê-se que, nos Estados Unidos, os Estudos Surdos tiveram seu início em 1978, e posteriormente em Bristol (Inglaterra), no ano de 1986. Nos dois locais, as pesquisas aconteceram com pouca diferença de tempo, mas foram igualmente intensas e produtivas e a ideia então era pesquisar com a participação das pessoas surdas. O que eu desejo agora é apresentar esses estudos partindo do Brasil.

Em 1990, no Brasil, o Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NUPPES/UFRGS), com foco na educação e Estudos Culturais, começou a fomentar estudos sobre a educação de surdos. A pesquisadora e professora Luciane Lopes (2017) pesquisou o conceito Estudos Surdos, em sua dissertação de mestrado, *Emergência dos Estudos Surdos em Educação no Brasil* na UFRGS. Luciane Lopes (2017, p. 33) cita o que é emergência:

A emergência ocupa-se das condições para a produção de regimes de verdade, que não existem como únicos e perfeitos, mas podem ser compreendidos como algo deste mundo e produzidos segundo condições de possibilidades inscritas em um processo histórico.

University of Bristol already had started in 1978); and initially also had a strong foundation within the local Bristol deaf community, by organizing certificate courses for the local deaf community and regular research dissemination events. The first decades of Deaf Studies thus featured a strong relationship among deaf communities, deaf people in academia, and hearing people in academia (also see Turner 2007).

Nesse período, as pessoas surdas começaram a ingressar nos espaços acadêmicos para estudar, principalmente temas relacionados à educação de surdos. Assim, nesse espaço, entendo que os Estudos Surdos e os Estudos Culturais se unem e podemos dizer que são indissociáveis, inclusive para possibilitar a compreensão e funcionamento destes. Porém, são estudos complexos e vastos, que produziram muitas pesquisas voltadas para as questões pedagógicas, da cultura e identidade surda, da educação bilíngue, entre outras temáticas. Segue a tabela da pesquisadora Juliana Pokorski (2021, p. 20-21), que evidencia a diversidade de temáticas investigadas até o ano de 2020. A partir desse trabalho, incluí mais algumas produções, de 2020 a 2023:

Quadro 1 – Produções acadêmicas nos estudos surdos até 2023

Autor	Dissertação/Tese: Título	Ano
Ana Claudia F. Antunes	Acessibilidade de ambiente digital de educação a distância: Percepção de usuários surdos com o ensino médio completo e incompleto (Dissertação)	2021
Ana Luíza P.Caldas	O filosofar na arte da criança surda: construções e saberes (Dissertação)	2006
André Reichert	Mídia televisiva sem som (Dissertação)	2006
Augusto Schallenberger	Ciberhumor nas comunidades surdas (Dissertação)	2010
Bianca Ribeiro Pontin	Discursos e processos de normalização dos sujeitos surdos através de próteses auditivas nas políticas de governo da atualidade. (Dissertação)	2014
	Narrativas Docentes Sobre Alunos Surdos Com Implante Coclear Em Escolas De Surdos (Tese)	2021
Bruna da S. Branco	Língua de Sinais como objeto de consumo e a formação em Letras Libras como investimento em Capital Humano (Dissertação)	2019
Bruna F. A Alberton	Discursos Curriculares sobre educação matemática para surdos (Dissertação)	2015
	Etnomatemática surda: práticas discursivas no ensino de matemática para surdos (Tese)	2021
Camila G. Guerra Gões	Curso de Letras/LIBRAS: análise das experiências dos alunos surdos no ensino à distância do Rio Grande do Sul (Dissertação)	2010

	Acessibilidade em plataforma de educação a distância: um olhar a partir dos usuários surdos sobre os princípios de acessibilidade na Web (Tese)	2019
Carolina Comerlato Sperb	O ensino da língua portuguesa no atendimento educacional especializado (aee) para surdos (Dissertação)	2012
	Escola libriação: biografemática do gesto (Tese)	2017
Carolina Hessel Silveira	Literatura surda: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais (Tese)	2015
Cássia Lobato Marins	Processos de construção e desenvolvimento de currículos para surdos com deficiência em uma escola bilíngue para surdos (Dissertação)	2015
Claudio H.N.Mourão	Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais (Dissertação)	2011
	Literatura surda: experiência das mãos literárias. (Tese)	2016
Cristiano Pereira Vaz	Educação de surdos na fronteira de Santana do Livramento (BRASIL) e RIVERA (URUGUAI). (Dissertação)	2017
Erika Vanessa de L. Silva	Narrativas de professores de surdos sobre a escrita de sinais (Dissertação)	2013
Gisele M. M. Rangel	História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural. (Dissertação)	2004
Gladis T.T. Perlin	Histórias de vida surda: identidades em questão (Dissertação)	1998
	O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade (Tese)	2003
Janaina Pereira Cláudio	Proficiência em Língua Brasileira de Sinais-ProLibras: representações sobre o uso e o ensino da Libras (Dissertação)	2010
Marco Aurélio Rocha Di Franco	Surdolimpíadas (Deaflympics): histórias e memórias dos esportes surdos no Brasil (1993-2017) - (Tese)	2019
Marianne Rossi Stumpf	Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo Sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador (Tese)	2005
Renata O. Heinzelmann Bosse	Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais. (Dissertação)	2014
	Literatura Surda no Currículo das Escolas de surdos (Tese)	2019
Ricardo Morand Goes	Representações de personagens surdos e/ou da língua de sinais em desenhos animados (Dissertação)	2018

Wilson de O. Miranda	Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais (Dissertação)	2001
	A Experiência e a Pedagogia que nós surdos queremos (Tese)	2007

Fonte: Elaboração da autora a partir de Pokorski (2021).

Os Estudos Surdos, no contexto da educação, explicam como surdos acadêmicos adquiriram conhecimento e produziram cultura surda, Língua de Sinais. Segundo Luciane Lopes (2017, p. 48-49), é importante que:

O protagonismo surdo em defesa da sua língua marca uma descontinuidade no campo de produção de discursos clínicos sobre a educação dos surdos, uma vez que os surdos começam a participar dos eventos, na luta pelo uso da língua de sinais.

Annelies Kusters, Maartje De Meulder e Dai O'Brien (2017) explicam a tendência dos elementos da cultura surda, que podem referir-se a epistemologias surdas, ganho surdo, surdez, surdo sociabilidade e espaço surdo, no contexto de experiências surdas.

A partir dessa breve contextualização, entendo ser importante escolher um delimitador na minha pesquisa e minha opção de escolha de conceito é o da Interculturalidade. Acerca do conceito de Interculturalidade, a professora da UFRGS, Magali Menezes (2008, p. 08), explica, em seu artigo *Em tempos pós-modernos a educação como lugar de (des)encontros*, que:

A palavra interculturalidade não tem lugar no dicionários brasileiros, esse sentido deve ser construído, não está dado. A palavra intercultural é composta por duas palavras 'inter' e 'cultura'. Inter vem do latim que corresponde a 'entre', podendo assumir o sentido de uma interposição no tempo, no espaço, uma reciprocidade, um quase ou início de uma ação (Menezes, 2008, p. 08).

Segundo Magali Menezes (2008), embora a palavra interculturalidade não tenha lugar nos nossos dicionários, é imprescindível que a educação mobilize outras formas de pensar, que valorizem o encontro, construindo um pensamento que é fluido e se molda conforme tradições diversas. A interculturalidade ocorre em encontros entre culturas diferentes, mas esse encontro nunca é neutro, sempre há alguma luta, alguma resistência. O poder de uma cultura sobre a outra pode ser percebido quando

prestamos atenção sobre quem ou o que define o que é proibido, permitido ou incentivado.

A educação escolar pode ser refletida a partir de práticas que buscam definir limites aos indivíduos, adequá-los a um contexto social. Porém, ao pensarmos de um lugar de interculturalidade, não adianta somente focar naquilo que a instituição força a fazer. Precisamos ser capazes de nos sensibilizar com as formas de vida que são criativas mesmo quando estão aparentemente subjugadas. Um dos ensinamentos que recebi da surda idosa Aparecida (uma das surdas que entrevistei) foi o fato de ela conseguir, mesmo que em um longo período de tempo, mostrar à escola em que ela havia estudado (escola de surdos onde o oralismo era a orientação principal) que a Libras dinamizava as explicações para os surdos. Embora fosse, na época em que Aparecida iniciou a escolarização, evitado o uso da Libras em sala de aula, pelos professores e alunos, os surdos continuavam se comunicando por meio dela. Aparecida conta com orgulho que começou a ser procurada pelos professores (mesmo que como último recurso) para realizar explicações do conteúdo, de regras, para resolver conflitos, etc.

Outro aspecto que relaciono com a interculturalidade é o fato de as narrativas demonstrarem que as experiências com a escolarização, mesmo que em escolas oralistas, produziram momentos de resistência para muitos surdos. A surda idosa, Aparecida, afirma que, apesar de muitos surdos relatarem memórias tristes da escolarização e da oralização, ela mesma possuía muitas histórias felizes em sua memória. Penso que isso se aproxima daquilo que Catherine Walsh (2021) refere quando fala que a “decolonialidade” (decoloniality) que age nas brechas do poder colonial. Como ela afirma em sua reflexão, trata-se de perceber como os povos elaboram seus modos de vida apesar do colonialismo.

No Brasil, assim como citado por Magali Menezes (2008), e pensando na educação, a interculturalidade é vista mais sob o aspecto do conceito da diversidade, seja pela questão social, do negro, dos indígenas, dos surdos, enfim, diversos grupos que sofrem, de uma forma ou de outra, a influência do colonialismo. Porém, dentro da educação, vamos pensar como a cultura se conecta, como ela se engrena ‘entre’, pensando no tempo e no espaço como uma ação.

A educação nos mostra que o colonialismo continua produzindo marcas nas visões que circulam dentro da escola e em outros espaços educativos. Uma postura

intercultural exige que a escola crie espaços de encontro entre culturas, tanto entre culturas historicamente oprimidas como entre as próprias culturas dominantes, de forma a reconhecer a opressão e superá-la. A convivência, independentemente das diferenças das pessoas, exige um lugar no qual se precisa estar, estudar, interagir e dialogar com a diferença. Em meu entendimento, a educação que adote uma postura intercultural precisa também reconhecer os problemas do colonialismo.

O pesquisador e antropólogo argentino, Nestor Canclini (2007), possui várias publicações abrangendo comunicação, Estudos Culturais e sociologia. Entre suas obras, há um livro que discute a interculturalidade, chamado *Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade*. Abaixo uma citação que nos mostra que:

Para as antropologias da diferença, cultura é pertencimento comunitário e contraste com os outros. Para algumas teorias sociológicas da desigualdade, a cultura é algo que se adquire fazendo parte das elites ou aderindo aos seus pensamentos e gostos; as diferenças culturais procederiam da apropriação desigual dos recursos econômicos e educativos. Os estudos comunicacionais consideram, quase sempre, que ter cultura é estar conectado. Não há um processo evolucionista de substituição de algumas teorias por outras: o problema é averiguar como coexistem, chocam ou se ignoram a cultura comunitária, a cultura como distinção e a cultura.com (Canclini, 2007, p. 15-16).

Nestor Canclini (2007) explica a teoria da interculturalidade ao detalhar as visões multicultural, sociocultural, interdisciplinar, comunicacional, entre outras, e argumenta que a interculturalidade pressupõe deslizamentos interculturais exitosos e diferentes, desiguais e desconectados. Esses aspectos nos indicam que não há um foco apenas para pensar uma teoria e prática intercultural, mas que tudo depende dos contextos, das características e das marcas de cada cultura.

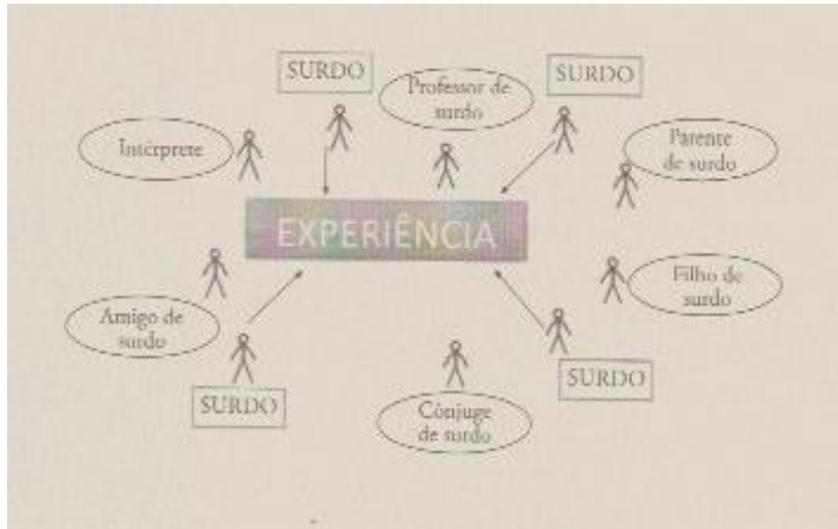
Neste momento investigativo, como uma consumidora e produtora de práticas interculturais bilíngues, com sujeitos surdos idosos entrevistados, entendo que a pesquisa que realizo, na proposta de um fazer intercultural, pensando nas narrativas das mãos literárias de surdos idosos, precisou refletir sobre as formas de apresentar e analisar as narrativas. Uma vez que a interculturalidade não é um resultado, mas um processo, precisei fazer uma análise algo aberta a outras formas de conhecer, estando atenta ao que os participantes demonstram das suas formas de pensar.

A pesquisadora e professora surda Clarissa Dall'Alba (2013, p. 75) explica que a cultura surda não é apenas para o povo surdo, mas para ouvintes também:

A cultura surda pode ser entendida como um recurso, ou seja, a partir da cultura abrem-se inúmeras possibilidades, pois usamos a cultura surda no cotidiano como artefatos visuais, mídias (fotos, vídeos, internet) e obras produzidas pelos sujeitos surdos. A cultura surda não é constituída só por pessoas surdas: os ouvintes também participam e se sentem em 'casa' na comunidade surda, por saber que a cultura surda possibilita trocas. A cultura surda está dentro de cada pessoa e não se resume somente a materiais. Cada um tem uma maneira de viver com a cultura surda e tem um olhar próprio, agindo de sua forma. Assim, essa cultura vai se fortalecendo.

Segundo Anie Gomes (2015), no artigo *O que significa essa tal 'cultura surda'?*, uma pesquisadora que é ouvinte, os ouvintes podem conhecer a cultura surda: esse compartilhamento de experiências na cultura surda é o que chamamos de comunidade surda.

Figura 13 – Comunidade surda: experiência compartilhadas



Fonte: Anie Gomes (2015, p. 16).

A pesquisadora e professora surda Helenne Sanderson (2020, p. 57-58) cita que:

Nesse movimento de problematização das formas como o conceito de cultura surda vem sendo produzido e consumido é que proponho olhar para esses modos de ser surdo na escola, a partir de outros deslocamentos culturais como, por exemplo, o que está sendo construído pelos youtubers surdos. Este possui novos endereçamentos culturais, com outras possibilidades de pensar a circulação e consumo da cultura surda na escola. [...] dão condições de informação e acessibilidade aos surdos durante encontros, associação ou eventos da comunidade surda. Quanto mais informadas, com mais acesso aos bens culturais, mais as pessoas surdas poderão estabelecer trocas e dialogar, haja vista a importância de um espaço linguístico favorável, capaz de dar aos sujeitos surdos condições de participação e equidade social.

Então essa citação me ajuda a refletir, como pesquisadora surda, que vive a prática intercultural com duas línguas, Libras e Português, como condições de informações sociais, sobre dois espaços diferentes: mundo surdo e ouvinte, sendo que eu nasci surda, única, numa família ouvinte. Segundo Thomas Holcomb (2011, p. 141):

Para a maioria dos surdos, a situação é diferente. É mais provável que tenham pais não surdos e familiares que não sinalizam. Por consequência, não têm acesso aos bate-papos de suas famílias. São incapazes de escutar conversas por acaso, tanto em casa quanto na vida pública. Eles não têm acesso a rádios. Em razão de ambientes linguísticos e comunicativos empobrecidos em casa e na escola, muitas crianças surdas crescem com habilidades de leitura e escrita relativamente deficientes. Como resultado, têm dificuldades de acessar informações pelo meio impresso. Tudo isso levou os surdos a buscar soluções para lidar com as lacunas de conhecimento e compreensão de questões que lhes sejam relevantes, em suas residências e também na sociedade como um todo. Para esse propósito, o compartilhamento de informações torna-se uma característica proeminente da cultura surda.

A autora Susana Sacavino (2016), no texto *Educação descolonizadora e interculturalidade: notas para educadoras e educadores*, desenvolve uma série de questionamentos sobre os contatos interculturais no contexto das relações de poder e de colonização. A autora destaca uma questão relacionada à forma como as populações da América do Sul e Caribe enfrentam a desumanização e o desprezo. Mesmo que as populações sejam maioria, ainda assim estão em desvantagem em relação às culturas colonizadoras. Ela diz que

Dentro da zona do ser na América do Sul e no Caribe se encontra uma minoria, cuja humanidade, identidades, conhecimentos, espiritualidade, suas formas de ser e viver têm sido historicamente privilegiadas devido a sua origem racial e social e se constituíram e se constroem como superiores. Sendo que a grande maioria da população se encontra na zona do não ser, são sujeitos cuja humanidade não é reconhecida e, por conseguinte, são inferiorizados, assim como suas formas de viver, de ser, de estar, de pensar, de existir, suas espiritualidades e conhecimentos foram invisibilizados e subalternizados (Sacavino, 2016, p. 195).

Segundo Magali Menezes (2008, p. 2), é preciso pensar o “outro”, como “[...] um espaço de difícil convivência que nos faz refletir sobre a nossa capacidade enquanto humanos de conviver com o Outro”. Não há tranquilidade nesse tipo de convivência, já que existe sempre a proposta de outra perspectiva.

Desde o ponto de vista da promoção de uma educação descolonizadora e intercultural é necessária uma mudança na construção das subjetividades,

que afete tanto os sujeitos que se colocam na zona do ser como os condenados à zona do não ser, só que implica em estratégias diferentes que devem levar em consideração as experiências histórico-sociais e culturais dos diferentes sujeitos (Sacavino, 2016, p. 195).

É possível que essa mudança repentina de postura, passando-se a valorizar o que sempre foi desprezado, cause incômodo, incerteza, sensação de falta de direção. Mas é importante lembrar que a suposta segurança que os ideais dos colonizadores arrogam para si é algo praticamente impossível, inalcançável, que reserva à maioria somente a frustração do não-ser.

Por fim, a autora Catherine Walsh (2016) desenvolve seu pensamento sempre partindo da noção de que caberia a nós um momento de silêncio diante de outras vozes. Ela afirma a necessidade de uma práxis intercultural, mais do que uma teoria intercultural. Por não se tratar de teoria, mas de como proceder de maneira a favorecer a decolonização, é preciso sempre dar um passo atrás, mais ouvindo do que falando, já que é algo muito difícil identificar o limite entre aquilo que oferecemos à educação e a tendência colonizadora que habita nosso inconsciente.

Para fechar esta seção, é preciso refletir sobre quem será o responsável por trazer aquele ingrediente que é capaz de dar um sabor ou uma coloração especial à nossa receita. A gota de interculturalidade pode ser apenas uma gota, mas é responsável pela modificação de todo o processo de confecção do bolo. Parece aceitável que os responsáveis por esse “fermento”, essa “coloração” ou esse “tempero” sejam os próprios surdos idosos. Nas mãos literárias é que se tornam evidentes as formas que a educação intercultural irá assumir.

Não há como criar uma educação voltada para surdos sem que haja alguma tradição, alguma herança. As narrativas dos surdos mostram que há formas de vivenciar a escolarização nas rachaduras do colonialismo, que, no nosso caso, é um colonialismo comumente chamado de audismo. É por esse motivo que, na próxima seção, abordo a experiência das mãos literárias na educação.

5 A PRODUÇÃO DE NARRATIVA: EXPERIÊNCIA DAS MÃOS LITERÁRIAS

Nesta subseção, lembro que um dia, enquanto vagava no *Facebook*, vi um rapaz dizendo que um vídeo antigo era um dos primeiros registros de Língua de Sinais. Abri o vídeo e era George Veditz sinalizando na ASL. Decidi abrir o vídeo no YouTube do canal *The National Association Of The Deaf (NAD)*, para assistir ao vídeo completo de George Veditz, intitulado *The Preservation of Sign Language*, cuja duração era de 14:41 min. Queria compartilhar o vídeo com tradução em Libras para que a comunidade surda pudesse assisti-lo, e decidi contratar o surdo tradutor João Gabriel D. Ferreira. Segue a imagem com o formato de tradução que ele fez:

Figura 14 – A forma da tradução



Fonte: YouTube da autora (2023). 

George Veditz sinalizou sobre vários assuntos: educação de surdos, língua, política e registros, educadores, escola, oralismo etc. Quando ele sinalizou: “Muitos tentaram preservar e transmitir seus sinais. Mas há um meio conhecido de transmitir isso, através do uso de filmes cinematográficos” (Veditz, 1913 *apud* Ferreira, 2023, vídeo).

O professor, escritor e contador de ASL, Ben Bahan (2007), escreveu o livro *Signing the Body Poetic: essays on American Sign Language literature*. No capítulo *Face-to-Face Tradition in the American Deaf community: Dynamics of the Teller, the Tale, and audience*, ele explica que as histórias cinematográficas são “Outra forma popular de narrativa que envolve o uso de técnicas cinematográficas na criação de histórias. Embora a técnica cinematográfica possa aparecer em qualquer gênero de

performance narrativa, uma história cinematográfica destaca essa técnica e a utiliza extensivamente ao longo da obra” (Bahan, 2007, p. 29). Isso quer dizer que não é a mesma forma do cinema, mas é uma forma de estrutura narrativa, como surdos podem ver a Língua de Sinais. Tatiana Lebedeff (2017, p. 228) cita o pensamento de George Veditz: “pessoas surdas veem, as coisas são visuais para surdos e é pela visão que se acessa tudo”. Para mim, isso se refere à experiência visual da cultura surda.

As mãos literárias são uma forma narrativa, assim como se veem ouvintes usando Língua de Sinais, prova de que não é algo apenas para surdos, é também para ouvintes, pois trata-se de uma forma de discurso narrativo. Segundo Cláudio Mourão (2016, p. 19): “Utilizo mãos literárias para as mãos (incluindo o corpo e as expressões faciais) que produzem língua de sinais em forma literária”.

Em 2020, participei da disciplina *Tópicos Especiais*, na UFSC, ministrada pela professora Rachel Sutton-Spence. A professora contribuiu com o livro: *Literatura em Libras*, e discutiu conosco alguns assuntos da obra. A disciplina dividia-se em quatro partes: Alguns elementos fundamentais de literatura em Libras; a Produção de narrativas e contos em Libras; Elementos da linguagem estética e a Relação entre a sociedade e a literatura em Libras. Comecei a ler os tipos de produção de narrativas específicas em Libras: gêneros da literatura em Libras, definidos pelo grau de ficção e pela forma, pela origem, pelo conteúdo e pelo público. Fiquei curiosa sobre o conteúdo da narrativa de experiência pessoal contido nesse livro sobre literatura em Libras.

Os autores Ben Bahan (2007) e Rachel Sutton-Spence (2021) explicam o que são as narrativas da experiência pessoal ou surda. Para começar, Ben Bahan (2007, p. 29) fala sobre *Deaf World* (Mundo Surdo), mas explica que:

Narrativas de experiência pessoal são provavelmente o tipo mais comum de narrativa na comunidade surda. São relatos da vida real de vários eventos, incluindo aqueles que são engraçados ou trágicos e aqueles de lutas para superar várias dificuldades.

Rachel Sutton-Spence (2021, p. 89) usa o conceito narrativas da experiência surda:

É importante que, ao serem contadas pela pessoa sobre si ou sobre outra pessoa, tenham um protagonista surdo e que o que aconteça na história só

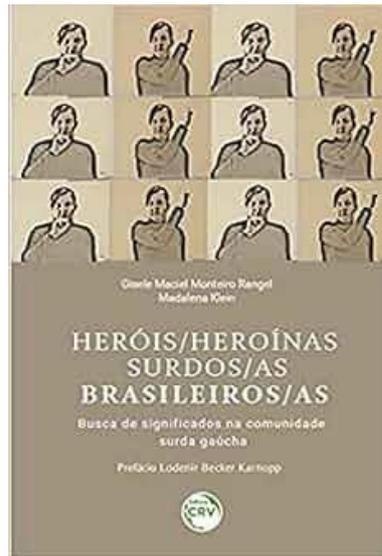
possa acontecer a essa pessoa porque ela é surda, ou seja, a história não aconteceria com um ouvinte. Os tópicos incluem, entre outros, a infância, as experiências do trabalho e com viagens (especialmente sobre os encontros com outras pessoas surdas nessas viagens). As narrativas sobre os encontros com pessoas ouvintes frequentemente informam o público surdo sobre os desafios da vida sofridos pelas pessoas surdas e as maneiras de superá-los. Isso transforma as histórias de experiências particulares de uma pessoa em 'Experiência Surda' de modo geral, por ser a mesma realidade vivenciada por outros surdos também.

Cláudio Mourão (2016) explica sobre a circulação e experiência das mãos literárias mesmo em tempos de proibição e intolerância linguística:

As mãos literárias – a língua está dentro do círculo das artes e da cultura, que produz literatura – ficaram escondidas durante os anos de opressão da língua de sinais, nas escolas, embaixo das mesas durante as aulas, escondida nos banheiros, nos corredores da escola, procurando evitar os castigos dos professores, mas nem assim as mãos literárias se extinguíram.

As mãos literárias são como experiência visual, mas em forma literária, com aspectos da história: trabalho, escolas, teatro, filhos, livros, até fotos. A pesquisadora e professora da Libras, Gisele Rangel (2004), em sua dissertação de mestrado, intitulada *História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural na UFRGS*, utiliza fotografias para mencionar pessoas surdas gaúchas na história - considero isso mãos literárias, em narrativa de experiência pessoal. Naquela época, o sonho de Gisele Rangel era o seguinte (2005, p. 22): “Tenho um grande sonho: descobrir e pesquisar os registros da própria história dos surdos, pois os surdos não têm esses registros de sua história. Por outro lado, sinto uma limitação: como resgatar a história dos surdos, do povo surdo se não há registros”. Em 2020, ela e a orientadora Madalena Klein publicaram o livro *Heróis/heroínas surdos/as brasileiros/as: busca de significados na comunidade surda gaúcha*. As surdas gaúchas narram a história na forma das mãos literárias.

Figura 15 – O Livro



Fonte: Rangel e Klein (2020).

A obra foi constituída por meio da leitura de livros, registros em papel, rascunhos nunca publicados, cartas de amor ou vídeos, afinal são inúmeras as possibilidades que temos de registros que evidenciam a cultura surda, era fundamental apenas que estivessem em Libras.

Gládis Perlin (2013, p. 447), acerca do exercício de pensar o surdo no momento contemporâneo, bem como o exercício de conviver com a diferença, diz que:

As novas leituras contemporâneas a respeito da diferença estão ganhando formas reais e as mais recentes apontam em diferentes direções. Meus interpelados, acadêmicos, todos ouvintes, falam eloquentemente da dificuldade sentida em relação ao sujeito surdo. Sem ser apenas dificuldade em entender a diferença cultural, pois entra a dificuldade de conviver com a diferença. Na visão atual, conviver com o surdo não é fazer do surdo um ouvinte, mas introduzir o espaço do surdo.

A ideia é pensar sobre a pessoa surda e suas criações sobre literatura, sejam escritas, piadas, narrativas, poesias, mas sempre concomitantes à Língua (a Libras) e à cultura surda, fatores que asseguram e permeiam as publicações nos diferentes temas. Mesmo a escrita evidencia essas questões, mas, quando sinalizados, revela-se a estrutura sintática e a visual literária. Segundo Christopher Krentz (2006, p. 52), a câmera é como uma modalidade de impressão, uma vez que “[...] as performances de filmes em Língua de Sinais Americana não são escritas, elas existem do mesmo modo que foram apresentadas originalmente”. A cultura surda mostra que os artefatos

culturais estão vinculados à experiência visual. Neste sentido, Helenne Sanderson (2020, p. 55) pondera:

Os surdos produzem artefatos culturais que lhe são peculiaridades e que representam uma experiência visual diferenciada. Os artefatos da cultura surda, em se tratando da arte, principalmente na contemporaneidade, são representados em obras de arte, peças de teatro, literatura, pintura, fotografia, cinema e música. Os surdos exploram a visão nas produções artísticas, educacionais e culturais.

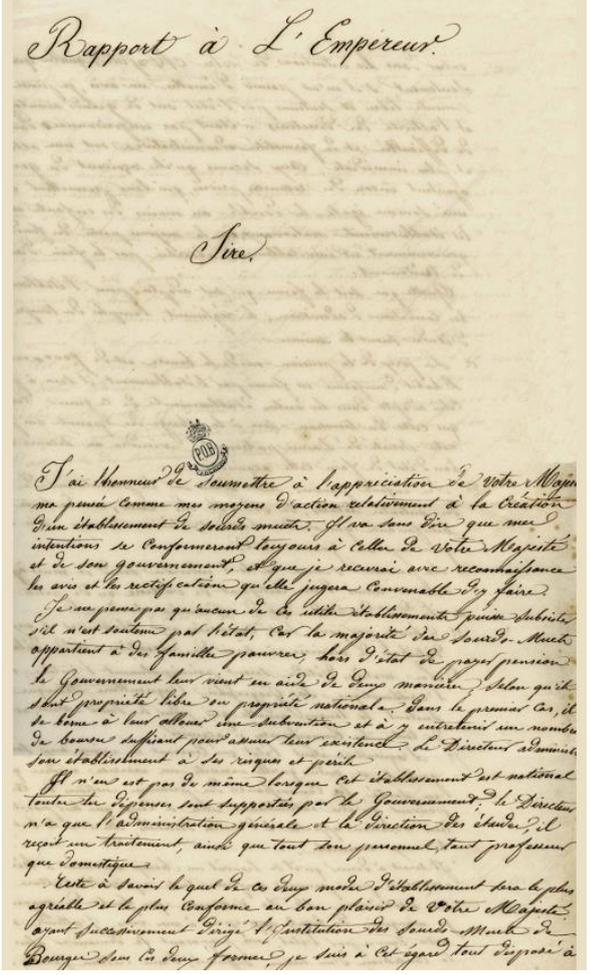
A pesquisa não é algo pronto, que se finda neste ano, há sempre complementos e novas informações ou dados a serem descobertos e inseridos. Nessa coleta de informações, há um interesse muito especial nos surdos idosos, por conta das suas histórias, que talvez não tenham registro.

A dúvida que se tem agora é sobre como organizar todas as observações, dados coletados, considerando e entendendo que não temos nada por acabado, completo ainda. Sim, há pesquisas, registros, sejam fontes de teses, dissertações, artigos, livros, vídeos ou ainda tantas outras fontes possíveis coletadas ou já identificadas. Ana Regina Campello (2008, p. 91) explica o artefato cultural dos surdos:

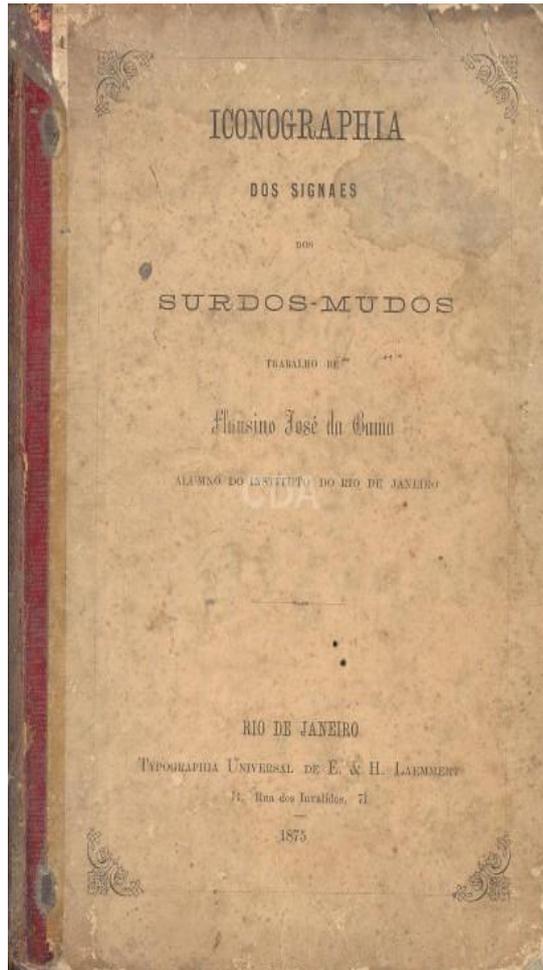
A 'experiência visual' também é um 'espaço de produção' (QUADROS, 2007), igualmente na teoria cultural e de Estudos Surdos, que provém da constituição dos Surdos apresentando seus diversos artefatos, como: língua de sinais, história cultural, identidade, pedagogia, literatura, artes, trabalho, tecnologia, teatro, pintura, e outros. Complementando com QUADROS (2007) que 'o artefato cultural tem validação enquanto sustenta o pertencimento cultural'. O artefato cultural dos Surdos é organizado de acordo com a visualidade e utiliza uma estratégia para substituir a ausência do som. Pela ausência do som, criamos as nossas informações sobre a cultura do seu criador em detrimento da maioria da comunidade Surda e seus usuários que perderam ou nunca tiveram contato com a língua de sinais. O artefato varia e é acrescido ao longo do tempo, dependendo da evolução da tecnologia, de novas descobertas e dos recursos que nós necessitamos para viver por meio da visão. E destes criam-se um pertencimento cultural que, por meio da visualidade, se apropria, se media e transmite a cultura proporcionando vários significados capazes de promover a sociabilidade e a identidade através da visualidade e da 'experiência visual' como protagonistas dos processos culturais da comunidade Surda. Pela ausência do som, criamos as nossas informações sobre a cultura do seu criador em detrimento da maioria da comunidade Surda e seus usuários que perderam ou nunca tiveram contato com a língua de sinais. O artefato varia e é acrescido ao longo do tempo, dependendo da evolução da tecnologia, de novas descobertas e dos recursos que nós necessitamos para viver por meio da visão. E destes criam-se um pertencimento cultural que, por meio da visualidade, se apropria, se media e transmite a cultura proporcionando vários significados capazes de promover a sociabilidade e a identidade através da visualidade e da 'experiência visual' como protagonistas dos processos culturais da comunidade Surda.

A seguir, apresento alguns artefatos culturais de circulação da literatura surda, para acesso ao conhecimento, empoderamento da cultura surda, como construtos bilíngues escritos em português e Libras, como livros, vídeos e glossários. Pergunto-me sobre a importância de tais artefatos como referências visuais para a comunidade surda. Existe na contemporaneidade, parece-me, uma facilitação à produção e circulação de objetos de consumo na sociedade, o que incentiva mais produções em Língua de Sinais (vídeos).

Quadro 2 – Produções de literatura surda

ANO/TÍTULO	IMAGEM/DESCRIÇÃO
<p>1855 – Relatório do Eduard Huet para Dom Pedro II.</p>	 <p>A carta manuscrita (relatório) de Eduard Huet enviada para Dom Pedro II mostra uma forma utilizada de comunicação da comunidade surda. Trata da disseminação da escola de surdos, evidenciando o protagonismo surdo do movimento surdo na educação de surdos.</p>

1875 – Livro do Iconographia dos Signaes dos surdos-mudos, desenho por Flausino José da Gama.



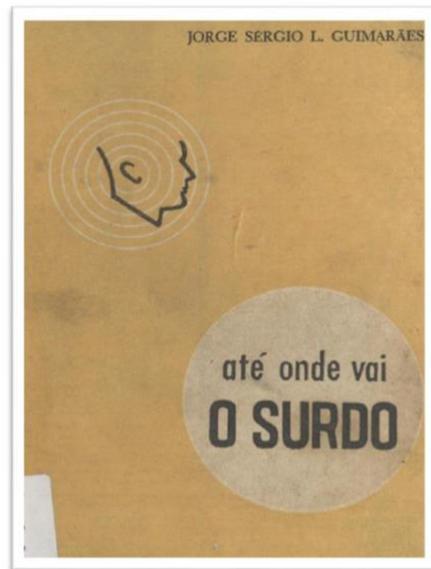
Esse dicionário, com desenhos no papel, é uma prova histórica que temos, possivelmente, o primeiro registro de sinais no Brasil.

1930 – O escultor surdo Antônio Edgar de Souza Pitan.



O escultor surdo, Antônio Edgar de Souza Pitan, é formado na Escola Nacional de Belas-Artes. Professor do INES, ganhou dois prêmios importantes: Escultura menino sorrindo e Escultura Paraguassú.

1961 – O escritor surdo Jorge Sérgio Lopes Guimarães, publicou o livro *Até onde vai o surdo*.

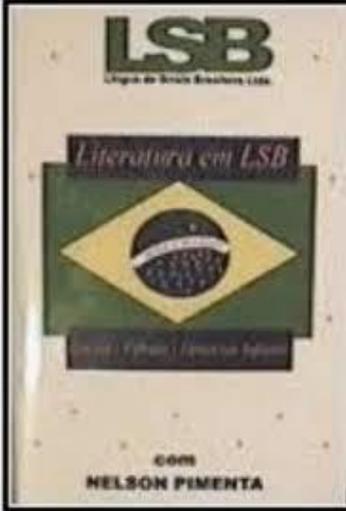


Jorge Guimarães trabalhava então na Rede Globo, era colunista e, aqui, cabe lembrar que sim, há muitos surdos que não se aceitam nessa condição, não sinalizam e buscam uma normalização de sua condição.

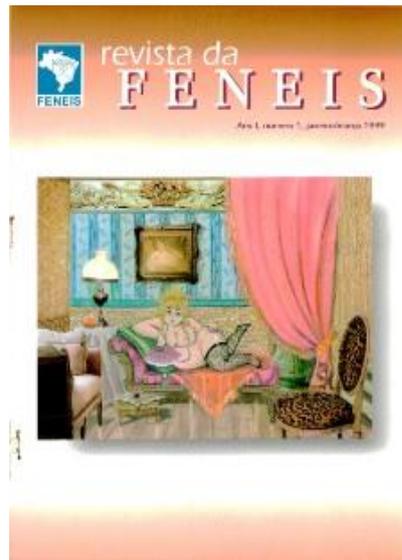
1987 – A Fundação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).



Nesse ponto do trabalho, é importante destacar a FENEIS, que conta com vários registros e presença marcante da comunidade surda, nos livros, nas poesias, nos movimentos e tantos outros acontecimentos, que, de diferentes formas, evidenciam o que chamamos de Mãos Literárias.

<p>1989 – Centro de Integração dos surdos nas artes cênicas (CISACEN), depois reestruturada para Centro de Integração de Arte e Cultura dos Surdos (CIACS).</p>	 <p>O foco era centrado na temática da cultura surda, contemplava aspectos e eventos das histórias de pessoas surdas, adaptações realizadas a partir de outras histórias, mas que evidenciam a cultura surda, isso tudo associado à Literatura.</p>
<p>1999 – Grupo Interinstitucional de pesquisa em Educação de Surdos (GIPES) foi reestruturado a partir do Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES).</p>	 <p>Grupo de pesquisa em educação de surdos, que inclui também produções artísticas e literárias, como a Literatura Surda, entre tantos outros temas que se entrelaçam aos Estudos Surdos.</p>
<p>1999 – O Hino Nacional Brasileiro em Libras.</p>	 <p>Essa editora foi estruturada e criada com foco na publicação de material da Literatura surda, em 2002, incluindo as fábulas e tantos outros gêneros da literatura. Tinha como idealizador o ator Nelson Pimenta.</p>

1999 – Primeira capa da revista da FENEIS publicada, que foi elaborada e ilustrada por um desenhista surdo, Silas Queirós.



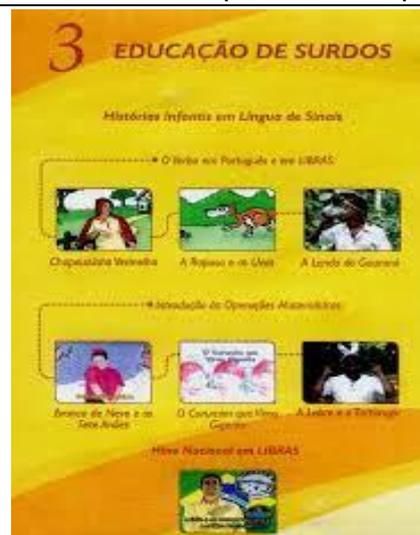
É um importante registro do artista surdo como arte surda e protagonismo surdo na comunidade surda.

1999 – Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos.

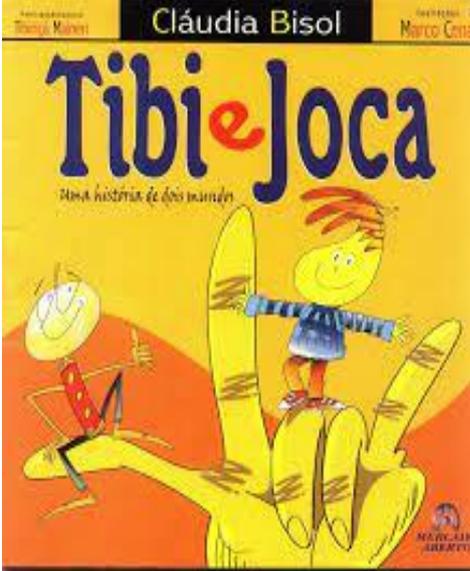


O congresso contou com apresentação de linguagem artística, seja pelo teatro, entre tantas outras possibilidades. E o documento “A Educação que nós surdos queremos” continha uma seção sobre “As artes surdas”, evidenciando que a arte faz parte da política.

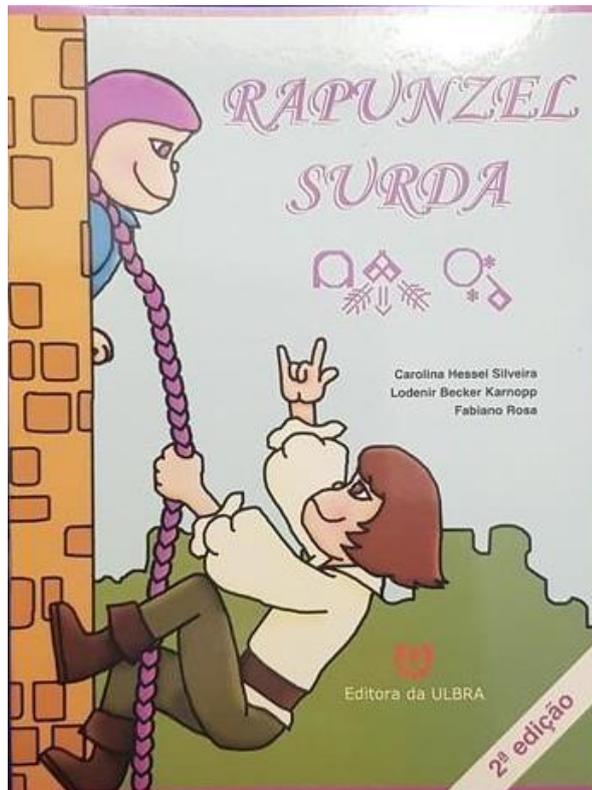
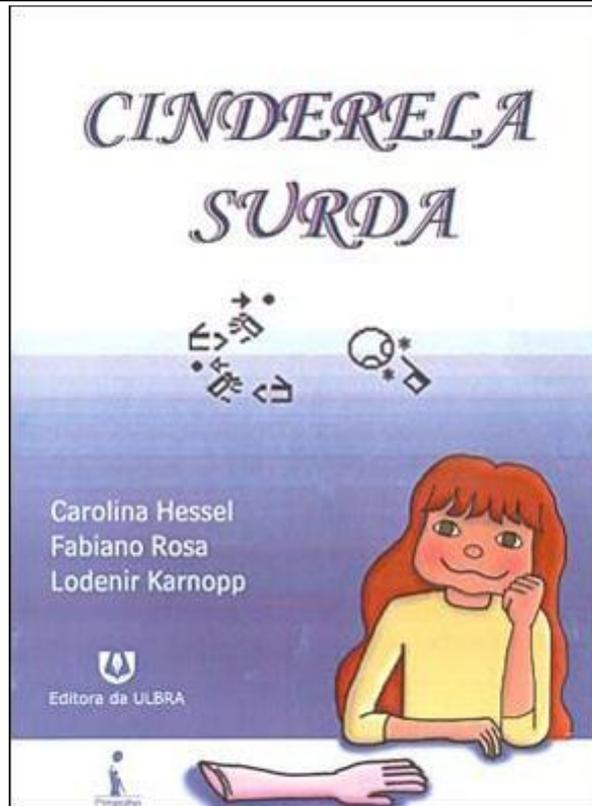
2000 – Histórias Infantis em Língua de Sinais: O verbo em português e em Libras: Chapeuzinho Vermelho; A raposa e as uvas; A lenda do Guaraná; Branca de Neve e os sete anões; O Curumim que virou Gigante; A Lebre e a Tartaruga.



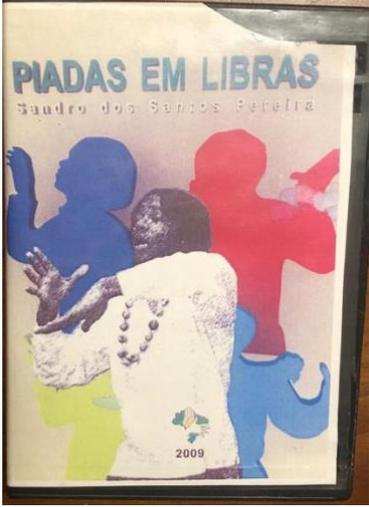
Os materiais em formato de vídeo organizados e publicados pelo INES, com adaptações da literatura infantil para a literatura surda.

<p>2001 – Livro infantil: Tibi e Joca - Uma história de dois mundos, autoria de Cláudia Bisol.</p>	 <p>Esse livro focaliza a cultura surda, porque na época havia outros mais ligados à abordagem clínica da surdez.</p>
<p>2002 – Lançamento da tradução da história de Alice no país das maravilhas (texto de Lewis Carroll) da editora Arara Azul, tradução do inglês para português de Clélia Regina Ramos, e adaptação para Libras da autora surda Marlene Pereira do Prado.</p>	 <p>*Imagem meramente ilustrativa</p> <p>Primeira tradutora surda, Marlene Pereira do Prado, que realizou o primeiro trabalho na área de tradução literária.</p>
<p>2002 – Lei Federal da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), nº 10.436 de 2002.</p>	<p>Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos</p> <p><u>LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.</u></p> <p>Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.</p> <p>no a seguinte Lei:</p> <p>A aprovação da Lei é resultado de toda a luta e movimentação política dos surdos no Brasil. Alguns artistas surdos fizeram arte surda, poesia e contação de histórias sobre lei como importante marco histórico para comunidade surda.</p>

2003 – Livros de literatura surda para o público infantil: Cinderela Surda e Rapunzel Surda, realizados pela desenhista surda, Carolina Hessel da Silveira. Autores: Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp.



Três autores, Carolina, Fabiano e Lodenir, fizeram uma adaptação dos clássicos de literatura para literatura surda com empoderamento da cultura surda.

<p>2008 – Apostila para curso de Letras Libras - Literatura Surda, elaborada pela professora Lodenir Karnopp.</p>	<p>Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância</p> <p>Lodenir Karnopp</p> <p>Literatura Surda</p>  <p>Florianópolis, 2008</p> <p>O material apresenta a literatura surda e sugestões de uso dos materiais. Contava com vídeos, referências de livros, sempre associados à cultura surda. Esse material elaborado era para ensinar a atuação aos futuros professores, sejam eles surdos ou ouvintes, acadêmicos do curso de Letras-Libras. Anteriormente, não havia essa formação específica voltada à compreensão da Literatura Surda. Os olhares se ampliaram para essa área a partir dessa disciplina.</p>
<p>2009 – Lançamento de um DVD de piadas em Libras, do surdo Sandro Pereira.</p>	 <p>O material continha uma explicação e contextualização acerca desse tipo de narrativa curta, sempre envolvendo a comunidade surda, através das associações e escolas de surdos.</p>

<p>2011 – Grande Festival de Cultura Surda em Porto Alegre, UFRGS.</p>	 <p>A organização objetivava a cultura e a arte como fundamentais, envolvendo o cinema, teatro e oficinas, dentre tantas atividades. Esse foi de fato um evento de amplitude nacional, muito importante e que chamou a atenção de forma abrangente para o tema e com o passar dos tempos, a cultura surda foi tendo visibilidade.</p>
<p>2011 – O livro <i>Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações</i>, organizado por Lodenir Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lise-Lazzarin.</p>	 <p>A equipe coordenadora que trabalhou no festival, publicou um livro, contemplando temas que falam de cultura e escola bilíngue, literatura, entre outros.</p>
<p>2014 – Festival de Folclore Sinalizado.</p>	 <p>A organização do Festival foi de responsabilidade principal dos surdos. Contou com apoio de ouvintes, mas para auxiliar, pois as ações ficaram sob cuidados dos surdos, que garantiram o protagonismo e premiação.</p>

<p>2014 – Grupo Corposinalizante, por grupos surdos e ouvintes, criou o SLAM do Corpo em 2017.</p>	 <p>O primeiro Slam Surdo, projeto de integração surdos e ouvintes, em oficinas e competições.</p>
<p>2017 – Sarau Arte de sinalizar, organizado pelo professor Cláudio Mourão, na UFRGS.</p>	 <p>Sarau para ampliar o acervo em Libras e fortalecer ainda mais a cultura surda, empoderando a literatura surda, as Mãos Literárias, a Visualiterária, concentrado num espaço a ser oferecido para a comunidade surda.</p>
<p>2017 – Mãos Aventureiras, os livros infantis, tradução em Libras pela professora Carolina Hessel.</p>	 <p>Todo o material é possível de ser usado em qualquer escola, são materiais didáticos elaborados com o objetivo de incentivar e ampliar os conhecimentos. Constitui um importante acervo de contação de histórias infantis em Libras.</p>

2018 – 1º História em quadrinhos bilíngue: O congresso de Milão



A história em quadrinhos bilíngue, feita por artistas surdos, é uma forma de pensar a temática da educação de surdos.

2018 – Festival Despertacular, idealizadora surda Renata Resende em Brasília.



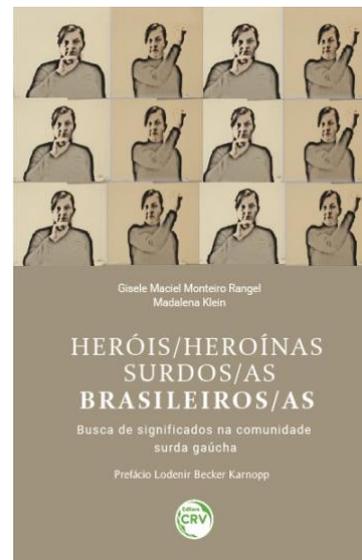
Esse festival foi realizado em Brasília, um cenário vibrante onde o teatro, curtas-metragens, filmes estrelados por atores surdos e ouvintes, arte surda, exposições, palestras e oficinas se entrelaçam, criando uma celebração da rica tapeçaria da cultura surda.

2019 – Lançamento do Repositório Artístico Arte de Sinalizar, organizado pelo professor Cláudio Mourão, na UFRGS



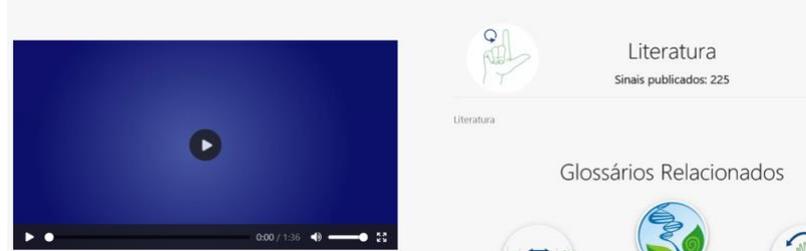
O repositório é acervo de vídeos por acontecimentos dos saraus e outros eventos.

2020 – O livro *Heróis/Heroínas Surdos/as Brasileiros/as: busca de significados na comunidade surda gaúcha*, das autoras Gisele Rangel e Madalena Klein, da Editora CRV.



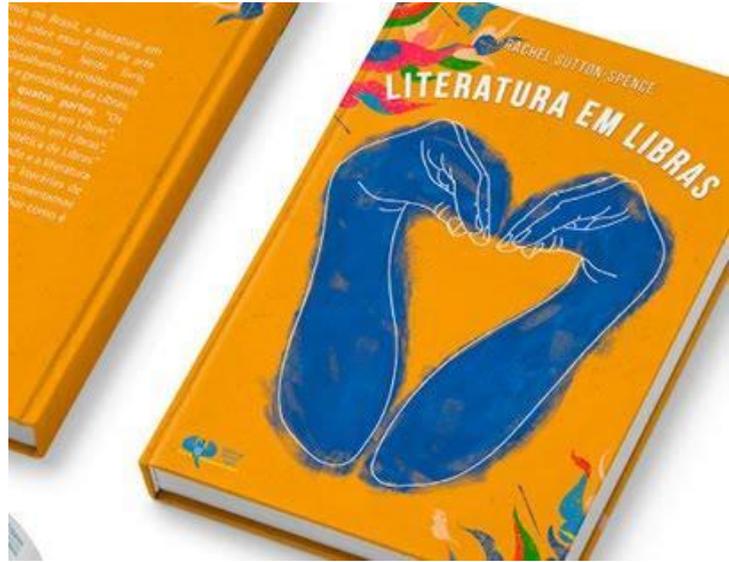
A intenção de evidenciar o esforço, as lutas, os movimentos que tiveram a presença de pessoas que decidiram se posicionar e mudar uma realidade. Registra uma história que impulsiona a valorização da comunidade surda e da cultura surda.

2020 – Lançamento de um novo glossário da área da Literatura Surda e da Libras no site da UFSC.



Explore nossa plataforma de glossário: um valioso recurso que simplifica a pesquisa e a busca por conhecimento na literatura surda brasileira, oferecendo uma ponte linguística essencial na riqueza da Língua de Sinais e na especificidade da literatura surda.

2021 – Livro bilíngue,
Literatura em Libras,
organizado pela professora
Rachel Sutton-Spence,
tradução em Libras pelo
Gustavo Gusmão.



O material conta com a explicação do que significa Literatura Surda no Brasil, contém a filmagem com apresentação de vários surdos, para que os exemplos fiquem claros e seja um conteúdo bem compreendido.

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Os materiais literários em Libras são enriquecedores para a comunidade surda. A esse respeito, trago a reflexão da professora e doutora Renata Bosse (2019, p. 44), quando cita:

Para o surdo, a língua de sinais é a herança da sua comunidade. Essa é a forma de se comunicar e, se sua família não supre essa necessidade, a comunidade surda deve ser sua base na constituição da sua identidade. A comunidade linguística é que o instruirá, aconselhará e formará a sua língua de herança.

Para as mãos literárias, é necessário haver produção de narrativas no interior da comunidade surda, principalmente experiências de vidas surdas para a contribuição à educação, processo que segue mais devagar. É preciso que haja maiores manifestações culturais por parte da comunidade surda e sociedade como um todo, sobretudo relacionadas à Literatura Surda. Atualmente, as produções com circulação livre na Internet podem se utilizar desses materiais para a educação, o que valoriza a herança da comunidade surda.

Na próxima seção, escreverei sobre o processo de metodologia e entrevistas das pessoas surdas idosas.

6 MODO DE PREPARO: METODOLOGIA

Nesta seção, descrevo como fiz a minha investigação, como realizei a articulação teórico-metodológica com vários textos que seguem. Apresento a metodologia utilizada, alguns pressupostos que adotei, algumas inspirações, perspectivas e teorias, como o livro de Paddy Ladd: *Em busca da Surdidade 2: Compreender a Cultura Surda*. Desse livro, escolhi o capítulo intitulado *Investigando as Comunidades Surdas - Metodologias do Investigador Subalterno*, no qual o autor pondera:

Agora que entramos na paisagem aberta da tundra e podemos ver perante nós a cadeia de montanhas da cultura surda, poderá ser útil lançar o olhar para trás sobre o caminho que trilhamos, a fim de localizar os marcadores que fomos colocando para impedir que nos perdêssemos. Tendo feito isto, podemos então selecionar o equipamento de que iremos precisar para a subida final (Ladd, 2017, p. 88).

A citação acima nos indica os caminhos que a comunidade surda tem trilhado, a fim de localizar os marcadores dessa cultura. Nesse caso, escolho a literatura surda, que se destaca pelo valor que carrega e que nos possibilita outros olhares acerca da cultura surda. É preciso se apropriar de materiais e outros subsídios, a despeito de imaginar que se consegue esse entendimento sem algum conteúdo. Aqui, aproveito essa metáfora da montanha para indicar aquilo que fica implícito sobre mim enquanto pesquisadora, pois também preciso ter subsídios e equipamentos, como a entrevista narrativa, a fim de buscar dados da comunidade surda e da Literatura Surda para desenvolver a investigação, ou seja, necessito de uma coletânea de informações e conceitos escolhidos para compor o texto.

É importante registrar e destacar que, na metodologia da minha pesquisa, desenvolvo entrevista narrativa com pessoas idosas surdas, na intenção de atender o problema de pesquisa e aos objetivos e evidenciar o quanto a literatura surda circula entre as mãos literárias.

Para analisar as entrevistas narrativas, empregarei ferramentas teóricas que possam subsidiar as análises e discussões. Nesse sentido, busco os significados de interculturalidade e contextualizo esse conceito para a pesquisa com pessoas surdas idosas. Nestor Canclini (2007, p. 239-240) explica que “[...] talvez a deficiente participação e representação das diversas culturas na chamada sociedade do

conhecimento possa levar-nos à conclusão de que esta não existe”. Inspirada nessa explicação, pergunto-me como a sociedade considera os surdos? Quais espaços de participação os surdos têm na sociedade? Os surdos formam uma comunidade minoritária⁹, sendo difícil encontrar nos espaços públicos ou privados acessibilidade para a inclusão e participação de todas as pessoas idosas surdas, tanto pelas questões que se referem à idade, quanto pela ausência de informações visuais e de TILS.

As narrativas das experiências trazidas pelas pessoas surdas são um fator marcante e precisam de registro para não se perderem e também para revelar sempre o valor da Língua de Sinais, além da sinalidade. Segundo Ana Luiza Caldas (2021, p. 105), “O registro significa vivificar essas lembranças, sendo essas verdadeiras ou fictícias, o que importa é a relevância que se dá às pessoas dentro da Cultura Surda, na produção de sinais e significados”.

As entrevistas, nesta pesquisa empregadas, serão em formato aberto de perguntas, a ideia é incentivar a produção de narrativas, das vivências e memórias. Assim, as pessoas que fizeram parte desse momento puderam contar de forma espontânea sobre suas experiências, num bate-papo acerca de sua trajetória. Essas narrativas podem nos indicar a relação com a literatura e cultura surda, observando quais os gêneros estão envolvidos. Acredito que as narrativas terão grande destaque, mas é possível que tenhamos também clássicas piadas surdas, muito comuns entre a comunidade surda.

O diferencial que destaco é a sinalização, o uso das mãos, a necessidade de se olhar para essa ‘fala’. Numa entrevista, o surdo pode escolher responder à questão pela escrita ou pela sinalização, viabilizando o ver do leitor, diferente do contexto mais ouvinte, que é inerente à escrita. Ao entrevistar surdos, mesmo que sejam perguntas escritas, muitas vezes é preciso traduzir essas questões para facilitar a compreensão do surdo, numa tradução cultural, pois temos nesse caso o uso de duas línguas. A

⁹ Em sentido sociológico, minoritário não diz respeito ao quantitativo de um grupo frente a uma população geral, mas sim a um lugar social, uma posição em relações assimétricas de poder. Para Muniz Sodré (2005), minoria não traduz a ideia de inferioridade quantitativa, contrária à de maioria (atrelada à clássica democracia representativa). Conforme o autor, do ponto de vista qualitativo, democracia é um regime de minorias, porque só no processo democrático a minoria pode se fazer ouvir. Minoria é, então, um lugar social que congrega grupos que se mobilizam num impulso de transformação. Minoria seria, para o autor “um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica” (Sodré, 2005, p. 11).

autora Lodenir Karnopp (2017, p. 211) escreveu, num artigo intitulado *Aspectos Éticos em pesquisas envolvendo surdos: protagonismo ou vulnerabilidade?*, que:

Para o desenvolvimento de pesquisas com populações surdas, um dos primeiros cuidados é verificar qual língua é utilizada pelo grupo a ser investigado, para que o pesquisador possa adequar o protocolo de pesquisa à necessidade dessa população, a fim de que os surdos possam receber as informações em sua língua de sinais e em suas especificidades culturais. Para isso, o próprio pesquisador precisa ter conhecimento dessa língua e/ou contar com a participação de intérpretes de língua de sinais, para garantir que as informações sejam traduzidas.

As entrevistas abertas possibilitam ao entrevistado expressar-se livremente sobre o que lhe foi solicitado. Nesse caso, ao fazer a pergunta sinalizando, não posso influenciar na espontaneidade da resposta. São processos linguísticos diferentes, quando temos entrevistas envolvendo surdos e ouvintes. Por isso, é imprescindível pensar nesse novo, nesse contexto de *desterritorialização*, quando de fato estamos apresentando possibilidades novas, em um novo território. Tento então pensar sobre as entrevistas como formas de obter narrativas de experiência pessoal, não de forma isolada, mas buscando realizar adaptações necessárias que garantam a acessibilidade linguística e a organização de uma adequada quantidade de materiais. De certa forma, a realização das entrevistas consiste num desbravar de materiais que subsidiarão as análises, razão pela qual precisamos de um tipo de metodologia que garanta a pesquisa e as entrevistas de forma diferenciada.

Da mesma forma, percebo necessidades muito específicas ao considerar as entrevistas com surdos idosos, e enquanto pesquisadora vou incluindo complementos que evidenciam aos entrevistados o quanto eles se relacionam com as mãos literárias.

6.1 ENTREVISTA NARRATIVA: PRESENCIAL E ONLINE

A metodologia que escolhi, para usar na investigação da pesquisa, foi a Entrevista Narrativa (EN), que se explicita e se enfatiza, segundo as autoras Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2008) e Uwe Flick (2007), como um método de pesquisa qualitativa, uma forma clara, a meu ver, de se explicar uma entrevista, estratégia de perguntas que combina muito com a cultura surda. Também destaco a busca por artigos que incluíssem em suas temáticas o tipo de entrevista narrativa, deparando-

me com o artigo *Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa*, de Camila Muylaert *et al.* (2014, p. 194), no qual se pontua que:

[...] as entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como das entrecruzadas no contexto situacional.

O que me fica claro, ao pensar nas pessoas surdas e suas vidas, associa-se à minha pesquisa, que envolve a interculturalidade e a narrativa de experiências pessoais surdas. Logo, a estratégia pensada para satisfazer a necessidade da minha pesquisa consiste no emprego de entrevistas narrativas, que se conectam mais tranquilamente com a vida da pessoa que está expondo a sua história. Em relação à metodologia, portanto, o artigo de Camila Muylaert *et al.* (2014) colabora muito para o método de entrevista narrativa, pois apresenta a relevância do registro do que é particular das pessoas em relação às suas experiências, acontecimentos e fatos de suas memórias.

Para a organização do desenvolvimento de entrevistas narrativas (EN), e pensando na minha pesquisa, há orientações que facilitam isso para mim enquanto pesquisadora surda, em como usar a metodologia da EN. Rosa Silveira (2007, p. 118) explica, sobre a dupla entrevistador/entrevistado:

[...] proponho-me a levar o/a leitor/a a olhar as entrevistas como eventos discursivos complexos, forjados não só pela dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circulam - de parte a parte - no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise.

E, ainda, sobre os distintos “papéis” assumidos pelo entrevistador e entrevistado, a autora explica:

[...] um entrevistador, com o direito (e poder) de perguntar, um entrevistado, com a obrigação de responder e com o direito de ser ouvido e de defender sua imagem. É claro que também não se pode pensar que haja encontros angelicais entre dois sujeitos, absolutamente divorciados de referências de hierarquia, de poder e persuasão, ainda que as posições de domínio, direção e supremacia sejam objeto constante de disputas.

Uma vez que os entrevistados são idosos, deve-se ter claro que, para eles, é mais sensível o relembrar dos seus momentos de vida, e pode acontecer que eles

narrem certos episódios de modo pouco confiável, a depender muitas vezes do assunto. O processo da entrevista precisa, de modo geral, seguir alguns passos.

A primeira fase é a da **preparação**, que tem muito a ver com o que e como será realizada a pesquisa. O problema de pesquisa que apresento envolve investigação: de que modo narrativas sobre interculturalidade são produzidas pelas mãos literárias de pessoas surdas idosas?

O objetivo principal é analisar narrativas sobre interculturalidade, a partir de narrativas produzidas pelas mãos literárias de pessoas surdas idosas, evidenciando suas experiências. Os objetivos específicos são os seguintes:

- Resgatar e registrar narrativas produzidas por pessoas surdas idosas.
- Identificar as (possíveis) contribuições das mãos literárias para a área da educação.

Assim, combinado ao tema, os objetivos incluem o interesse como pesquisadora acerca das pessoas surdas idosas.

Dando continuidade à 'preparação', devo explicar sobre o critério de escolha dos entrevistados para a pesquisa. O critério de escolha foi buscar cinco pessoas surdas idosas, uma de cada região, com mais de 60 anos de idade. O entendimento, em relação à idade, segue a legislação, Lei federal nº 10.741 de 2003 - Estatuto do Idoso, que estabelece que uma pessoa é idosa a partir dos 60 anos, "[...] é instituído o Estatuto da Pessoa Idosa, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos".

Considerando as regiões do Brasil, distribuídas em um país tão grande, histórias podem ser narradas, com suas semelhanças, mesmo que tão distantes geograficamente, ou, ainda, muito diferentes, com nada em comum, em experiências particulares de cada região, oriundas das mãos literárias. De fato, eu poderia ter selecionado um número maior de entrevistados, mas, com essas características escolhidas, foram poucos os dotados das qualidades literárias que eu procurava, de modo que não foi simples identificar/encontrar esses entrevistados. Logo, a escolha se restringiu somente a cinco pessoas idosas surdas, sob a condição de que usassem recursos de tecnologia, mesmo que com o suporte de alguém.

Outro critério de seleção dos participantes foi o de observar, por exemplo, onde eles residiam, a fim de selecionar um surdo de cada região brasileira. Os perfis das pessoas idosas surdas e suas narrativas são uma 'receita regional' pronta e individual,

cada um tem a sua, de acordo com suas experiências e região do País na qual mora, seja no Sul, Centro Oeste, Norte, Sudeste e/ou Nordeste, que trazem maior variedade ainda por conta dos regionalismos e contextos presentes em cada estado. Assim, descrevi onde se encontravam, se participavam de associações, quais escolas ou lugares frequentavam. De forma metafórica, posso dizer que essa 'receita' é o perfil de cada um dos entrevistados, ao observar-se quem é cada um deles. À frente, apresentarei cada um desses perfis.

A fase que segue é a da **iniciação**, muito importante, pois é a etapa que orienta sobre critérios relacionados aos termos éticos que a pesquisa com seres humanos exige. Com base em documentos como a Resolução nº 466/2012¹⁰ e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que cuida para que não ocorra algo inconveniente para a pessoa, ou invasivo, livre de prejuízos de qualquer natureza e, caso seja do interesse do entrevistado, não se faça uso de sua imagem ou se empregue um nome fictício para que não seja conhecida sua identidade, uma vez que todos precisam estar seguros quanto a sua participação.

Após a aprovação do projeto de Doutorado, a Comissão de pesquisa (COMPESQ)¹¹ da UFRGS avaliou o projeto. Para isso precisei, como pesquisadora, apresentar corretamente todas as informações sobre os procedimentos da pesquisa e aguardar a aprovação para dar continuidade às entrevistas. Com a aprovação da COMPESQ, realizei o cadastro da pesquisa na Plataforma Brasil, que designou um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para avaliar o projeto.

Para a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tive instrução da Resolução nº 510/2016¹², observando os riscos e benefícios, consideramos que os riscos previstos eram mínimos. Em relação aos riscos, pontuamos sobre o fato de ser uma entrevista com pessoas surdas idosas, sendo esta filmada e com narrativa em Libras. Ainda, vale destacar as orientações da referida Resolução, sobre esse processo, principalmente sobre as entrevistas, porquanto, para

¹⁰ A Resolução nº 466 de 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

¹¹ O número do projeto da COMPESQ da UFRGS: 43583 no dia 13 de Fevereiro de 2023 foi aprovado.

¹² A Resolução nº 510 de 2016, disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 24 set. 2023.

iniciar qualquer tipo de gravação da pessoa, é imprescindível ter em mãos a autorização dela.

Após enviada para a Plataforma Brasil, recebemos a aprovação do CEP, sob o parecer número 6.256.397.

Primeiramente, as entrevistas foram filmadas, porque os sujeitos eram surdos e suas narrativas foram feitas em Língua de Sinais, língua de conforto linguístico da comunidade surda. A pesquisa foi realizada na modalidade presencial ou online. As entrevistas online foram realizadas por meio do uso da ferramenta StreamYard¹³ e, caso a pessoa surda idosa necessitasse de suporte técnico para a utilização dos recursos tecnológicos, seria providenciado um apoio por meio da presença de um auxiliar (colega pesquisador), para que estivesse junto do entrevistado. No caso das entrevistas presenciais ou online, consideramos a possibilidade de surgir cansaço no entrevistado. Nesse caso, a entrevista poderia continuar em outro dia, a combinar com o entrevistado.

As narrativas de experiência pessoal de surdos idosos têm um valor cultural para a comunidade surda, e tanto esse registro como esse compartilhamento relacionam-se à preservação da Língua de Sinais e da literatura surda produzida por idosos surdos no Brasil.

Ainda acerca do TCLE, sinto a necessidade de detalhar sobre como foi ele apresentado no momento da entrevista, bem como a solicitação da assinatura desse documento. O Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi bilíngue em Libras e Português escrito. Fiz a tradução em Português para Libras ([vídeo](#) ). Os entrevistados puderam escolher a resposta: vídeo ou escrito.

Antes de iniciar a pesquisa, informei e perguntei, em Libras, sobre o aceite, se liberariam para usar a filmagem, explicando sobre estarem mostrando sua imagem. Expliquei também sobre a possibilidade de essas entrevistas servirem de uso a um grupo de pesquisadores, posteriormente. Cada entrevistado pôde escolher responder filmando sua liberação, individualmente, em Libras, bem como assinando o termo TCLE, em Português. Segue o vídeo do idoso surdo Francisco, fazendo a solicitação pelo [vídeo](#) . A resposta filmada é uma garantia a mais, a meu ver, pois se trata de

¹³ O StreamYard On-Air é uma plataforma de webinários ao vivo. Organiza um webinar, transmissão ao vivo ou evento. Disponível em: <https://support.streamyard.com/hc/pt-br/articles/10920795244308-O-que-%C3%A9-o-StreamYard-On-Air->. Acesso em: 04 set. 2023.

dar resposta na primeira língua de cada entrevistado e também na minha, sendo uma segurança a mais. Prontamente eles filmaram o aceite e assinaram o termo, liberando também o uso do nome verdadeiro. Esse material está anexado a este texto, podendo ser lido por *QR code*, seja por um ouvinte que não saiba Libras ou outra pessoa, logo, disponível e acessível a todos. Segundo Lodenir Karnopp (2017, p. 217), há aspectos específicos sobre o uso de nomes (em Português e Libras) e rostos em pesquisas com surdos:

No entanto, além da discussão do nome próprio em português, questionamos igualmente sobre o uso do sinal próprio em LIBRAS durante as filmagens, já que em comunidades surdas, cada um tem um sinal próprio como forma de identificação. Muitas pesquisas, apesar de utilizarem nomes fictícios em português, acabam deixando o registro de sinais de identificação pessoal em LIBRAS, que é facilmente reconhecido na comunidade surda a que pertencem. Esse é outro aspecto que requer atenção: se o nome próprio utilizado em português é fictício, há também necessidade de utilizar um sinal próprio fictício na LIBRAS.

A partir disso, nos próximos parágrafos explicarei sobre o momento de realização das entrevistas e também sobre o perfil de cada um dos/as entrevistados/as, a considerar os tipos diferentes de entrevista, presencial ou online. Assim, explicarei como foram realizadas, os materiais usados, tipos de programas, entre outras observações.

Sobre as formas como foram realizadas as entrevistas narrativas, presenciais e online, a questão agora é mostrar o seu funcionamento, como eu, na posição de pesquisadora surda, organizei e elaborei essa entrevista narrativa. A entrevista **presencial** é uma entrevista direta, de frente, a responsabilidade do material é minha, como no caso de uma filmadora, cabo, notebook, tripé, por exemplo. Resumindo, tudo que tem relação com esse momento presencial numa entrevista é de total responsabilidade do pesquisador/entrevistador, o entrevistado não deve ter preocupação nenhuma com itens e recursos técnicos.

Na entrevista *online*, diferentemente da presencial, o entrevistado precisa ter acesso aos recursos da internet, por ser o meio que possibilita a comunicação no momento da entrevista. Isso envolve o uso do e-mail, celular (para mensagens) e uso de webcam. Sob minha responsabilidade fica a condução de todo o processo de entrevista, desde a explicação do uso dos recursos anteriormente indicados. É necessário verificar com antecedência ao momento da entrevista, para que na hora

esteja tudo organizado. Caso o entrevistado não tenha esse domínio, é responsabilidade minha procurar alguém próximo que possa dar esse suporte para ele. Nesse contexto, de uso de recursos que envolvem a internet, Uwe Flick (2008, p. 238) explica:

Mas, além da área da pesquisa, a internet tornou-se também parte da vida cotidiana de muitas pessoas. A maior parte de nós está familiarizada com ela ou têm uma ideia da internet e daquilo que se possa fazer com ela. Devido à enorme presença da internet como fenômeno e às possibilidades de utilizá-la para o bem ou para o mal, a maior parte das pessoas tem uma ideia incompleta a seu respeito.

Para complementar, a autora Jeane Félix (2014, p. 137) diz que, em se tratando de internet, *estar perto* e *estar longe* podem ter significados similares e diferentes, dependendo da situação, e, às vezes, de um *clique no mouse*. Assim, virtual e presencial são palavras que podem ter múltiplos sentidos. Eu entendo que a organização, tanto para a entrevista narrativa virtual quanto para a *online*, foi bem-sucedida. Sobre estas questões, do processo e momento da entrevista, no próximo subtítulo trarei mais informações.

6.2 PREPARAÇÃO DA ENTREVISTA: LUZ, CÂMERA...AÇÃO

De forma singular, sigo com um texto escrito por Ronice de Quadros e Ana Regina Campello (2010, p. 24), intitulado *A Constituição Política, Social e Cultural da Língua Brasileira de Sinais - Libras*. Nesse artigo, em especial, há uma citação que chamou muito a minha atenção, despertando-me interesse:

Nos registros históricos das fundações das associações de surdos, os surdos se reuniam e tinham 'um ponto de encontro para o bate-papo', como descrevem alguns depoimentos das associações: – No Centro dos Surdos da Bahia – 'na década de 40, os surdos se reuniram sempre em grupo e em um ponto de encontro para o bate-papo'.

Com essa citação, fico imaginando, em relação às entrevistas que realizei sobre as narrativas, o quanto elas podem expressar sobre lugares, como as associações, escolas, sobretudo em Libras, e com a compreensão de contextos, porque pode ser que nesse encontro haja surdos oralizados ou que adquiriram a língua tardiamente. Entretanto, neste momento, o que de fato importa é a

apresentação desse conteúdo em Libras, de forma visual. Aqui, destacaram-se as mãos literárias e as narrativas das experiências das pessoas, do que aconteceu no passado, pois eram oralizados, faziam leituras e aprenderam a Libras tardiamente.

Pude pesquisar, assim, de modo geral, como eles ingressaram nas escolas regular e de surdos, como foi a reação de encontro com outros indivíduos surdos, crianças ou adultos, assim como se houve contato com alguns materiais literários (pintura, piada, história em quadrinhos e etc.).

Seja pelo contato por meio do teatro ou de revistas, o importante é sempre fazer conexão com o uso, a interação em diferentes formas com as narrativas. Assim, busquei realizar as entrevistas e ver a possibilidade dessas narrativas, em relação às experiências. Rachel Sutton-Spence (2021), em seu livro publicado sobre Literatura surda em Libras, destaca a narrativa de um surdo idoso, Clóvis, nascido no Amazonas, que fala da experiência dele no INES¹⁴. Tal exemplo mostra o quanto é possível analisar as narrativas dos entrevistados para a minha pesquisa.

Um exemplo de narrativa de experiência pessoal surda é a de **Clóvis Albuquerque dos Santos**, de Manaus, que conta sua experiência ao ir do Amazonas ao INES, no Rio de Janeiro, no início dos anos 1960. A história apresenta sinais de sua época, conta sobre lugares, atividades cotidianas, atitudes e costumes que agora mudaram e que fazem parte da história social dos surdos brasileiros (Sutton-Spence, 2021, p. 76).

Para desenvolver a pesquisa, comecei a identificar surdos nas diferentes regiões brasileiras. Como já expliquei na Introdução, principalmente nos espaços geográficos, existem muitos surdos idosos por exemplo em associações, mas como minha pesquisa é focada em literatura surda, nem todos têm acesso a teatro, leitura de livros, humorismo, contação de história e arte surda. É objetivo da pesquisadora azul mostrar que poucos surdos idosos têm experiência literária. Penso entrevistar apenas cinco pessoas, portanto, como amostra de teste, para ver a possibilidade de condição no futuro para pesquisa no campo educação e literatura. Segue detalhamento de como encontrei as pessoas das cinco regiões.

Da **Região Nordeste**, conversei com uma amiga surda, que mora em Fortaleza, que lembrou de um colega de trabalho surdo, que tinha 62 anos, muito humorista e professor universitário. Entrei em contato com ele pelo WhatsApp, ao que

¹⁴ O vídeo de Clóvis: <https://youtu.be/uP3q5kOcXxs>. Acesso em: 18 jan. 2023.

ele aceitou fazer a entrevista. Na **Região Sudeste**, um amigo surdo que mora em Brasília, professor universitário, indicou-me uma aluna idosa surda, de 71 anos, que era professora universitária e estava realizando o doutorado, e cuja irmã também era surda. Entrei em contato com ela pelo WhatsApp, ela igualmente aceitou a entrevista. Para a **Região Centro-Oeste**, entrei em contato com Coda (*Child of deaf adult*), perguntei se conhecia alguém que fosse humorista e/ou contador de histórias. Ela me indicou seu pai, que aceitou a entrevista. Da **Região Norte**, conversei com um colega surdo de lá, que me passou a indicação de outro homem surdo que contava mais de 60 anos e que trabalhava numa escola para surdos, com muito conhecimento sobre literatura. Assim, iniciei o contato com ele, que aceitou participar da entrevista.

Por último, na **Região Sul**, pensei na surda idosa Verônica, pois eu a conhecera na Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS). Quando decidi me associar, Verônica era a presidenta da SSRS (no período de 2009 a 2012). Ela vendia artesanato, visitava museus e feiras do livro, pintava quadros e era uma contadora de histórias, principalmente histórias sobre os surdos da associação. Perguntei se ela aceitaria ser entrevistada, ela disse que sim, então marquei a data para realizarmos a entrevista presencial em sua casa.

Na sequência, apresento os perfis das pessoas surdas idosas entrevistadas. Incluí o ano de nascimento, profissão, escolaridade, local de residência, assim como o dia, duração e local da entrevista, além do revisor de português do escrito da entrevista, lembrando que será disponibilizado o *QR Code* com a versão completa da entrevista filmada. A ideia é mostrar quem são as pessoas que aceitaram participar da pesquisa e, assim, conhecermos um pouco mais sobre cada uma delas.

Verônica Chiden

Ano do Nascimento: 1954

Profissão: **aposentada**

Escolaridade: **Ensino Médio**

Residente: **Porto Alegre (RS)**

Entrevista

- TCLE
- Vídeo
- Região Sul

Entrevista

Tempo de duração: **31min 50segundos**

Data: **25/11/2022**

Local: **Residência da Verônica**

Revisões

Tradução: **Luiz Daniel Rodrigues Dinarte**

Revisão: **Lodenir Karnopp Becker**

Assista à
entrevista
completa



Aparecida Rossi

Ano do Nascimento: 1951

Profissão: **Professora**

Universitária

Escolaridade: **Doutoranda**

Residente: **Uberaba (MG)**

Entrevista

- TCLE
- Vídeo
- Sudeste

Entrevista

Tempo de duração: **46min 52segundos**

Data: **08/12/2022**

Local: **Plataforma StreamYard**

Revisões

Tradução: **Stephanie Caroline Alves Vasconcelos**

Revisão: **Lodenir Karnopp Becker**

Assista à
entrevista
completa



Luiz Roberto Mendes

Ano do Nascimento: 1948

Profissão: **Aposentado**

Escolaridade: **Ensino Fundame**

Residente: **Goiânia (GO)**

Entrevista

- TCLE
- Vídeo
- Centro-Oeste

Entrevista

Tempo de duração: **06min 51segundos**

Data: **12/12/2022**

Local: **Plataforma StreamYard**

Revisões

Tradução: **Stephanie Caroline Alves Vasconcelos**

Revisão: **Núbia Flávia Oliveira Mendes**

Assista à
entrevista
completa



Francisco Lima

Ano do Nascimento: 1960

Profissão: **Professor
Universitário**

Escolaridade: **Graduado**

Residente: **Fortaleza (CE)**

Entrevista

- TCLE
- Vídeo
- Nordeste

Entrevista

Tempo de duração: **10min 41segundos**

Data: **27/12/2022**

Local: **Gravado do Vídeo**

Revisões

Tradução: **Stephanie Caroline Alves Vasconcelos**

Revisão: **Lodenir Karnopp Becker**

Assista à
entrevista
completa



Arlindo de Paula

Ano do Nascimento: 1960

Profissão: **Professor**

Escolaridade: **Pós-Graduado**

Residente: **Belém (PA)**

Entrevista

- TCLE
- Vídeo
- Norte

Entrevista

Tempo de duração: **13min 53segundos**

Data: **26/12/2022**

Local: **Plataforma StreamYard**

Revisões

Tradução: **Stephanie Caroline Alves Vasconcelos**

Revisão: **Lodenir Karnopp Becker**

Assista à
entrevista
completa



Sobre os passos da entrevista, o roteiro de entrevistas foi o seguinte:

a) solicitei uma apresentação pessoal (onde residia, ano nascimento, onde estudara, em qual escola, quando teve o primeiro contato com surdos);

b) solicitei que contassem um pouco sobre sua história de vida na família (como era a comunicação com a família, se sinalizaram e/ou oralizavam; como buscavam informações; se tinham algum material (foto ou registro da família) que mostrasse a interação com a família;

c) incentivei que contassem alguma história sobre sua experiência com a literatura (uma piada, uma narrativa, alguma história pessoal);

d) por fim, perguntei se havia alguma dúvida, se gostariam de indagar alguma coisa ou complementar alguma informação.

Expliquei inicialmente para Verônica, quando a encontrei na associação, acerca de meu interesse em encontrar pessoas surdas idosas, fossem homens ou mulheres, para colaborar com a minha tese de doutorado. Ela logo aceitou, até por ser a Literatura uma área com a qual tem afinidade. Ela então fez o convite para que eu fosse até sua casa, o que de fato aconteceu. Lá, conversamos sobre vários assuntos relacionados à comunidade surda e pude explicar como é o processo de entrevista. De início, ela ficou com algumas dúvidas, assim preferiu agendar outra data, para conseguir se organizar com materiais e para que pudesse antecipadamente se preparar, de maneira a não esquecer detalhes no momento da entrevista. Assim, no dia 25 de novembro, fui novamente até sua casa, na qual ela, já com tudo preparado e organizado, concedeu-me finalmente a entrevista. Foi ajustada a câmera e iniciamos a gravação. A entrevistada começou a se desenvolver de modo espontâneo, foram poucos e mínimos os detalhes que pedi para ela acrescentar, quando havia partes mais resumidas em sua fala. Mas não houve um interrogatório, somente pontos que, assim entendi, poderiam fazer a diferença quando mais esclarecidos.

No total, o tempo dessa entrevista foi de 31:50. Ainda no mesmo local, transferei a filmagem toda ao YouTube e a encaminhei para um profissional realizar a tradução da Libras para a Língua Portuguesa.

A segunda entrevista foi com Aparecida, o início da conversa foi por contato de WhatsApp, quando tirei algumas de suas dúvidas acerca do processo, de que não seriam perguntas e que, em momento oportuno, poderíamos fazer uma videochamada para eu detalhar esse processo todo para ela. Foi o que aconteceu, expliquei-lhe que

seria algo bem natural, para ela narrar, de acordo com o contexto da Literatura, situações vivenciadas durante sua trajetória de vida. Ela aceitou e comentou que teria muitas coisas importantes para dizer, ainda mais por poder ser a entrevista em Libras. Ela começou então a sinalizar quando iniciei a gravação. Nesta, não foi necessário nenhum corte de filmagem e também nenhuma interrupção, por mínima que fosse. Essa entrevista foi pelo Streaming do YouTube, e ela não podia me ver, como comentei pela videochamada no início, de modo que, quando finalizou sua narrativa, ela me indicou o fim. A duração total dessa entrevista foi de 46:52.

A terceira entrevista foi com Luiz Renato, no dia 12 de dezembro de 2022. O contato inicial foi com a filha dele (que é CODA). Trocamos algumas mensagens para ajustar data e horário, considerando a necessidade de ela estar junto no momento da entrevista, visto que Luiz Ricardo não tinha afinidades com a tecnologia. Por essa razão, contou com o apoio da filha para conseguir realizar a gravação da sua narrativa. Um fator a ser destacado é que sua filha mora em Brasília e, Luiz Ricardo, em Goiás. Assim, enviei-lhes o link, expliquei sobre o TCLE, solicitando a liberação ou não de imagem, ao que ela prontamente passou as informações a seu pai, que aceitou participar desse processo. Foi reforçado que seria algo bem espontâneo, e que ele poderia se expressar livremente ao expor suas narrativas, principalmente relacionadas a piadas. Um detalhe foi que, enquanto eu procurava por surdos idosos, foi por intermédio dela, que indicou seu pai, que cheguei a ele. Ao finalizar essa parte de explicações, fechamos a videochamada e ele começou a sinalizar muitas piadas. Durante essa entrevista percebi que, para algumas pessoas surdas idosas, é necessário esmiuçar mais acerca de como será e o que se deseja na entrevista. Como ele foi bem rápido, quando parou de sinalizar, aproveitei para complementar um pouco acerca do que seria importante ele apresentar em sua narrativa. A ideia era ele iniciar relatando um pouco sobre como se descobriu com essa espontaneidade com piadas, onde aprendeu e outras informações que quisesse complementar. Então, sua filha repassou para ele os complementos, quase como uma intérprete, mas usando uma linguagem bem acessível para ele compreender o que eu de fato solicitava. Creio que esse episódio ocorreu pelo nervosismo de estar sendo filmado e o pouco contato com a tecnologia, fato que atrapalhou esse início de filmagem. Ele até fazia uso do celular com videochamadas para a filha, mas, num contato entre pessoas muito próximas, diferentemente de mim, uma estranha e pesquisadora. Para facilitar, sua filha permaneceu com ele em

videochamada e, no decorrer da gravação, ficou dando pistas para ele do que seria importante ele narrar. Mesmo assim, foi uma gravação curta, num total de 6 minutos, mas consegui obter algumas informações, além de perceber acerca da dificuldade do contato com a tecnologia e que, numa situação como essa, a entrevista presencial facilitaria.

A quarta entrevista foi realizada com Francisco, que morava em Fortaleza e que me foi indicado por pessoas conhecidas, com as quais conversei solicitando indicação de pessoas surdas idosas para a entrevista narrativa. Encontramo-nos no Festival Clin D'oeil, na França; embora ele more no Brasil, conhecemo-nos na Europa. Ele é uma pessoa muito espontânea, conta muitas piadas e tem um perfil que chama atenção. Após contato solicitando sua participação, de pronto ele concordou. No dia 27 de dezembro de 2022, fizemos a videochamada, porém tivemos muitos problemas de conexão com a internet, que falhava constantemente; tentamos direto pelo celular, mas também não foi possível. A nossa estratégia foi então que ele deveria gravar a entrevista e posteriormente me enviar o vídeo de forma fragmentada, considerando a memória do celular. O tempo total de gravação foi de 10:42.

A última entrevista foi realizada com uma pessoa surda idosa que mora em Belém do Pará, o Arlindo. E não foi o último somente pela ordem de data, mas porque não foi tão simples encontrar pessoas que pudessem participar, da Região Norte, e que se encaixassem nos critérios da entrevista. Foi quando um outro surdo, mas com idade incompatível com a pessoa idosa, indicou Arlindo, que trabalha numa escola de surdos. Questionei-o, então, se essa pessoa tinha domínio sobre o assunto, ele me disse que não. Assim, em contato com ele, expliquei o motivo da entrevista, que seria sobre Literatura, ele aceitou e logo encaminhou um vídeo com explicações sobre Literatura, também seu *Currículo Lattes*, o que foi bem interessante. No vídeo que ele encaminhou, ele oraliza, o que me deixou intrigada sobre ele saber ou não sinalizar. Logo, resolvi questioná-lo, via mensagem de WhatsApp, sobre seu conhecimento de Libras. Sua resposta foi sim: ele é oralizado e também sinaliza, sendo diplomado em Letras Libras. De fato, foi surpreendente, tanto que acabei esquecendo durante a pesquisa que poderia encontrar pessoas surdas idosas em contextos tão diferenciados. No dia 26 de dezembro de 2022, fizemos uma videochamada, expliquei-lhe o que ele poderia expor e ele deu início a sua narrativa, totalizando 13:53

de gravação. No decorrer da sua explicação, ele mostrou também alguns materiais, bem interessantes, aliás.

Bem, sobre esses cinco idosos surdos, percebi o quanto podem ser diferentes, bem como a forma distinta de se construir uma entrevista. O primeiro contato foi presencial, em sua casa, onde foi possível detalhar mais por estar perto, tirar dúvidas e complementar, havendo uma boa interação. Outra forma foi por videochamada, mas com dificuldades de conexão, quando optamos pela gravação em vídeo e envio posterior, o que deu também resultado. Os outros três entrevistados participaram da pesquisa via videochamada, claro, com algumas interrupções de conexão, mas nada que prejudicasse a visualização do vídeo, havendo clareza nas suas manifestações. Ao finalizar esta seção, percebo o quanto é possível, com o uso da tecnologia, realizar uma entrevista narrativa com pessoas de vários lugares do Brasil, o que sem a gravação seria totalmente inviável, pensando no deslocamento e no território que precisaria percorrer. Ou teríamos que trocar inúmeras mensagens de celular com informações sobre a pesquisa. Assim, percebem-se de fato as mudanças da tecnologia e suas contribuições.

Mais importante, como problema de pesquisa: de que modo narrativas sobre interculturalidade são produzidas pelas mãos literárias de pessoas surdas idosas? É um modo de vida surdo, como eles nasceram em famílias ouvintes, alguns estudaram em escolas de surdos numa época de oralismo predominante e possuem limitação de conhecimento para expressar uma relação de interculturalidade e literatura. Os três surdos idosos, Arlindo, Francisco e Luiz, narraram, em suas entrevistas, por muito pouco tempo; as duas entrevistadas idosas surdas, Aparecida e Verônica, apresentaram maior produção de narrativa, principalmente do contexto de vida delas. Não há relação de gênero, mas principalmente o conhecimento decorrente da educação deles, como Francisco, que teve formação acadêmica, e cuja entrevista foi de 10 minutos, tempo que ele julgou suficiente para narrar sua experiência acerca de como começou a contar piadas.

Os vídeos foram enviados a um profissional surdo para fazer a edição e inserir o nome de cada participante e a data da entrevista, para que se pudessem compartilhar ao público. Quando comecei a assistir os vídeos com os entrevistados, queria perguntar mais sobre isso, mas não o fiz naquele dia da entrevista, somente quando comecei a análise percebi que faltava algo para complementar o contexto da narrativa deles. Então, entrei em contato pelo WhatsApp, fiz as perguntas faltantes e eles me responderam em português.

7 COBERTURA DE CEREJA DO BOLO

Nesta seção, apresentarei as análises dos entrevistados para responder ao problema de pesquisa da tese: de que modo as narrativas sobre interculturalidade são produzidas pelas mãos literárias de surdos idosos? Retomo, nesta seção analítica, os objetivos da pesquisa. O objetivo principal é analisar narrativas sobre interculturalidade, a partir de narrativas produzidas pelas mãos literárias de pessoas idosas surdas. Os objetivos específicos são: (1) Resgatar e registrar narrativas produzidas por pessoas idosas surdas; (2) Identificar as (possíveis) contribuições das mãos literárias para a área da educação.

Antes de apresentar as análises, gostaria de explicar como foi o processo de tradução dos vídeos dos entrevistados. Os vídeos foram encaminhados para tradutores profissionais na área de Libras e Português. Foram dois profissionais: Luiz Daniel Rodrigues e Stephanie Vasconcelos. Ao finalizar a tradução, eles me enviavam o texto traduzido, no Word. Revisei o vídeo em Libras e o texto em Língua Portuguesa. É importante destacar que, nesse processo de revisão, percebi a necessidade de procurar apoio para revisar o texto em Português, em alguns fragmentos das entrevistas. Sendo assim, solicitei à filha do entrevistado surdo, Luiz Mendes, para fazer uma revisão no material, de modo que várias sugestões e adequações me foram propostas, pois ela é fluente em Libras e conhecia os sinais do pai, além de trabalhar como docente de Libras. A maioria das revisões foi realizada em parceria com a minha orientadora, Lodenir Karnopp. Considerando que as entrevistas foram realizadas em Libras, decidimos disponibilizar as entrevistas também nesse formato. Assim, quando os leitores quiserem, podem acessar os trechos dos entrevistados em Libras, por meio do link disponibilizado na Seção 6.

Para o desenvolvimento das análises, destaco que já apresentei os perfis dos entrevistados, na seção da metodologia. Para proceder às análises, quero mencionar a reflexão da autora Sandra Andrade (2014, p. 192), que pondera:

Entrar ou não na escola, onde, em que período, por quanto tempo, em que lugares, como foi ter estado dentro dela, por que saíram, por que voltaram, por que passaram para o noturno, decorria de situações e decisões atreladas a suas histórias de vida. Contar sobre ter estado na escola, ou ter ficado fora dela, demandava falar de suas vidas familiares, das experiências que compartilham dentro e fora dela, da situação econômica, de relações pessoais, de práticas de vida, consideradas pelos/as entrevistados/as, boas ou ruins, exigia falar de si como 'sujeito da experiência'.

Para a pesquisadora, é preciso ver as análises dos entrevistados como narrativas de experiência pessoal e interculturalidade. Utilizo essa ideia como forma de analisar as narrativas construídas pelos próprios idosos surdos. Como Cláudio Mourão (2016, p. 124) cita: “tenho muita curiosidade no processo de construção dessas ‘mãos literárias’”.

Para analisar as entrevistas, assisti aos vídeos em Libras, visto que essa é minha língua materna. Em seguida, anotei o tempo de duração da entrevista em uma folha e assisti aos vídeos dos entrevistados inúmeras vezes. Enquanto assistia aos vídeos, realizava anotações em papel e organizava algumas possibilidades de nomeação das categorias de análise, por exemplo: experiências de leitura, como ocorria a comunicação com a família, colegas e amigos ouvintes. Após essa organização inicial, deparei-me com as traduções e realizei mais um agrupamento, conforme os objetivos da tese. Dessa forma, com o objetivo de realizar o aprofundamento das análises das narrativas, elenquei três tópicos analíticos: *Diferente, Desiguais e Desconectados; Não, Nem Conhecia Literatura Surda e Narrativa da Experiência Surda das Mãos Literárias*.

7.1 DIFERENTES, DESIGUAIS E DESCONECTADOS

Diferentes, Desiguais e Desconectados foi um título criado pelo autor Nestor Canclini (2007), em quem me inspirei, quando entrei no grupo de estudos na GIPES. Após a leitura do seu livro, discutiram-se sobre vários temas da obra, principalmente em relação à educação de surdos e cultura surda, etc., então decidi usar o mesmo título no cenário dos surdos e ouvintes.

Há muitos anos, os surdos vêm sendo vistos como diferentes e enfrentam situações de desigualdade. Surdos não conseguem ter acesso pleno à educação, porque sua língua é desprestigiada, e não há intérpretes de Libras; veem-se, assim, desconectados das informações, ademais porque os livros não são traduzidos e não há acessibilidade no teatro. Tais questões são necessárias para um diálogo comum para a comunidade surda, dentre outras várias discussões envolvendo acadêmicos e associações a esse respeito.

Em uma palestra, na Cidade do México, perguntou-se a Nestor Canclini “quem somos?”. Ele explicou: “A cor da pele, a linguagem, o território, a religião, nada disso

serve para se identificarem em conjunto. ‘Somos o trigo, o milho, o cânhamo’” (Canclini, 2007, p. 57). Os ouvintes veem os surdos pela cor, território, linguagem? Provavelmente não, mas sob uma perspectiva clínica: afinal, você não escuta?:

Figura 16 – História em Quadrinhos: That Deaf Guy em português



Fonte: Peregrino e Silva (2019).

Encontrei essa imagem no artigo *Interculturalidade em That Deaf Guy: uso de tiras para problematização de estereótipos e preconceitos contra sujeitos surdos e sua língua de sinais*, em que os autores Giselly Peregrino e Alessandra da Silva (2019, p. 139-140) dizem:

Esta situação traz-nos à tona que a frustração é compartilhada e oriunda do desconhecimento, ora da surdez de outrem, ora da língua de sinais. É comum a constatação de que a surdez dificulta aos sujeitos a aquisição espontânea de uma língua oral, exclusivamente, em contato com outras pessoas. Quando nascemos ouvintes, vamos, paulatinamente, constituindo-nos como sujeitos, e faz parte desse processo o aprender a falar uma língua oral, sobretudo a partir de estímulos oferecidos por adultos próximos aos novos seres em formação. Com a surdez, no entanto, há um obstáculo para a aquisição da língua oral espontaneamente, o que não ocorre com a língua de sinais.

Sobre a educação intercultural, o professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Reinaldo Matias Fleury (2000, p. 76-77), escreveu o artigo *Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais*, que explica a relação entre pessoas de culturas diferentes:

Nesse sentido, a educação intercultural desenvolve-se como relação entre pessoas de culturas diferentes. Não simplesmente entre ‘culturas’ entendidas de modo abstrato. Valoriza-se prioritariamente os sujeitos que são os criadores e sustentadores das culturas. As culturas não existem abstratamente. São

saberes de grupos e de pessoas histórias, das quais jamais podem ser completamente separáveis. As pessoas são formadas em contextos culturais determinados, mas são as pessoas que fazem a cultura. Neste sentido, a estratégia intercultural consiste antes de tudo em promover a relação entre as pessoas, enquanto membros de sociedades históricas, caracterizadas culturalmente de modo muito variado, nas quais são sujeitos ativos.

A relação entre pessoas surdas e ouvintes é importante para a troca de conhecimento entre diferentes culturas, para que possa haver valorização e reconhecimento. Continuo citando Reinaldo Fleury (2000, p. 77):

A educação intercultural não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se da interação entre sujeitos. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas respectivas identidades culturais diferentes.

A relação dos entrevistados com o que eles aprenderam na família de ouvintes evidencia essa “relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas identidades culturais diferentes”. Na sequência, apresento excertos das entrevistas, em que os surdos narram sobre a relação com a família ouvinte e com os textos em língua portuguesa.

Durante a entrevista de Verônica, perguntei-lhe como havia começado a gostar da poesia, já que ela havia me mostrado alguns poemas. Ela respondeu: “A minha mãe escrevia poemas, seus textos ficavam anotados num caderno. E eu era pequena, e aconteceu de eu pegar o caderno e rasgar, o que a deixou muito brava. Mas eu não sabia, era criança. Então... minha mãe escrevia, mas aconteceu isso!” (Verônica).

No mesmo raciocínio, a visão da família sobre a entrevistada, acerca de que ela não parava de ler livros madrugada adentro:

Um dia, aconteceu uma coisa engraçada porque eu lia muito e eu ficava até de madrugada quando eu pegava um livro. Eu queria saber o final da história e eu passava as madrugadas lendo. Meu pai achou muito estranho quando viu que a minha luz estava acesa e estava muito tarde. Meus pais pensaram que tinha acontecido alguma coisa de errado e aí depois eles descobriram que a luz estava acesa porque eu ficava lendo de madrugada. Eles ficaram bravos e me proibiram de fazer isso. Disseram que eu precisava ir dormir e descansar. Até que uma vez meu pai desligou o relógio de força para eu não ficar lendo de madrugada, então eu peguei uma vela e continuei lendo. Então, eles perceberam que não adiantava, que eu gostava muito de ler (Aparecida).

Não a mudaram, já que ela continuou a ler após ter aprendido e ser incentivada à leitura, numa concepção de envolvimento à aprendizagem e à leitura. Verônica, embora lesse livros com muitos textos, sempre preferiu a poesia, porque era mais simples para ela.

Percebi que havia livros com textos mais pesados, com as páginas cheias de informação, e outros, que eram livros de poesia, que eram mais leves. A diferença entre esses livros era grande. Perguntei e me disseram que eram livros de poemas. Eram textos mais leves que fáceis de ler. Entendi que esses eram os textos que eu gostava. Era fácil e gostoso de ler, o oposto dos livros que tinham textos mais densos, pesados (Verônica).

Interessante que alguns entrevistados lembraram dos nomes de determinados autores da literatura, apresentando razoável conhecimento literário. Percebi que eles apreciavam gêneros como: romance e histórias em quadrinhos:

Tem um livro que eu gosto muito, mas eu não lembro quem é o autor, é a história da Poliana. E tem um exemplo, tem uma lição de vida nesse livro. É uma história pequena que faz você pensar assim: 'Ah, eu queria ter cinco filhos' e ela diria: 'Você só tem um, já está bom demais'. Outro exemplo, se você tem cinco dedos e quebra um dedo, fica com quatro, a forma de pensar da Poliana é 'graças à Deus, eu tenho quatro'. Então, essa história me marcou muito e eu percebi que é uma visão diferente da vida, que não se pensa só no que se perde e ficar doente, preocupado, sofrendo, chorando porque uma coisa foi perdida (Aparecida).

Pollyana é um livro considerado clássico da literatura infantojuvenil, mas como ela consegue entender o que quer dizer a história da personagem Pollyana? Suponho que da sua experiência de vida, pela leitura no contexto da escola, pois, mesmo que ela tenha sinalizado ser uma pessoa muito curiosa, confirmou que seus pais eram analfabetos e sua irmã era também surda. A família incentivou a educação das filhas para aprender a viver na sociedade no futuro. A obra *Pollyana*, então, da qual Aparecida gostou muito, marcou-a significativamente, pela lição de vida que oferecia. O livro traz uma perspectiva interessante sobre a efemeridade da vida, como a de que o medo de perder algo não deve nos abalar, pois há de se olhar sempre para o que permanece e não para o que se vai.

Assim como ocorre na visualiterária, a leitura de Aparecida ocorreu num livro, num texto escrito, mas ela levou essa escrita para sua vida, realizando reflexões a partir da leitura visual e incorporando-a às suas reflexões e ao que produziu posteriormente, ao sinalizar.

Da mesma forma como Francisco trouxe, na sua narrativa sobre histórias em quadrinhos, em que as imagens e desenhos como Turma da Mônica, Batman, Superman e Pato Donald deixavam a mensagem mais clara para ele, que de fato é a visualiterária, a conexão com registro, a expressão, neste caso, da piada.

E quando eu estou lendo eu acabo me perdendo, encontrando palavras que eu não conheço naqueles balões dos personagens e a imagem acaba me dando o contexto e fazendo entender a historinha. Mesmo não entendendo tudo que estava ali escrito, eu sempre pedia para minha amiga ouvinte, que comprava esses quadrinhos. Eu acho que essa experiência com os quadrinhos me ajudou no humor. Não sei dizer com certeza, mas um outro exemplo é a Turma da Mônica. Mesmo que eu não entendesse as palavras, o humor era muito explícito e simples de entender e eu amava e me divertia muito com os trabalhos dele e ele era o único. Às vezes, eu queria me aventurar em outras obras humorísticas, mas tinha muita dificuldade e não entendia o humor ali presente, mesmo quando tinha tradução para Libras, mas com a Mônica era muito mais claro e eu amo. Também admiro demais os personagens, Cascão e Cebolinha, mesmo depois de mais velho, eu ainda compro e me inspiram na criação do humor que eu faço e as pessoas adoram, riem muito (Francisco).

E outra forma de ler é indicada por Arlindo, da época em que estudava. Explica que o autor Paulo Freire o inspirou, que mudou o ensino para surdos. Destaca também a importância da percepção visual com vídeos em Libras.

Esse assunto me fez refletir bastante principalmente na época da minha formação em que li Paulo Freire. O autor fala da importância de ler as palavras para ler o mundo. Na leitura das imagens, o aluno surdo encontra os significados das palavras e desenvolve a escrita. Por isso, eu destaco a importância da Literatura Visual em Libras como base para compreensão da Literatura, para o aprendizado e desenvolvimento de diversos conhecimentos. E foi por isso que eu organizei esses materiais, estratégias e métodos para a educação de surdos com base nesses materiais (Arlindo).

Quando li a entrevista de Arlindo, ele disse que não sabia Libras, e queria saber mais sobre as escolas nas quais eu estudara, mas não sinalizou isso na entrevista. Fui perguntar ao Arlindo pelo WhatsApp: “você nunca estudou na escola de surdos? Só escola regular? Teve intérprete de Libras? Primeiro contato com surdos foi somente no Letras Libras?”. Fiquei surpresa com a rápida resposta dele. Ele escreveu na mensagem que

levava um pequeno gravador e gravava as aulas, depois pedia para meus familiares transcrever para mim. Áudio (gravador de bolso) minha família ouvir e escrever para mim. E Gravar aula (áudio) irmã traduzir libras e escrever português para mim entender. Eu próprio pesquisar. Ver dicionário. Perguntar irmã etc (Arlindo)¹⁵.

¹⁵ Mensagem transcrita diretamente do WhatsApp, sem revisão linguística.

Então, os familiares de Arlindo eram ouvintes e o excerto mostra que ele foi ajudado e apoiado no seu desenvolvimento e aprendizagem. A irmã sabia Libras – importante para se comunicar com seu irmão surdo – e a família transcrevia as aulas gravadas. Esses excertos revelam como se constituir um espaço de comunicação entre surdos e ouvintes.

Além disso, encontrei, nas entrevistas narrativas, questões como **desigualdade**. Verônica, por exemplo, narrou que teve relação com ouvintes no curso que fez e contou com a ajuda de colegas nas aulas, mesmo não havendo a profissão de intérprete de Libras: “Nas exposições eu era a única surda, todos os outros eram ouvintes. Não havia intérprete. Acontecia de o colega ao lado me ajudar, eu copiava as anotações” (Verônica).

Comecei a entender o significado de desigualdade quando participei da Disciplina *Seminário Especial: Desafios da Educação Contemporânea: Racismo e Desigualdades Múltiplas*, ministrada pela professora Graciele Kraemer, em 2021/01, na UFRGS, e li o livro *O Tempo das Paixões Tristes*, do autor François Dubet (2020), professor emérito de Sociologia da universidade de Bordeaux II e diretor de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Sobre a experiência das desigualdades, Dubet (2020, p. 13) diz:

De início, as desigualdades são vividas como uma experiência singular, como um desafio individual, como um questionamento do próprio valor, uma manifestação de desprezo e uma humilhação. Progressivamente, desliza-se da desigualdade das posições sociais para a suspeita de desigualdade dos indivíduos, que se sentem ainda mais responsáveis pelas desigualdades que os afetam, pois eles se percebem como pessoas livres e iguais por direito, com o dever de o declararem.

Aparecida disse nunca ter sofrido gestos de desigualdade pelos ouvintes, mas se sentiu agradecida pelo estudo na escola, quando a professora lhe ensinou como ser independente na sociedade:

Eu sou muito grata de ter estudado lá [Escola Dulce] porque me deu oportunidade de ser independente, independente dos meus pais ou de intérpretes. Na época, nós não tínhamos intérpretes. Os professores sempre diziam que era bom que a gente aprendesse a oralizar e o português escrito para não sofrermos muito preconceito na sociedade. A sociedade antigamente era muito preconceituosa, vocês sabem como era e as coisas que aconteceram (Aparecida).

Phyllis Wilcox (2005, p. 78) explica que “[...] os valores culturais são algo compartilhado; os membros precisam aprender, aceitar e compartilhar os valores do grupo antes que eles possam ser considerados como parte dessa cultura. O mesmo ocorre com a cultura Surda”. Isso é positivo, como relação entre culturas e línguas diferentes. Precisa-se aprender a conviver com uma cultura diferente, compartilhar de experiências, concepções de trabalho, família, escola e modo de vida nesses processos sociais.

Há, muitas vezes, uma desconexão da cultura surda, mais ligada à “comunicação”, que sensibiliza a comunidade surda, uma vez que os surdos nascem num país cuja Língua de Sinais não lhes chega automaticamente, mas, sim, por meio de um processo de prática de convivência. Então, diferentemente da cultura ouvinte, deve-se aprender a escrever português para se comunicar inicialmente na sociedade.

Sherman Wilcox e Phyllis Wilcox (2005, p. 94), acerca de refletir e dialogar sobre compartilhar informação, dizem que: “A informação é um item altamente valorizado na cultura surda, talvez porque em suas excursões ao mundo ouvinte – na educação, no trabalho, no comércio, etc. – a informação seja sempre tão difícil de ser conseguida”. Segundo Thomas Holcomb (2011, p.141):

A realidade para os não surdos é que eles são constantemente bombardeados com informações. Eles ouvem sem querer a conversa de outras pessoas. Eles mantêm rádios ligados o tempo todo, que transmitem informações. Eles têm famílias que compartilham notícias e fatos interessantes diariamente. Eles têm todos os tipos de material impresso disponível para leitura atenta. Por esses motivos, não se sentem obrigados a saírem da rotina para trocar informações com outras pessoas.

A frase “**não se sentem obrigados**” é emblemática, pois os surdos se sentem obrigados a ensinar o ouvinte, porque precisam conviver e comunicar-se na sociedade. Na entrevista, o surdo idoso Francisco explica que trabalha com alunos ouvintes, e demonstra preocupação com a falta de conhecimento da Libras entre os professores, sobretudo porque ensina Libras no curso para alunos ouvintes.

Um ano se passou e eu fui chamado para trabalhar no Centros de Capacitação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), que atende pessoas com várias deficiências. O CAS ficava bem pertinho do INES, então eu já vinha observando a instituição e me preocupava muito como os professores ouvintes estimulavam o desenvolvimento dos alunos surdos porque esses professores não sabiam Libras. Então eu entrei no CAS como professor com o intuito de promover o desenvolvimento e a aquisição da Libras (Francisco).

É uma estratégia de interação com os ouvintes, como outras possibilidades de se pensar produzindo, consumindo e conhecendo a cultura surda. Quanto mais informados de que surdos precisam de mais acesso a materiais de ouvintes, mais se adapta a cultura surda. O professor de Libras e surdo, Guilherme Nichols (2016, p. 23), explica compartilhar pela família:

Mas cada família, embora todas compartilhem a mesma cultura, pode ter regras mais rígidas ou mais flexíveis. A literatura é um elemento de interseção entre todas as culturas, e é importante na transmissão de valores e regras morais, que passam de geração em geração, mas que também sofrem mudanças no decorrer da história.

Por exemplo, Arlindo na entrevista disse que, durante a aula, ele não conseguia entender nada do que o professor falava. Ele ia para casa e pedia à sua família para lhe mostrar no livro as imagens do que o professor falara.

O professor falava em português (oralizando) durante a aula e eu não conseguia compreender as palavras, não conhecia os termos. Quando eu chegava em casa depois da aula, eu pegava o livro para ver as imagens e com base nelas eu ficava refletindo até entender (Arlindo).

A educação escolar pode ser refletida a partir de práticas que buscam definir limites aos indivíduos, adequá-los a um contexto social. Porém, ao pensarmos em um lugar de interculturalidade, não adianta somente focar naquilo que a instituição força a fazer. Precisamos ser capazes de nos sensibilizar com as formas de vida que são criativas mesmo quando estão (aparentemente) subjugadas. Um dos ensinamentos que recebi de Aparecida (uma das surdas com quem conversei) foi o fato de ela conseguir, mesmo que em um longo período de tempo, mostrar à escola em que ela havia estudado (escola de surdos na qual o oralismo era a orientação principal) que a Libras dinamizava as explicações para os surdos. Embora, na época em que Aparecida iniciou a docência, o uso da Libras em sala de aula fosse evitado pelos professores e alunos, os surdos continuavam se comunicando através dela. Aparecida conta com orgulho que começou a ser procurada pelos professores para (mesmo que como último recurso) realizar explicações do conteúdo, de regras, para resolver conflitos, etc.

A vida escolar de Aparecida, na verdade, foi diferente: ela ingressou na escola de ouvintes, no Ensino Médio, sendo aceita na escola regular porque ela era oralizada,

mas sofreu “desigualdade” de alguns professores, na disciplina de Religião, por exemplo, como ela narrou:

[...] eu fui para o Ensino Médio numa escola de ouvintes aqui em Uberaba. Eu fui a primeira aluna surda lá. Eu continuei tendo amigos lá na Escola Dulce. Eles me aceitaram na escola de ouvintes porque eu era oralizada, mas eu sofri preconceito, mas eu ia bem nas disciplinas. Sofri preconceito também com o professor de Religião, mas a mentalidade da época era muito difícil, as pessoas eram muito cabeça duras. Depois meus amigos surdos da Escola Dulce acabaram indo para a mesma escola que eu estava e o grupo de surdos foi aumentando. Então, eu fui a primeira a divulgar como era o desenvolvimento do surdo na escola e sobre a importância do Português e da Libras, mas a maioria das famílias continuava presa na ideia da oralização. Com o tempo, eles viam que não funcionava e acabavam entendendo (Aparecida).

Outro aspecto que relaciono com a interculturalidade é o fato de as narrativas demonstrarem que as experiências com a escolarização, mesmo que em escolas oralistas, produziram momentos positivos para muitos surdos. Aparecida afirma, em um momento da sua fala, que, apesar de muitos surdos relatarem memórias tristes da escolarização e da oralização, ela possuía muitas histórias felizes em sua memória. Entretanto, na fase adulta, ela queria fazer Ensino Superior, mas não conseguiu, porque a universidade a impediu:

Eu queria continuar estudando no que a gente chamava antigamente de ‘Normal’, que era Ensino Superior, mas o diretor não permitiu que eu estudasse, porque a Secretaria de Educação não autorizou por eu ser surda. Isso me causou muita angústia, e eu me sentia muito mal, porque eu queria ser professora. Como não era possível, eu pensei: o que eu poderia estudar, então? Fazer o quê? Eu fui fazer um curso técnico em Química Industrial por quatro anos e foi muito bom (Aparecida).

Outra narrativa da Aparecida, ainda sobre o Ensino Superior:

Nas duas primeiras vezes que eu prestei o vestibular, eu não fui aprovada porque eles não aceitavam uma pessoa surda e também não tinha o gabarito para conferir o resultado. Como na minha terceira tentativa eles disponibilizaram o gabarito, eu pude provar que eu tinha tirado uma nota boa para ser aprovada. Por isso, eu consegui ingressar no curso de Odontologia na Uniube, aqui de Uberaba, que é uma instituição privada (Aparecida).

A situação da Aparecida reflete o que François Dubet (2020, p. 17-19) diz:

Eles não têm a mesma ‘natureza’, o mesmo ‘sangue’, a mesma dignidade nem o mesmo valor. Esse sistema de desigualdades é da natureza ‘holística’, na medida em que a posição ocupada dentro das ordens e das castas comanda plenamente as condutas dos indivíduos: eles não escolhem seu trabalho, suas alianças matrimoniais nem sua maneira de se vestir e de crer. A sociedade decide por eles. [...] De um modo geral, não basta trabalhar junto para comer à mesma mesa na cantina, para beber junto, para se ver fora do escritório e da

oficina. As barreiras invisíveis da origem social e cultural, da cor da pele, do sexo e dos diplomas funcionam como fronteiras, por vezes, intransponíveis.

Para finalizar esta subseção, na qual busquei analisar as entrevistas, com base em contribuições teórica de autores como François Dubet (2020) e Nestor Canclini (2017), os quais me ajudaram a pensar sobre a interculturalidade, considero importante entender a presença da interculturalidade na educação e na vida das pessoas surdas em relação às ouvintes, no contexto das mãos literárias. Na próxima seção, explicarei mais sobre como analisar as mãos literárias.

7.2 “NÃO, NEM CONHECIA A LITERATURA SURDA”: ANÁLISE DAS MÃOS LITERÁRIAS

A pesquisadora Marisa Lajolo (2001, p. 7-8) comenta em seu livro, *Literatura: Leitores & Leitura*, que algumas perspectivas da sociedade acham que a literatura morreu:

[...] sabemos que é mentira, que a literatura vai bem, obrigada, está vivinha da silva, e até manda lembranças...

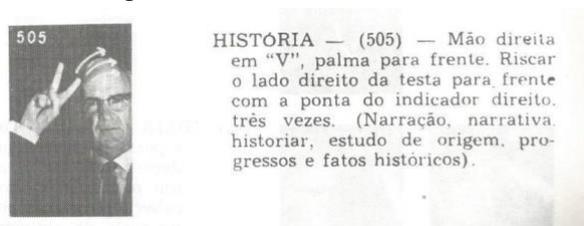
Mas ela mudou.

Mudou muito.

Mudou de cara, de endereço e até de família (Lajolo, 2001, p. 7-8).

Essa citação me faz lembrar muito a literatura surda, o contexto histórico da emergência deste conceito, da ideia e da noção que pode ser identificada a partir do sinal “história/lembrar”, conforme significado retirado do dicionário de “Linguagem das mãos” (Oates, 1990, p. 121).

Figura 17 – Sinal de História



Fonte: Oates (1990, p. 121).

Esse dicionário apresenta a foto, o modo como é articulado e, entre parênteses, o conceito do termo: narração, narrativa, historiar, estudo de origem, progressos e

fatos históricos. Assim, por muito tempo foi esse o sinal utilizado para literatura surda; posteriormente, com o aumento das produções literárias de surdos, dos estudos, pesquisas e achados, hoje temos um sinal próprio para literatura surda. Entretanto, o sinal de “história” continua até hoje, enquanto o sinal para literatura surda é usado mais na escola e no contexto acadêmico. Não significa que o sinal de história seja o novo sinal de literatura surda, mas quer dizer a forma de caracterizar conhecimento dos idosos surdos sobre esse tema.

Logo, quando os idosos surdos sinalizavam no contexto de “história”, já era algo relacionado às categorias da narrativa, humor e poesia, mas não era de seu conhecimento que esse conceito fizesse parte da literatura surda. Já a entrevista do idoso surdo Francisco mostrou que ele não conhecia o termo de literatura surda:

Meus colegas também diziam: ‘Você tem um perfil muito artístico, combina com humor, teatro’. Mas eu não entendia o que isso queria dizer porque, na época, não tínhamos acesso à literatura, teatro e outras artes, somente desenho e dança. Nunca tive a oportunidade de aprender nem Literaturas de Língua Portuguesa, nem no INES e nem na outra escola cearense em que eu estudei. Eu nem conhecia o significado da palavra Literatura (Francisco).

Não somente na família, mas também nas escolas, pois de fato há muito que não foi registrado, mas, se pensarmos nos surdos idosos, sim, eles são um registro vivo do que já se passou. O que precisamos é convidá-los a se abrirem e expressarem suas memórias, para que possamos, assim, fazer esses registros, que serão de extrema importância para a educação vindoura de surdos. Desse modo, teremos os processos históricos, as gerações e suas histórias registradas e em circulação.

Bem, como já expliquei anteriormente, pensando nas transformações e mudanças na referência da ‘história’ e sua adequação para o conceito de literatura, temos registros suficientes acerca da presença da literatura em Libras. O período da década de 1990 foi marcado por achados desses registros de obras literárias surdas, e de como viviam os surdos; quando se evidencia a necessidade e a importância do registro como um patrimônio, como de fato algo que influencia as mãos literárias e a propaga de forma rápida para as pessoas. Em períodos anteriores a esse na história, os materiais como VHS apresentavam suas limitações, não havendo a possibilidade de uso por todas as pessoas. Nas escolas, eram poucos os materiais, poucas as pessoas que podiam contar histórias ou realizar traduções. Atualmente, de fato, as redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* entre outras, têm expandido o

acesso à comunidade surda, e (quase) todos podem visualizar, influenciar e serem influenciados. Christopher Krentz (2007, p. 51) indica que:

Veditz apontou para uma verdade importante: antes do advento da tecnologia cinematográfica, as pessoas não tinham maneiras efetivas de gravar Língua de Sinais Americana (ASL). Uma pessoa não poderia apresentar a ASL por meio da escrita. Como John Burnet, autor surdo, menciona em 1835: 'Tentar descrever a Língua de Sinais por palavras, ou aprender a língua a partir de livros, é como tentar algo que não tem possibilidade de acontecer'.

Os sinais mostram o que há muito tempo já foi explicado por Christopher Krentz, de que os poucos materiais disponíveis antes dos vídeos evidenciam ainda mais a sua importância para a literatura surda. Assim, o uso de vídeos indica claramente o emprego das mãos para a sinalização, o visualizar de forma clara para compreender e as possibilidades dessas produções também para a educação. Isso ocorre por mostrarem a sinalização no contexto, as expressões, os sinais de forma clara, a língua em movimento e que não é ruído ou uma língua falada que se possa gravar somente o som, ou uma língua escrita.

Renata Bosse (2019), ao citar Paddy Ladd (2013, p. 79), afirma que “[...] a literatura é um elemento importante para contribuir para o desenvolvimento da língua. Então podemos dizer que a literatura surda já existia há muito tempo, mas até hoje há um discurso no qual a literatura surda não é uma prioridade”.

Por exemplo, enquanto sinalizo, outro surdo me olha para compreender o que quero passar de informação, isso ocorre de forma visual e, se não for presencialmente, pode-se fazer uso de outras estratégias, como um vídeo, por exemplo. O “ler” das mãos é algo que satisfaz o surdo, dá prazer à compreensão. O oral pode ser escrito, falado ou lido. O surdo, na sua cultura, pode ter duas situações: estar em contato com surdos e/ou na comunidade oral, ou seja, vive numa condição de bilinguismo.

Por isso, eu sempre falo da importância da Libras e da visualidade que faz a gente aprender rápido. Eu sempre falo isso até hoje. Eu também defendo a importância de saber as duas línguas: Libras e Português. E por que Português? Eu sempre falo para as pessoas surdas que nós moramos aqui no Brasil e que tem essas duas línguas: Libras e Português. Eu acho que é importante aprender o Português para facilitar a comunicação, facilitar no trabalho e não ficar dependente, porque são muitas as barreiras. Não estou dizendo que seja importante fazer uma oralização perfeita, mas a escrita é bastante importante. Ter uma visão de mundo bilíngue para garantir um futuro melhor. Eu tenho falado isso para os meus colegas (Aparecida).

Da mesma forma como Verônica teve contato em Português e Libras:

Foi aí que ganhei de uma amiga um folheto que continha o alfabeto manual. Ela me passou esse folheto em segredo. Fiquei muito admirada com esse material. Foi quando eu comecei a aprender esse alfabeto, já que eu nunca havia visto os sinais dessa maneira. Esse folheto eu deixava guardado no dormitório. Ali, à noite, eu estudava-o, em silêncio, como algo secreto. Ia repetindo as letras: a, b, c, d... e, assim, aprendi a Língua de Sinais (Verônica).

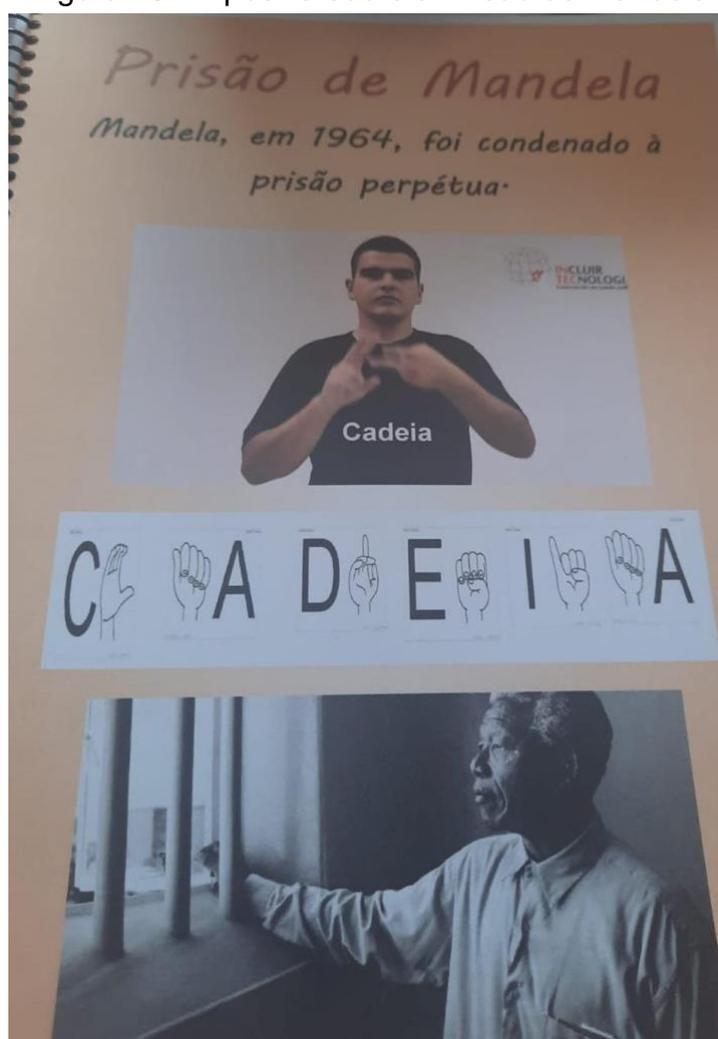
A colega Verônica viu a imagem de um alfabeto manual com letras num papel escrito, no processo de leitura da Língua Portuguesa, mas também nas letras em Língua de Sinais, onde se destaca o português em relação aos sinais. Aqui, deve-se lembrar que a Literatura pode estar sim vinculada aos diferentes tipos, seja piadas, narrativas, poesias e ainda ao alfabeto. O destaque da entrevistada se direciona para o quanto isso ampliou sua comunicação e facilitou sua indicação a outros surdos, tanto das palavras quanto de seus significados.

Dando continuidade, sigo com a análise de narrativas do entrevistado idoso surdo Arlindo, que mostrou uma apostila através do vídeo de entrevista.

Nessa apostila, tem a história de um homem muito importante [mostra uma apostila escrita 'História: Nelson Mandela']. Dessa maneira [mostra os textos, fotos dos sinais], o aluno surdo consegue ver o material e entender do que se trata. Na minha infância, eu olhava para os livros da escola e não conseguia entender literatura porque o professor só ficava falando em português, mas eu conseguia entender pelas imagens que ilustravam o material. E, como eu disse, a literatura é muito importante, é uma base para os estudantes surdos aprenderem e adquirirem conhecimento (Arlindo).

A discussão que o autor apresenta tem a ver com algumas diferenças entre a identidade ouvinte, o quanto a mais de informações podem acessar e receber, seja pelo fluir dos sons pelas rádios, televisão, falas ou conversas constantes que os rodeiam, ou seja, estão sempre em contato com a produção das informações. Contrariamente ao que acontece com a maioria dos surdos, a começar por suas famílias, que em grande maioria são ouvintes, e entre os quais alguns não sabem Libras, como dito na citação acima. Como, então, captar o que é uma informação importante?

Figura 18 – Apostila sobre a Prisão de Mandela



Fonte: Entrevistado Arlindo (2022).

No momento da entrevista narrativa, ele me mostrou um livro do Mandela, comentando que, ao olhar a imagem e realizar a leitura, já se compreende o contexto, já se tem entendimento do que se trata. Da mesma forma, fez um comparativo, de quando ele era criança e ia na escola, e os professores somente faziam uso da fala oral e ele somente sinalizava, de modo que as imagens permitiam, naquele momento, algumas conexões com o que lhe estava sendo apresentado, permitindo seu entendimento. O pesquisador Cláudio Mourão (2016, p. 127) traz uma reflexão que convém ser apresentada, que complementa a fala do sinalizante Arlindo:

Com relação às suas línguas, tanto leitores/oral literário quanto visualiterárias/mãos literárias transmitem suas palavras/sinais significados e produzem significados em sua casa literária. Fazer uma leitura sinalizada

(visualiterária) ou ouvir as palavras literárias (o sonoro e literário) são o que levam ao gosto pela literatura, transmitem o prazer e os valores culturais.

Sob essa perspectiva, o idoso surdo Arlindo pensou no quanto poderia criar materiais que fossem usados por crianças surdas, envolvendo as duas línguas, Libras e Português, de forma adaptada à cultura surda. Assim, teriam visualmente a compreensão necessária e o prazer pela cultura surda.

Na entrevista realizada com a surda idosa Aparecida, comentou ela sobre ser ensinada pela sua professora, no acesso às literaturas clássicas, como por exemplo Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, porém sem de fato acompanhar a história, por serem apresentadas sempre na oralidade, o que não é compreendido por todos os surdos, pois precisariam estar associadas à Libras.

Eles também contavam historinhas, como a da Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel e Os Três Porquinhos. Era tudo contado em português falado e tinha ilustrações. As imagens ajudavam a entender um pouco mais da história do que só a leitura labial, mas muitos colegas não conseguiam compreender. Era necessário contar a história em Libras para entenderem. O primeiro livro que eu li foi o da Chapeuzinho Vermelho e me despertou muito interesse. Eu gostei muito e queria ver a história repetidamente. A leitura ajudou muito no meu desenvolvimento também. As redações e a escrita de frase a frase foram outra estratégia de trabalho utilizada na Escola para Surdos, e foram essenciais, por isso eu sou muito grata. Assim eu fui me habituando com a leitura e a escrita, por isso eu trabalhei como monitora na Escola para Surdos, ajudando os professores (Aparecida).

Assim como qualquer outro grupo de surdos, acessar as imagens e aspectos visuais leva à compreensão de forma mais clara, permite que se desenvolva melhor, pois, ao realizar-se a leitura do texto, visualiza-se, logo, temos o processo de visualiterária.

Uma questão interessante, no decorrer da minha pesquisa, foi observar que a terceira palavra ou expressão mais empregada na literatura surda é mãos literárias, em referência ao modo como os surdos leem expressões faciais e corporais, abrangendo um contato além das mãos. Todas as palavras foram criadas pelos próprios surdos, porque eles passaram pela experiência na convivência com a comunidade surda, que não pode ser apagada. Esse termo, mãos literárias, é de criação do pesquisador Cláudio Mourão (2016), apresentado em sua tese. A explicação que ele apresenta é que: mãos, por conta do fato de a língua ser emitida por esse meio, e, Literárias, tem a ver com Literatura. Aqui ressalto que esse termo não é em comum com visualiterária (que tem mais a ver com o texto em papel). Mãos literárias não têm nada de papel, mas sim com as mãos e o que é expresso pelo corpo.

O autor justifica a escolha do termo por ter muito em comum com o contexto da comunidade surda, com o uso das mãos para a comunicação.

Neste momento, de análise das entrevistas dos surdos idosos, escolhi a entrevista de Francisco, na qual ele explica que, entre os surdos, como já referido, há os que comentam sobre o quanto ele combina com piadas, teatro, algo que ele não conhecia. Ele associava a palavra Literatura ao passado escolar dele, como se fosse um conceito somente limitado ao contexto escolar.

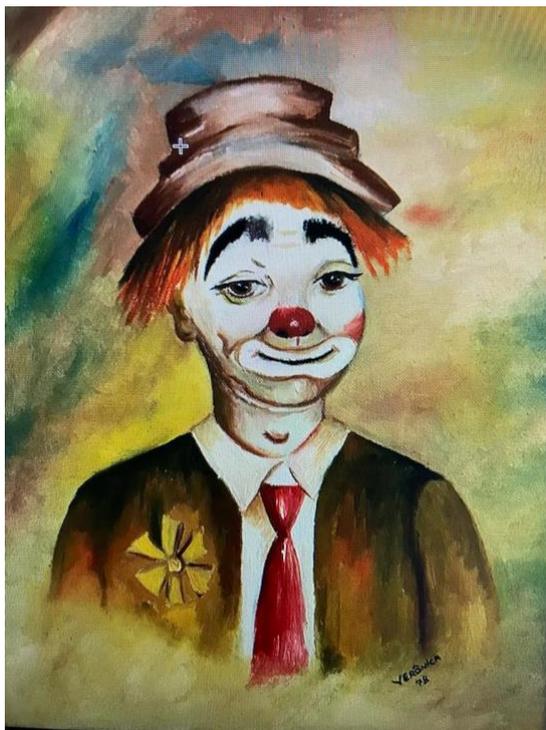
Os surdos, então, me perguntaram se eu sabia contar piadas. Eu respondi que sabia, mas que eu não podia contar piadas na sala de aula. Mas eles insistiram e disseram que não tinha problema, que eu podia ajustar as narrativas das piadas para a sala de aula. Eu dizia: 'Ah, não dá, me desculpem, mas eu não posso'. Por fim, eu acabei aceitando e deixando as piadas mais adequadas para a sala de aula e os alunos gostam e riam muito. Eles prestavam muito mais atenção na aula e amavam quando eu contava piadas (Francisco).

Vamos pensar nele enquanto contador de piadas, o que não é algo simples, mas era como as pessoas que moravam em sua região o conheciam. Nessa análise, aproveito a citação de Carolina Silveira (2021, p. 146), em seu artigo sobre *O riso na cultura surda - interpretando piadas*, na qual comenta que “Na comunidade surda, o partilhamento de piadas sempre existiu, mas só mais recentemente aconteceu o interesse pelo registro e a análise das piadas mais conhecidas. Só há alguns anos as piadas surdas começaram a ser tomadas como algo sério, que podia ser estudado”.

Francisco, um surdo idoso que sabia contar piadas, nunca havia registrado algo sobre isso, mas sabia expressar-se com mãos literárias. Em associação à Literatura, tal capacidade revela o quanto é importante essa experiência, sobre o que já passou e aconteceu.

No vídeo da entrevista narrativa da surda idosa Verônica, ela fala sobre a primeira pintura que fez do desenho de um palhaço. Mas, qual teria sido seu motivo para escolher um palhaço como tema da sua arte?!

Figura 19 – Primeira Pintura da Verônica



Fonte: Arquivo autora (2023).

Eu o fiz porque eu sempre adorei palhaços. Via-os na televisão e gostava da forma como eles se expressavam, usando mímica. Eu sentia uma identificação com os surdos por causa disso. Não falavam, apenas se movimentavam, faziam graça, palhaçadas. Eu amava. Então decidi fazer esse desenho (Veronica).

Aqui, aproveito um trecho interessante de Ferreira Gullar (1982, p. 28), que é escritor, poeta e tradutor, autor do livro *Sobre Arte*, no qual destaca: “Naturalmente, esse mundo outro que o artista cria ou inventa nasce de sua cultura, de sua experiência de vida, das ideias que ele tem na cabeça, enfim, de sua visão de mundo. Em comum com o que o autor fala, temos o exemplo de Verônica, que achou que o palhaço se assemelhava ao surdo, por ele também não falar nada, usar gestos, expressão corporal, a refletir não sobre ser um palhaço, mas sobre a sua representação. Assim, ela concebeu sua arte com base em tal conceito, por conta dos aspectos característicos que lembram o surdo. Em momento algum ela parece ter associado o surdo a um palhaço, mas encontrou paralelo em algumas características, pois visualmente o palhaço também precisa se expressar de forma clara, por meio de suas reações corporais e faciais, em sua forma de atuar e expor-se ao mundo.

Na mesma linha, o entrevistado Arlindo, que buscou muito conhecimento, estudou bastante, fez a graduação em Letras e Literatura, refletiu sobre essas

questões e se posicionou, ao decidir ensinar ouvintes, para que estes pudessem compreender como ensinar crianças surdas, até porque a literatura é fundamental. Ele reforça que a primeira coisa que devemos aprender é a literatura, que será a base, trará subsídios para se construírem as narrativas. Ele reforça, sobre o que é ensinado, contado da arte e associado à Literatura, sejam livros ou outros meios, mas que dão lição, ensinamentos de vida.

Na fase adulta, eu entrei no curso de Letras Libras, me formei e fui ter a experiência de trabalhar no ensino superior. Eu penso que seja muito importante que as crianças e jovens alunos surdos tenham uma base e compreendam os conceitos e os termos literários. A literatura visual dá uma base de conhecimento para os surdos se aprofundarem em diversos assuntos, porque o surdo tem uma experiência de mundo que é visual. A partir disso, eu fiquei pensando como eu poderia ensinar aos meus alunos da universidade para que eles trabalhem com literatura surda nas escolas (Arlindo).

O idoso surdo Arlindo teve sua preocupação com o que é oferecido aos ouvintes, que num tempo estarão ocupando vagas e em contato com surdos, que precisam estar munidos de material e assim conseguir dar às crianças literatura, material visual e compreensível.

No momento da entrevista da Verônica, ela explicou como foi a experiência quando foi convidada para dar aula para pais dos alunos, mesmo sendo ainda uma aluna na escola. Ela ensinou a contação de histórias para crianças, para que os pais pudessem contar para filhos.

Pela manhã, eu participei de outro momento, voltado para os pais de alunos surdos que desejavam aprender a Língua de Sinais. Para eles eu também contei uma história. As mães dos alunos estavam sentadas em um semicírculo, e eu contei uma história para elas. Elas queriam aprender para que, depois, pudessem contar para seus filhos. Foi uma boa experiência (Verônica).

Durante a entrevista, perguntei-lhe se ela o fazia também, contava para sua filha. Ela confirmou:

Sim, eu também contava para minha filha, sempre comprava livros de histórias infantis. Contava a do Patinho Feio. Ela ficava curiosa sobre a história. Eu explicava que os patos eram todos brancos, ou amarelos, e estranhavam que apenas um deles era preto. Os outros o rejeitavam, por isso o Patinho Feio se sentia solitário. Ignoravam-no e saíam para passear. Depois disso, o patinho voltou e finalmente foi aceito entre os irmãos. Outra que eu contava... não me lembro, eram tantas... Minha filha sempre foi muito curiosa. Todos os dias, lá pelas 8 da noite, eu contava histórias, então ela dormia. No outro dia, tinha que ir para a escola. À noite, eu contava histórias de novo (Verônica).

No caso do idoso surdo Luiz Renato, que estava muito tímido e não sabia como explicar como aprendera as piadas, ele narrou: “Eu sempre faço piadas, mas assim de cabeça, eu não me lembro bem mais, já sou um senhor aposentado de piadas” (Luiz Renato).

Da mesma forma, quando li a análise de Francisco, percebi o emprego do sinal “**aposentado**”, na entrevista:

Os anos se passaram, meus colegas surdos me contaram que o Nelson Pimenta estava morando nos Estados Unidos e parece que tinha um curso lá de língua de sinais e teatro. Eu fiquei muito surpreso sabendo disso. O tempo passou, o Nelson voltou ao Brasil e eu me encontrei com ele. Ele me contou da sua experiência e eu fiquei de queixo caído com tudo que ele me contou. Eu compreendi que muita coisa sobre humor que eu não sabia e estava fazendo errado. Ele me disse para fazer também o curso, que me ajudaria muito, mas eu já tinha meus 57, 58 anos de idade, já não tinha idade para isso, já estava em idade de me aposentar. Eu continuei fazendo humor do meu jeito. Às vezes me convidam para fazer apresentações artísticas, contação de histórias humorísticas, mas não é sempre (Francisco).

O termo aposentado não significa “parar de trabalhar”, mas é uma espécie de metáfora. No caso, Francisco tinha experiência há muitos anos em prática humorística com a comunidade surda, ele continuava a trabalhar com o humor, em eventos, encontros, família, etc. A entrevista de Luiz foi curta, enquanto Francisco ficou mais um pouco, porque estava acostumado com o uso de vídeos no curso de Letras Libras.

Nesta seção, compreendemos as mãos literárias na forma da literatura surda, relacionadas à aprendizagem dos processos pintura, humor, ensino de literatura e leitura na sociedade. A próxima seção, de Análise das Mãos Literárias, evidencia como eles ingressaram nas escolas.

7.3 ANÁLISE DAS MÃOS LITERÁRIAS: INES E OUTRAS ESCOLAS

Para ratificar o que digo a respeito do INES, trago um pouco do material elaborado e organizado no ano de 2021, por Marianne Stumpf e Ramon Linhares, o livro eletrônico da coleção: *Ensinar e aprender em Libras Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*.

Essa coleção possui cinco volumes, e em especial me chamou atenção o volume 1, que fala sobre *Fundamentos históricos conceituais para curricularização da Libras como primeira língua*. Esse material teve duas partes, a primeira falava sobre

Educação escolar de surdos no Brasil: fundamentos históricos e legais para pensarmos um currículo de libras. E, a segunda parte, discorria sobre saberes surdos na base da educação escolar bilíngue de surdos, debates conceituais fundamentais. Essas partes citadas foram complementadas por outros materiais, na primeira apresentavam escolas de surdos, lembrando como os surdos, no Brasil de antigamente, mobilizaram-se para acessar as escolas, também comentando sobre inclusão e sobre bilinguismo, em referência à escola. Nessa parte, vimos sobre os documentos e o teor deles, sob o aspecto político e educacional. Também falava acerca da linguística, sempre com foco na pessoa surda. Pensando no território nacional, o INES comportava surdos de todas as regiões, Sudeste, Sul, Centro Oeste, Norte e Nordeste. Já a segunda parte falava sobre as crianças e o acesso às duas línguas no Brasil, se acessamos somente a Libras ou outras línguas também. Mencionava-se o protagonismo do surdo, quem é enquanto sujeito e fala da cultura surda no espaço escolar. Isso nos indica claramente a possibilidade de a educação estar associada à cultura surda e à educação de surdos.

Nas considerações apresentadas pelos entrevistados, houve um destaque pelos idosos surdos de suas experiências em escolas de surdos. Nesse sentido, trago as reflexões sobre como foi o primeiro encontro dos surdos com a escola regular, se houve intérprete de Libras ou não, como aprenderam Libras etc.

Nessas experiências, acerca daquilo que as pessoas apresentavam da sua cultura e vivência surda, houve fatos que podiam ser mostrados aos outros, isso precisaria ser registrado, mas não somente na escrita, também sinalizado, filmado, com visibilidade e força.

No início do trabalho, eu já havia explicado que as entrevistas seriam com idosos surdos de regiões brasileiras. As histórias são muito semelhantes entre si, e deve-se considerar que o processo educacional na época acontecia praticamente em um só lugar, principalmente no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Naquela época, alguns surdos passavam a semana no INES e finais de semana com a família, enquanto outros permaneciam o ano inteiro longe de casa, voltando somente no período de férias, dependendo de onde moravam, a relação com ou a condição financeira da família. E suas idades alternavam bastante, não havia um padrão definido. O INES tinha um processo de educação baseado na Libras, no fortalecimento do seu uso, do ser surdo, do aprender, do apropriar-se e, depois, ao

voltarem às suas cidades de origem, colaborarem com quem lá estava e que precisava se apropriar também. Segundo o idoso surdo Francisco:

Quando eu entrei na escola INES, meus olhos saltaram porque eu comecei a aprender Libras com mais fluência com meus colegas surdos em comparação ao que eu aprendi nos anos iniciais. Eu tive uma evolução muito maior e muito mais rápida e fui pegando esses conhecimentos de surdos de todas as idades. Lá o pessoal também admirado comigo falava: 'Nossa, da onde você é? Que jeito diferente você tem que sinalizar!'. Eu explicava 'Eu sou do interior do Ceará', mas eu era muito tímido nessa época. Todos diziam 'Nossa, que legal! Olha, tem sinais parecidos e tem sinais diferentes'. Eu convivia e aprendia muito com meus colegas SURDO 1, SURDO 2, SURDO 3 e SURDO 4¹⁶. Por vir de escola regular tradicional, faltava mais fluência na Libras, mais conhecimentos aprofundados. Eles começaram a fazer brincadeiras, fazer piadas, me zoar, fazer provocações, mas como eu era muito quieto e introspectivo, eu acabava não revidando e deixava eles fazerem piada comigo (Francisco).

Ele comenta que, ao morar no Rio de Janeiro e frequentar o INES, encontrou outros surdos com tantos outros sinais, cada um de uma região diferente do País. Isso porque, de tempos em tempos, eles voltavam **às suas** casas e, em conversa, **apropriavam-se de novos sinais** e isso **circulava** dos seus estados ao INES e, dali, para o Brasil. Essa disseminação teve origem no INES, uma vez que antigamente o processo educacional apresentado aos surdos era muito frágil, diferente do que hoje temos, até por conta das legislações. Francisco reforça que sua subjetividade foi algo que desenvolveu por conta do tempo de estudo no INES, até pela diferença entre o instituto e a **escola** de Fortaleza.

Ao continuar, temos recortes da narrativa de Luiz Renato, que comentou sobre o contato com um outro surdo, que não compreendia o que Luiz sinalizava, porque de fato ele não era fluente. Assim, esse homem surdo, ao questioná-lo e confrontá-lo com materiais para chegar a um entendimento, de fato o salvou e à comunidade, pois aprenderam e obtiveram a fluência da língua.

Depois de alguns anos no Pestalozzi, mais ou menos um ou dois anos, conheci uma pessoa que teve experiência de aprendizado lá no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), ele foi ao Rio de Janeiro e trouxe para Goiânia a Libras. Fiquei admirado com os sinais que ele trouxe e assim a minha curiosidade foi só aumentando, corria atrás de cada sinal e não tinha limites para perguntar sobre os significados de novos sinais. Aprender bastante, mas eu era desconfiado. Comecei a pegar os sinais com os colegas, mas quando alguém me ensinava algum sinal eu dizia: 'Ah é mentira, você está me enganando'. Eu precisava confirmar com os meus colegas os sinais para acreditar. Por exemplo, o sinal de água, o sinal de papel. Eu dizia: 'não, não, esse sinal tá errado'. Aí eu ia confirmar com outra pessoa e assim eu fui aprendendo os sinais em Libras, me desenvolvi e fiquei realmente fluente, eu era muito leigo na época, se não fosse aquela pessoa que foi ao INES, nós, surdos, não teríamos

¹⁶ No momento da tradução, a profissional intérprete de Libras me perguntou qual nome do surdo, e entrei contato entrevistado, confirmo que não lembrava o nome e só lembrava de sinal.

aprendido Libras e evoluído tão bem, até hoje seríamos ignorantes, ele salvou todos nós, surdos, me ajudou muito (Luiz Renato).

É interessante quando ele comenta o fato de “salvar”, pois há uma compreensão de que com certeza a fluência numa língua proporciona e muito o desenvolvimento da pessoa e, caso isso não seja adquirido, gradualmente ela consegue ampliar seu conhecimento e se qualificar. Ele entende que a língua valoriza o homem, possibilita o expressar-se, acerca do que pensa ou sente, do que é ser surdo e sua cultura. Um acréscimo a esse recorte é a fala de Rachel Sutton-Spence (2021, p. 77), sobre essas narrativas:

Nas narrativas em Libras, as pessoas são muito mais propensas a supor que uma história é verdadeira e é menos claro se a narrativa da experiência pessoal aconteceu com o contador ou com alguém parecido com essa pessoa ou, ainda, se poderia ter acontecido, mas nunca aconteceu. O importante não são os fatos verdadeiros, mas os que relatam a experiência dos surdos.

É possível percebermos que, acerca de fatos, acontecidos ou desconhecidos, o importante não é saber o que é verídico, mas sim suas narrativas e experiências diversas. Nas falas de Luiz e Francisco, podemos observar essa valorização pela narrativa, que se originou no INES. Isso comprova a importância do instituto no Brasil, na história dos surdos, e entre os entrevistados, uma vez que foram três, com a Aparecida, que segue abaixo, que comentaram sobre ele e seu valor na educação de surdos, inclusive até os dias atuais.

Na entrevista de Aparecida, o que fica explícito é o fato de o professor ter ido até o INES em busca de metodologias, embora o foco na época para ela fosse a oralização, com um pouco de Libras, o que no contexto de Aparecida não era proibido. Essa professora, segundo ela, foi quem criou a escola, e acreditava na escrita como meio de comunicação dos surdos com a sociedade. “O INES tinha uma diretora, na época, que se chama Ana Rímoli, que ajudou e orientou a professora Dulce no projeto de criação da escola em Uberaba” (Aparecida).

Ao dar sequência, apresento uma citação de Ladd (2013, p. 103):

A importância da narração de histórias na cultura dos surdos não deve ser entendida tão simplesmente como uma forma de escapada. A sede de informação é um tema importante numa cultura com acesso negado não apenas às emissões dos média e à comunicação pública através da

ignorância, mas por causa das restrições oralistas adicionais, exclusão da informação parental e educacional. Para complementar o quase completo isolamento da cultura majoritária, por causa do Oralismo, o acesso à informação escrita também estava desta forma seriamente limitado.

Ela deixa explícita a importância das narrativas na história para a cultura surda. Isso nos mostra que, independentemente da narrativa e do surdo, o que se destaca é a sinalização e a visualização da língua, que é o que se pode oferecer de material cultural e valioso, um verdadeiro patrimônio. São bens que não podem se desapegar, são contínuos, precisam estar em movimento, estruturação constante, com narrativas que se complementam. E essas experiências, ao serem percebidas como recorrentes, reforçam e indicam que há uma comunidade.

Segundo Lucyenne Vieira Machado (2007, p. 73), “Contar suas histórias, narrar suas questões fazem desses narradores, autores não só de si, mas de todos que são parte do coletivo que é o movimento surdo”. Então, essas narrativas se associam à literatura surda, são incluídas ali, como estruturas de uma narrativa, com os fatos do que aconteceu, com a memória, o espaço, o lugar onde se viveu. A narrativa pode criar uma história, uma experiência pessoal do surdo, criar um dia de comemoração ao surdo, o que evidencia a cultura surda como um modelo. A narrativa vai sendo introduzida, desenvolvida e concluída, assim o surdo sinaliza com seu jeito, seu tipo, se é com mais expressão, associando-se sempre à questão visual.

Naquele momento, a professora percebeu a importância da Libras, mas ainda tinha muitas barreiras porque muitas famílias não aceitavam a Libras. A Dulce ficava muito aborrecida, mas não deixava de tentar. E meus colegas surdos ficavam sempre comigo porque eu sabia ler e escrever e eu explicava para eles em Libras para compreenderem. Tinha essas famílias que não aceitavam a Libras, então eu tentava só oralizar para explicar, mas não tinha como sem Libras. Eu precisava saber Libras para conseguir ajudar eles mesmo e isso me ajudou muito. Ainda tem pessoas que dizem que oralizar em português é melhor que Libras, que Libras não é necessária. Mas não é verdade e isso eu descobri desde pequena. Se eu somente oralizasse eu nunca ia conseguir me desenvolver plenamente (Aparecida).

Na narrativa de Verônica, sobre quando entrou na escola de surdos, ela diz que, até então, ela estudava na escola com surdos e ouvintes, e sabia pouco de Libras. Como sua reação:

Depois de um tempo nessa escola, sem comunicação em Libras, fui levada para outra instituição, a Escola Frei Pacífico. Eu tinha em torno de cinco anos, era pequena. Quando cheguei lá, eu estranhei um pouco porque havia alunos maiores que conversavam em Língua de Sinais. Aquelas pessoas

sinalizando, pequenos que também sinalizavam, me deixou um pouco confusa. Acabei não me adaptando à escola (Verônica).

Ela ficou confusa, porque não sabia exatamente o significado da Língua de Sinais, que ela não havia aprendido. Depois de um tempo, ela voltou à escola de surdos, e sua vida mudou, ela ficou mais feliz quando aprendeu a Língua de Sinais com surdos na escola.

Esse aprendizado me deixou muito feliz. Até então eu havia sofrido muito com a oralização, não havia o entendimento sobre a Língua de Sinais. Eu observava que com todos os outros surdos era a mesma coisa; havia o mesmo sofrimento com essa prática e com os constantes e custosos atendimentos fonoaudiológicos (Verônica).

Assim como Verônica teve experiência em três escolas diferentes, Aparecida explicou sobre seu processo de aprendizagem escolar:

[...] eu comecei a estudar na Escola para Surdos Dulce de Oliveira e completei o quarto ano. Hoje a escola tem até o nono ano. Quando eu ia passar para o quinto ano, eu fui para uma escola de ouvintes e fiquei frequentando as duas escolas. E, nessa escola de ouvintes, eu estudei até o oitavo ano e o Ensino Médio também. Mas, na Escola para Surdos, eu só estudei até o quinto ano. Mesmo assim, eles continuaram me apoiando na Escola para Surdos com a escrita em português, nas dificuldades que apareciam (Aparecida).

É interessante como as duas idosas surdas tiveram experiências parecidas em escolas diferentes. Destaca-se o caso de Aparecida, que já havia frequentado uma escola de ouvinte e depois esteve numa escola de surdos como reforço de aprendizagem. Na verdade, é comum os surdos precisarem de um reforço, pela Língua de Sinais. Assim como dito nas narrativas das entrevistas, elas, portanto, nunca tiveram intérpretes de Libras em sala de aula, razão pela qual é sempre preciso um apoio de linguagem portuguesa para Libras, preservando dessa maneira certos aspectos da cultura surda.

Assim como Christopher Krentz (2007) fala da câmera como uma impressão de um vídeo, em que você olha, vê a sinalização e ela fica clara, quando não há uma sinalização, há uma boa leitura disso. Segundo Sherman Wilcox e Phyllis Wilcox (2005, p. 101) explicam “[...] a comunidade surda é bilíngue. Há muitos trabalhos em inglês de poetas Surdos, escritores de peças, romancistas e ensaístas que os estudantes de segunda língua podem ler com o intuito de se familiarizar com a cultura e a experiência Surda”. É importante aos surdos, e à comunidade surda que mora no

Brasil, que saibam ler o português, para se comunicarem com a sociedade. Então, há uma possibilidade de melhorar sua leitura e conhecimento, e a literatura é a base, o início. Assim como um bebê, que precisa ser desenvolvido, para conseguir posteriormente estar melhor inserido no processo educacional.

O autor Paddy Ladd (2013) fala muito, em seu livro, que os surdos precisam ter e ser modelos de referência positiva com suas experiências, sinalizando felizes e sem vergonha na sociedade. Eles precisam estar presentes e alegres, com interações saudáveis e naturalmente no lugar em que se encontram. Enquanto surdo mais velho, há uma responsabilidade de ensinar, através das suas narrativas, em relação ao que é ser surdo. É importante compreender também o que faz parte da cultura surda quando falamos das piadas, algumas são contadas há tanto tempo e perduram até hoje, algo que vai circulando entre a comunidade.

Finalizo a seção sobre as narrativas das pessoas surdas idosas, que sinalizaram sobre escolas de surdo e ouvintes. Para mim, numa perspectiva de experiência dos surdos, o processo de aprendizagem envolvido há resistência surda e dificuldade convivência encontrada nos espaços de escolarização: fenômeno ainda atual e narrado pelos entrevistados que decorre de ambientes audistas na escola regular e/ou Ensino Superior.

8 PODE SERVIR NA MESA

A língua, para o povo surdo, é seu patrimônio, não envolve somente a educação de surdos, mas sim o cotidiano do sujeito, sua vida em sociedade e suas apropriações em meio a todo esse contexto. Afinal, é um povo com língua própria, que é sua L1, mas que faz uso de outras para conseguir se comunicar com as outras pessoas. Mais uma vez se reforça, com base nesses pontos, a importância dos registros. Esses registros podem se dar através de vídeos ou escrita de sinais, mas devem, impreterivelmente, evidenciar a Língua de Sinais (Branco, 2019, p. 80).

Em meu mestrado em Educação, escrevi, como palavras-chave: povo surdo; patrimônio; educação de surdos; Língua de Sinais, L1 e vídeos. Esta tese, por sua vez, apresenta temas relacionados às palavras-chave da minha pesquisa atual: mãos literárias, pessoa surda idosa, narrativa de experiência pessoal e interculturalidade. É uma espécie de cereja do bolo sobre como cada sujeito surdo construiu seu caminho, porque a vida cotidiana sempre impõe um detalhe misterioso de toque, mas, ao final, chega-se num topo, que envolve conquistas da comunidade surda até hoje. Como frase de Carlos Drummond de Andrade (2015, p. 40), “E de repente o resumo de tudo é uma chave”. As duas culturas, surda e ouvinte, precisam ter uma chave para entrar e conhecer as demais culturas, compartilhar, curiosidade, entender, interpretar a sua vida por meio do ato de interculturalidade.

Concordo com a professora surda alemã, Liona (2022, p. 185), autora do artigo *Mais um ano, Mais um vez...*, segundo quem “Graças às mídias sociais e ao trabalho incansável de muitos acadêmicos surdos, o mundo também tomou consciência do intenso e rápido desenvolvimento que a comunidade Surda no Brasil tem demonstrado até agora”. Em minha trajetória como pesquisadora azul, creio que me desenvolvi bastante na área de Literatura Surda, sobretudo em relação aos vídeos, mas não somente, também acerca do conhecimento de educação e interculturalidade das pessoas idosas surdas, que espero desenvolver mais no futuro.

Após a investigação, encontros virtuais com entrevistados, análises de narrativas e tudo o que compôs o trabalho da pesquisa, encontrei um **problema de pesquisa**: de que modo narrativas sobre interculturalidade são produzidas pelas mãos literárias de pessoas surdas idosas?. E, como **objetivos específicos**: resgatar

e registrar narrativas produzidas por pessoas surdas idosas e identificar as (possíveis) contribuições das mãos literárias para a área da educação.

A tese da pesquisadora azul pretende responder à pergunta **problema de pesquisa: de que modo narrativas sobre interculturalidade são produzidas pelas mãos literárias de pessoas surdas idosas?** A narrativa consiste de vários modos de descrição, numa interculturalidade inevitável.

E o que a pesquisadora azul conseguiu **resgatar**? Cinco pessoas surdas idosas, uma de cada região do Brasil. É pouco, mas futuramente quero continuar a trabalhar com surdos idosos, parceiros e outros institutos. E consegui, de algumas pessoas surdas idosas, **registrar** narrativas, e, já que várias partes de suas narrativas eram história, não poderiam faltar as mãos literárias, das vivas mãos aos espíritos dos idosos surdos, de modo que parecia tudo tão presencial, o estar junto com eles no momento da entrevista. Verônica foi a única entrevista efetivamente presencial, quando consegui sentir a energia e felicidade dela. Queria compartilhar ainda o trecho de duas narrativas: de Aparecida e Verônica, que me marcaram fortemente:

Depois, quando fui aprendendo a Língua de Sinais, tudo mudou. Sentia-me feliz com os sinais, havia emoção, tudo ganhou vida. Ao mesmo tempo, comecei a rememorar a experiência com o oralismo, me dando conta do quanto eu havia sofrido ao longo da vida. Os sinais me possibilitaram ver as coisas de forma diferente, com mais alegria – eu me sentia feliz! Foi um tipo de empoderamento também, em que eu assumi uma forma de viver como surda. Acabei abandonado as próteses auditivas de forma definitiva. Graças à Língua de Sinais, eu encontrava amigos, conversava, percebia a diversidade de formas de se comunicar, encontrei surdos e outros países. Tudo isso me deixava muito feliz – e me faz feliz até hoje (Verônica).

Pode me enviar o documento que eu autorizo você usar a minha gravação, porque eu quero espalhar essa informação. É importante! Nós precisamos nos posicionar e dar exemplo de que surdos são capazes, podem se desenvolver normalmente, podem fazer o que quiserem, qualquer coisa e se estudarem podem chegar à lua (Aparecida).

Como descobertas, duas mulheres surdas que vivem na sociedade e mostram que podem fazer o que quiserem. Assisti a um vídeo compartilhado no YouTube entre a comunidade surda, da *1º Conferência dos Direitos e Cidadania dos Surdos do Estado de São Paulo* (CONDICISURD), de 2001, da qual Aparecida participou. Isso me encantou, pois havia uma cena do vídeo, quando Antonio Campos de Abreu, presidente da Feneis naquela época, hoje aliás é o presidente novamente, diz: “Ouvintes precisam compreender a cultura surda, sem deixar de cuidar para que surdos não tenham medo, trata-se de algo a enfrentar, porque surdos têm direitos.

Espero que, no futuro, nós tenhamos uma união forte para trabalhar mais, com ouvintes também, **sempre juntos, amigos e com a confiança de sempre a todos, Brasil**".

E mais algumas cenas mostram, com texto: "Nós desenvolvemos formas próprias de expressão no teatro, na poesia, na contação de história etc." e "Recursos específicos que privilegiam a forma visual de comunicação facilitam nossa integração na sociedade". É evidente que são relevantes os vídeos que mostram que os surdos vivem e lutam para socialmente ascender em todos os aspectos: trabalho, saúde, educação, família e língua. A interculturalidade é uma chave, sempre com respeito. Percebo, nas narrativas sobre interculturalidade, que os povos surdos têm uma prática social de vida cotidiana que também é evidenciada nas entrevistas dos surdos idosos.

É importante aos surdos aprender como defender sua identidade surda, como Aparecida explicou ter acontecido durante a universidade:

[...] a professora falou indignada: 'Como pode uma surda estudar aqui? Ela não tem capacidade!'. Eu fiquei só observando o que ela dizia por leitura labial. Então, eu respondi em português: 'Eu acredito que quem é mais deficiente nessa sala é a professora porque eu não sou deficiente'. A professora ficou calada e todos os alunos ficaram olhando, pasmos. Meus amigos disseram 'Cida, você tem razão, porque ela é professora e precisa aceitar os alunos'. E eu não era a única, tinha outro colega surdo que tinha perda auditiva e ele entendiam se falavam alto com ele e eu não precisava por causa da leitura labial. A professora ficou bastante sem graça e ficava me encarando depois disso (Aparecida).

A pesquisadora azul conseguiu **identificar** contribuições das mãos literárias para a área da educação? Sim, graças aos livros, revistas digitais, bibliotecas que possuem estudos sobre mãos literárias, interculturalidade, narrativas de experiência pessoal surda. Todavia, para mim isso ainda não terminou, porque a tecnologia não vai parar. Espero, assim, revelar produções narrativas que vêm antes da criação do conceito da literatura surda, que já possuía características que não eram necessariamente parte de um texto ou contexto narrativo. Vejo que na comunidade surda sempre houve piada, teatro, contação de história, leitura. É a relevância que entende as pessoas idosas surdas, ao narrar uma forma de experiência literária, que traz o conceito das mãos literárias como forma de narrar por meio da Língua de Sinais, contexto literário e narrativo.

O maior desafio do meu trabalho, na composição da tese, foi a etapa da metodologia, porque não foi fácil encontrar surdos idosos com conhecimentos literários: por exemplo leitura de livros, capacidade de fazer poesia, atuar, contadores

de histórias. Em minha observação, durante a experiência, foi difícil encontrar idosos surdos no Brasil; não foi algo simples como postar um vídeo no *Facebook* ou *Instagram*: “alguém conhece idosos surdos, entre em contato para fazer uma entrevista”. Precisei pensar se os idosos surdos tinham conhecimento de tecnologia ou precisariam pedir ajuda a alguém para fazer as entrevistas. Também alguns idosos não queriam fazer a entrevista. Penso em analisar mais a esse respeito, quem sabe no futuro posso trabalhar mais tempo na pesquisa com idosos surdos, para obter outras narrativas.

Para a análise das entrevistas, precisei fazer as transcrições e receber o material com a tradução em português, mas o serviço de tradutor é demorado, porque precisa ser detalhado, como tradução cultural de Libras para português, já que são duas culturas diferentes. Interessante que o total de tempo dos vídeos foi de 108:51, e as traduções tiveram 25 folhas.

Aparecida, na entrevista, teceu uma longa narrativa, com muitas informações que eu precisava, não apenas porque ela era uma doutoranda, mas possivelmente pela sua trajetória em diferentes espaços de escolarização - o que está ligado com seu repertório e experiências acadêmicas. Até deixou mensagem para os leitores lerem a sua entrevista:

Pode me enviar o documento que eu autorizo você usar a minha gravação, porque eu quero espalhar essa informação. É tão importante! Nós precisamos nos posicionar e dar exemplo de que surdos são capazes, podem se desenvolver normalmente, podem fazer o que quiserem, qualquer coisa e, se estudarem, podem chegar até a Lua (Aparecida).

Verônica, por sua vez, fez vários relatos, sobretudo porque a pesquisadora estava presente, e isso foi mais confortável para ela. Como pesquisadora, precisei preparar perguntas específicas para pessoas idosas surdas, porque nem todos possuem habilidades ou conhecimentos sobre tecnologia, não creio que haja modo errado ou certo, mas minha percepção, sobre como entrevistar surdos idosos, indica que deve ser um processo presencial ou por meio de um encontro virtual, na maioria das vezes, para que eles possam se expressar melhor.

Percebi que mãos literárias podem ser narrativas de experiência pessoal, poesia, teatro, piada, vídeo cinematográfico, fotografia etc. Trata-se de compreender

as pessoas transmitindo Língua de Sinais para as pessoas lerem através das mãos. A visualiterária é como ler um texto traduzido, adaptado e criativo das Libras.

Em relação à **contribuição na educação**, como o título desta conclusão remete, *pode servir na mesa*, significa entender como trabalhar a narrativa de experiência surda relacionada a mãos literárias, para capturar os vídeos das vidas surdas, algo que outras pessoas, que fazem entrevistas com pessoas surdas, podem empregar, usando narrativas de experiência dos sujeitos surdos, porque muitos possuem histórias de vida semelhantes.

Como o surdo idoso Arlindo, que sempre orientava seus alunos nas universidades:

E eu sempre orientava dizendo ‘vocês, que serão professores, precisam saber como ensinar crianças e jovens surdos sobre Literatura Surda e entender a importância desse trabalho como base para o desenvolvimento da imaginação, do pensamento e do conhecimento’. Daí também surgiu a ideia de orientar os meus alunos a criarem e adaptarem materiais pensando em seus alunos para uma literatura visual, que fizesse sentido para os alunos surdos compreenderem. Esses materiais que mostrei antes são compostos de vídeos em Libras, o que é muito importante na aprendizagem (Arlindo).

Após entrevistar cinco pessoas surdas idosas, isso me faz pensar num novo projeto para trabalhar com mais pessoas idosas surdas das associações, talvez com articulação de outras instituições surdas, por exemplo a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul, que possui um departamento terceira idade, com datas próprias para encontros comemorativos. Penso também em resgatar os vídeos que já foram gravados, em circulação na internet, para criar um cânone das mãos literárias das pessoas idosas surdas. Segundo Christopher Krentz (2007, p. 67): “Os surdos podem agora perguntar a qualquer pessoa sobre a literatura ASL ou sobre a comunidade surda por meio de uma grande variedade de vídeos que demonstram o valor e a distintividade da cultura”.

Hoje em dia, não é incomum encontrar pessoas idosas surdas com alguma experiência literária, mas a estratégia do elemento da narrativa de experiência pessoal é um tipo de material mais vantajoso para contribuição na educação. As mãos literárias das pessoas surdas idosas transmitem suas experiências pessoais, indicando como vivem e os desafios de comunicação. Penso que precisamos de ilimitados materiais em vídeo, com tradução em Português/Libras, diferentes das

escolas, pois temos poucos materiais de narrativas sobre a experiência dos surdos idosos, principalmente materiais na literatura surda.

Por fim, percebo que a comunidade surda convive como sendo diferente, desigual e desconectada da sociedade. Prevaecem as formas de audismo, que ainda impedem o espaço de construção da comunidade, para ter acessibilidade a qualquer lugar.

Talvez a tecnologia de vídeos das mãos literárias tenha ajudado a transformar a maneira como principalmente os surdos pensam sobre o futuro para a comunidade surda nas escolas. Não se trata apenas de poesia, contação de história, humor, teatro e etc., que são sem dúvida fundamentais no ensino da vida como acontecimentos. Entretanto, espero que os surdos expressem mais suas experiências pelos vídeos em Libras com circulação na internet, para que tenhamos mais produções das narrativas e outros gêneros, valorizando e registrando as histórias da comunidade surda.

Penso futuramente, como pesquisadora azul, empreender uma pesquisa com maior compartilhamento e difusão, como contribuição da literatura surda na relação narrativa de experiência pessoal surda para a comunidade surda, numa forma estratégica de metodologia para surdos, sobretudo com o registro de vídeos.

Assim, certamente, a literatura surda chegará ao topo na cereja do bolo.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Ferreira. **SLAM SURDO e VISUAL VERNACULAR**: diálogos sobre expressões poéticas contemporâneas. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- ALICE no País das Maravilhas. Tradutores para a LIBRAS: Marlene Pereira do Prado, Wanda Quintanilha Lamarão, Clélia Regina Ramos. Petrópolis: Arara Azul, 2002. (Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom em LIBRAS / Português – Volume I).
- ANG, Ien. Sobre os estudos culturais, novamente. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (Org.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 298-309.
- BAHAN, Ben. Face-to-Face Tradition in the American Deaf Community. In: BAUMAN, H. Dirksen L.; NELSON, Jennifer L.; ROSE, Heidi M. **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006. p. 21-50.
- BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca – uma história de dois mundos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- BOSSE, Renata O. H. **Literatura surda no currículo de escolas de surdos**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- BRANCO, Bruna da Silva. **Língua de Sinais como Objeto de Consumo e a Formação em Letras Libras como Investimento em Capital Humano**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- BRANCO, Bruna da Silva; MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Hibridismo e Literatura Surda: análise de Curupira Surdo?. Dossiê Estudos da tradução e interpretação de Línguas de Sinais: questões contemporâneas. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, v. 51, p. 163-177, 2019. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/606>. Acesso em: 08 nov. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2005.
- CALDAS, Ana Luiza Paganelli. **Narrativas dos surdos idosos: subjetividade e vínculos culturais**. 2021. 185 f. Tese (Doutorado Educação) – Instituição de Ensino, Universidade Federal De Pelotas, Pelotas, 2021

CAMPELLO, Ana Regina. **Aspectos da Visualidade na educação de surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008

CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**; tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CANTON, Katia. **A cozinha encantada dos contos fadas: 23 receitas cheias de magia e fáceis de fazer**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

CASTRO, Nelson Pimenta de. **Literatura em LSB**, v.1, digital em DVD, LSBvídeo, Rio de Janeiro, 1999.

CASTRO, Nelson Pimenta de. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da Língua de Sinais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COULDRY, Nick. Estudos Culturais- podemos/devemos reinventá-los?. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (Org.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

DALL'ALBA, Carilissa. **Movimento e Educação: Uma negociação de Cultura Surda**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

DUBET, François. **O tempo das paixões**. Tradução Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2020.

FEDERAÇÃO Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Revista da Feneis. n. 01 Ano I, Janeiro/Março. 2019.

FÉLIX. Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

FERREIRA, João Gabriel D. **The Preservation of Sign Language by George W. Veditz em 1913**. YouTube, 21 set. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/wvenTpfj1QU>. Acesso em: 25 set. 2023.

FLEURI, Reinaldo M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Grupo A, 2008. E-book. ISBN 9788536318523. Disponível em:

<https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318523/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GOMES, Anie. O que significa essa tal “cultura surda”? In: GOMES, Anie Pereira Goularte; HEINZELMANN, Renata Ohlson. **Cadernos Conecta Libras 1**. Petrópolis: Editora Arara Azul LTDA, 2015.

GUIMARÃES, Jorge Sérgio L. **Até onde vai o surdo**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Tupy Ltda, 1961.

HOLCOMB, Thomas K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Ed.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora da Ulbra, 2011. p. 139-149.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aspectos éticos em pesquisas envolvendo surdos: protagonismo ou vulnerabilidade?. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker (Org.). **Ética e pesquisa em educação: questões e proposições às Ciências Humanas e Sociais**: Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 209-226

KARNOPP, Lodenir Becker; BRANCO, Bruna da Silva; POKORSKI, Juliana O. Visualidade e literatura em diálogo: bases para uma educação bilíngue de surdos. In: MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; TORRES, Regina Célia; NICHOLS, Guilherme (Org.). **#CasaLibras? Educação de surdos, Libras e infância: ações de resistências educativas na pandemia da Covid-19**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 143-162. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/06/Ebook-CasaLibras-1.pdf>. Acesso em: 03 out. 2023.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Apostila. S/d.

KRENTZ, Christopher. The camera as printing press; How film has influenced ASL literature. In: BAUMAN, H-Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE, Heidi (Org.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006.

KUSTERS, Annelies; DE MEULDER, Maartje. The camera as printing press; How film has influenced ASL literature. In: BAUMAN, H-Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE, Heidi (Org.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade 1 - Colonização dos Surdos**. Portugal: Surd’Universo, 2013.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade 2 – Compreender a Cultura Surda**. Portugal: Surd’Universo, 2017.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores & Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LEBEDEFF, Tatiana B. O povo do olho: um discussão sobre a experiência visual e surdez. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar et al. (Org.). **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

MACHADO, Fernanda de A. **Antologia da poética em língua de sinais brasileira**. 2017. Tese (Doutorado em estudos da tradução) – Programa de Pós-Graduação, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MARTINS, Francielle. **Discursos e Experiências de sujeitos sobre audismo, deaf gain e surdismo**. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Capão do Leão, 2017.

MATOS, Lucyenne da C. V. **Traduções e Marcas Culturais dos Surdos Capixabas: os discursos (des)construídos quando a resistência conta a história**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MELO, Andréa Patrícia Santos. Introdução aos estudos culturais. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 1, n. 2, p. 137-139, abr./out. 2008.

MENEZES, Magali M. de. Em tempos pós-modernos a educação como lugar de (des)encontros. In: FORNET-BETANCOURT, Raúl (Org.). **Menschenbilder interkulturell. Kulturen der Humanisierung und der anerkennung**. Concordia Reihe Monographien. Band 48. Aachen: M Verlag Mainz, Wissenschaftsverlang, 2008. (versão digitada/PDF).

MORAIS, Carla D. de. **Tecido na Língua de Sinais: Branca de neve e os sete anos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MORGADO, Marta. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena, LUNARDI-LAZZARIN, Márcia. **Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora da ULBRA, 2011. p. 151-172.

MOURÃO, Cláudio H. N. **Literatura surda: experiência das mãos literárias**. 2016. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação,

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MOURÃO, Cláudio H. N; BRANCO, Bruna da Silva. Literatura surda: analisando as mãos literárias do I Sarau Arte de Sinalizar. Dossiê Estudos da tradução e interpretação de Línguas de Sinais: questões contemporâneas. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos, v. 53, p. 51-69, 2020. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/647/696>. Acesso em: 08 nov. 2022.

MOURÃO, Cláudio H. N; BRANCO, Bruna da Silva. Sarau Arte de Sinalizar: Narrativa, Humor e Poesia. **Revista ECOS**, Cáceres, Unemat Editora, ano 15, v. 24, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3041>. Acesso em: 02 out. 2023.

MOURÃO, Cláudio. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, p. 193-199, dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/103125>. Acesso em: 02 out. 2023.

NICHOLS, Guilherme. **Literatura Surda**: Além da Língua de Sinais. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

PEREGRINO, Giselly dos S.; SILVA, Alessandra G. Interculturalidade em That Deaf Guy: Uso de tiras para problematização de estereótipos e preconceitos contra sujeitos surdos e sua língua de sinais. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, ano 34, n. 109, p. 134-149, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2019.109.134-149>. Acesso em: 08 nov. 2022

PERLIN, Gládis, T. T. Surdos: fissuras no contemporâneo. In: COELHO, Orquídea; KLEIN, Madalena (Org.). **Cartografias da Surdez**. Comunidades, línguas, práticas e pedagogia. Porto: Livpic, 2013.

POKORSKI, Juliana O. **Narrativas Surdas de Percursos Acadêmicos**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

QUADROS, R. M. de; CAMPELLO, A. R. A Constituição política social e cultural da Língua Brasileira de Sinais - Libras. In: VIEIRA, Lucienne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini (Org.). **Educação de surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 15-47.

RANGEL, Gisele M. M; KLEIN, Madalena. **Heróis/heroínas surdos/as brasileiros/as**: Busca de significados na comunidade surda gaúcha. Curitiba: Editora CRV, 2020.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ROSA, Dayane S. **Literatura Surda e Mídias Sociais: uma análise da poesia e da Arte Visual Vernacular de Fábio de Sá.** 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

ROSA, Fabiano. **Literatura Surda: o que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais LIBRAS.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

SACAVINO, Susana B. Educação descolonizadora e interculturalidade: notas para educadoras e educadores. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Interculturalizar, Descolonizar, Democratizar: uma educação “outra”?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

SANDERSON, Helenne. S. **Youtubers Bilíngues: artefatos interculturais no cenário escolar da educação de surdos.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (Org.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades surdas.** 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **Literatura surda: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais.** 2015. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda.** Canoas: Editora da Ulbra, 2005.

SILVEIRA, Rosa M. H. Entrevista na pesquisa em educação - Arena de significados. In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. v. 1. p. 117-138.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2021.

TREFZER, Rudolf. **Clássicos da literatura culinária**: os mais importantes livros da história da gastronomia. Tradução Marcelo Rondinelli. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

WALSH, Catherine. Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Interculturalizar, Descolonizar, Democratizar**: uma educação “outra”? Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a Ver**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **A Política e as Letras**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a Cidade**: Na história e na Literatura. Tradução Paulo Henrique de Brito. São Paulo: Cia das Letras, 1973.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

YÚDICE, George. **A convivência da cultura**: usos da cultura na era global. Tradução de Marie-Anne Kremer. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O presente TCLE apresenta uma versão bilíngue: em português escrito e em Libras. **Clique aqui** para a versão em Libras.

Você está sendo convidado/a como voluntário/a participar da pesquisa Cereja do Bolo: mãos literárias de pessoas surdas idosas. Trata-se de uma pesquisa de Doutorado em Educação junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A entrevista será em formato de conversa e envolve algumas perguntas sobre sua história de vida e sobre a suas experiências com histórias em Libras (literatura surda). O tempo de entrevista será em média de 45 min.

Você terá acesso às perguntas somente depois que tenha dado seu consentimento.

DOS OBJETIVOS DA PESQUISA

O problema de pesquisa que apresento envolve investigação: de que modo narrativas sobre interculturalidade são produzidas pelas mãos literárias de surdos idosos?

O objetivo principal é analisar narrativas sobre interculturalidade, a partir de narrativas produzidas pelas mãos literárias de surdos idosos.

Objetivos específicos:

- Resgatar e registrar narrativas produzidas por surdos idosos.
- Identificar as (possíveis) contribuições das mãos literárias para a área da educação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA

Você será esclarecido/a sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

RISCOS E BENEFÍCIOS

Os riscos previstos são mínimos. Primeiramente, as entrevistas serão filmadas em Língua de Sinais. A pesquisa será realizada na modalidade presencial ou online. As entrevistas online serão realizadas por meio do uso da ferramenta StreamYard e, se necessário, haverá apoio para a utilização dos recursos tecnológicos, por meio da presença de um auxiliar (colega de pesquisa) que estará junto do entrevistado. No caso das entrevistas presenciais ou online, poderá surgir cansaço por parte do entrevistado. Neste caso, a entrevista poderá continuar em outro dia, a combinar com o entrevistado.

Benefícios: Como benefício, apontamos a publicação da produção do conhecimento que resultará da pesquisa. As narrativas de experiência pessoal de surdos idosos têm um valor cultural para a comunidade surda e esse registro e compartilhamento está relacionado à preservação da Língua de Sinais e da literatura surda produzida por idosos surdos no Brasil.

Você terá acesso aos resultados da pesquisa, por meio da publicação da tese em português e do resumo expandido em Libras que será disponibilizado juntamente com

a tese; apresentação da tese em eventos acadêmicos e da comunidade surda, em Libras, pela pesquisadora.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE

Eu, _____
fui informada/o dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Em caso de dúvidas, poderei chamar a estudante/pesquisadora Bruna da Silva Branco, no telefone (51) 99762-3258 (vídeo ou mensagem escrita) e *e-mail* bbrunabranco@gmail.com, ou a professora orientadora Lodenir Becker Karnopp, no telefone (51) 9628-7801 (Departamento de Estudos Especializados/FACED) e *e-mail* karnopp41@gmail.com. O projeto foi avaliado pelo CEP-UFRGS, órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição. O CEP UFRGS está localizado na Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3787 E-mail: etica@propeq.ufrgs.br Horário de Funcionamento: de segunda a sexta, das 08:00 às 12:00 e das 13:30 às 17:30h.

SOBRE O USO DOS NOMES

- () Prefiro a utilização de meu próprio nome na pesquisa e nas publicações decorrentes da pesquisa.
() Prefiro a utilização de nome fictício durante a pesquisa e em publicações decorrentes da pesquisa. Sugestão de nome fictício: _____

SOBRE O USO DE IMAGENS

Autorizo o uso de imagens e texto em Libras produzidos durante a entrevista para fins de pesquisa e publicações posteriores, decorrentes da tese.

- () sim () não

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Estou ciente de que a assinatura desse termo não exclui a possibilidade de buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes de minha participação na pesquisa.

Observação: Se o registro do consentimento for realizado através de sinalização em libras gravada, é importante que você informe seu nome completo e que sinalize que ACEITA/NÃO ACEITA ou AUTORIZO/NÃO AUTORIZO participar da pesquisa. Deve informar ainda se prefere que use seu nome próprio ou se escolhe um nome fictício. Você poderá ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Nome completo do Participante

Assinatura do Participante

Bruna da Silva Branco

Nome completo da Pesquisadora

Assinatura da Pesquisadora

Lodenir Becker Karnopp

Nome completo da Orientadora

Assinatura da Orientadora

Local e Data: